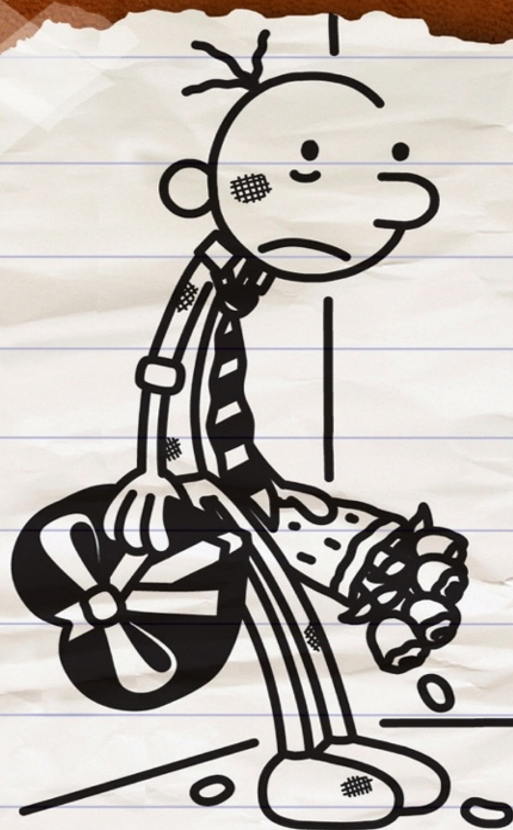
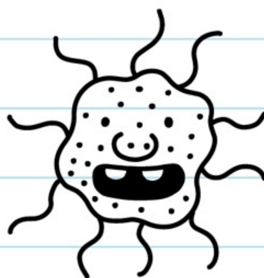
DIÁRIO de um Banana

SEGURANDO VELA



Jeff Kinney





LEIA TAMBÉM

Diário de um Banana

Diário de um Banana: Rodrick é o cara

Diário de um Banana: A gota d'água

Diário de um Banana: Dias de cão

Diário de um Banana: A verdade nua e crua

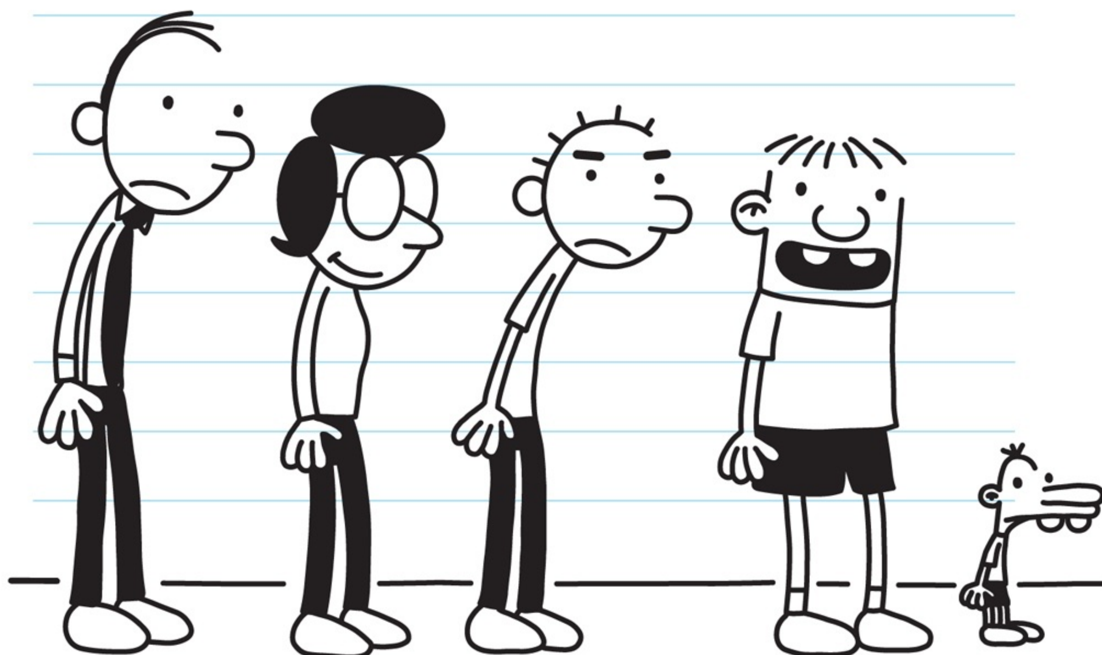
Diário de um Banana: Casa dos horrores

Diário de um Banana: Faça você mesmo

Diário de um Banana: O livro do filme

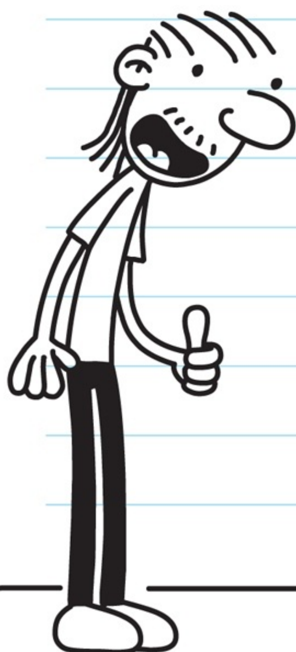
EM BREVE

Mais livros da série "Diário de um Banana". Não perca!



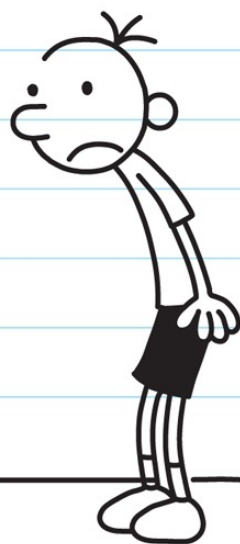
DIÁRIO de um Banana
SEGURANDO VELA

Por Jeff Kinney



Tradução:

Alexandre Boide





Criação e design: Jeff Kinney
Capa: Chad W. Beckerman e Jeff Kinney
Edição: Fabrício Valério
Revisão: Marcia Alves e Flavia Lago
Diagramação: Pamella Destefi

Publicado originalmente em inglês em 2012 por Amulet Books,
um selo pertencente a Harry N. Abrams, Inc.
Título original em inglês: *Diary of a Wimpy Kid: The Third Wheel*

www.vreditoras.com.br

Rua Capital Federal, 263 — CEP 01259-010 — Bairro Sumaré — São Paulo – SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866 • editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-484-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kinney, Jeff
Diário de um Banana: Segurando vela / por Jeff Kinney; [tradução Alexandre Boide]. — 1. ed. — São Paulo, SP: Vergara & Riba Editoras, 2013.

Título original: Diary of a wimpy kid: The third wheel
ISBN 978-85-7683-484-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

13-02418 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

PARA GRAM

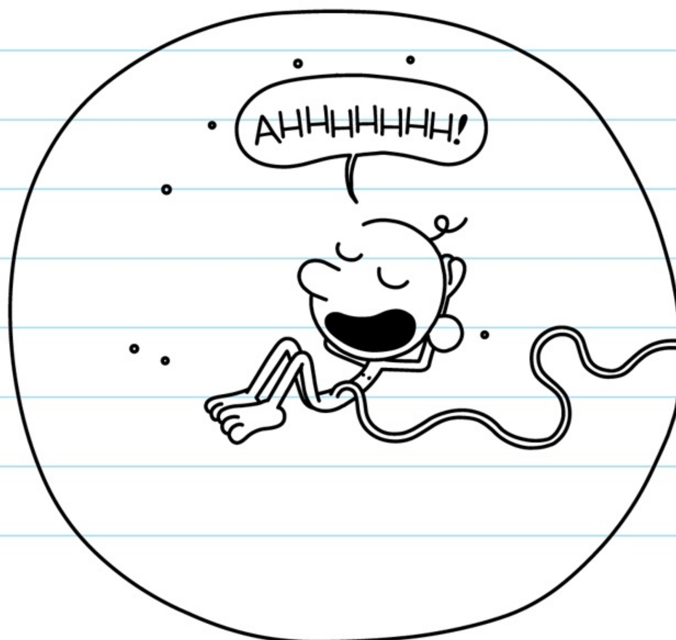
JANEIRO

Domingo

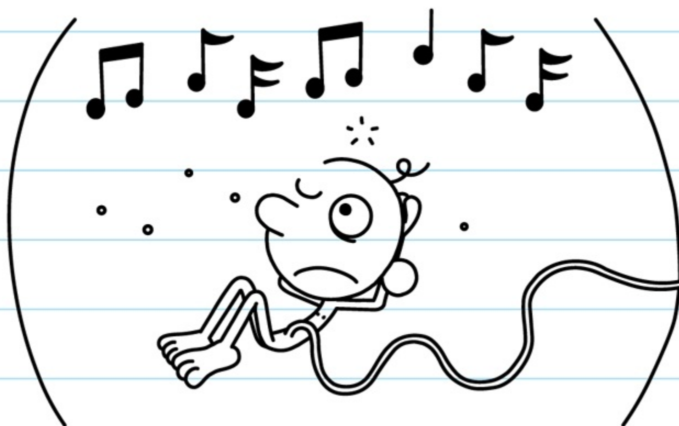
Eu queria ter começado a fazer meu diário há muito tempo, porque quem for escrever minha biografia vai querer fazer um monte de perguntas sobre a minha vida antes de chegar ao Ensino Fundamental II.

Por sorte, eu me lembro de quase tudo que aconteceu desde que nasci. Na verdade, lembro de coisas que aconteceram até ANTES de eu nascer.

Nessa época, eu ficava sozinho, nadando no escuro, dando cambalhota e tirando cochilos na hora que eu quisesse.



Aí um dia, quando estava tirando uma bela soneca, acordei com uns barulhos estranhos vindos do lado de fora.



Na época não entendi que diabo estava acontecendo, e só mais tarde descobri que era a mamãe tocando música pra mim com umas caixinhas de som encostadas na barriga.

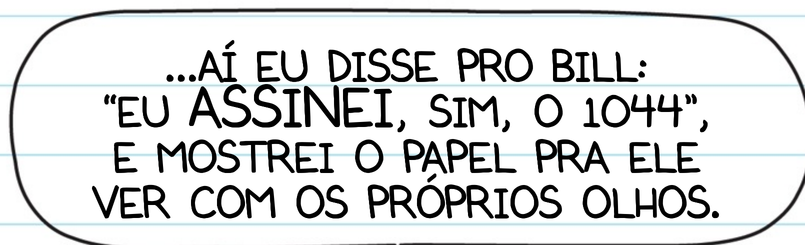


Acho que ela devia pensar que, se tocasse música clássica pra mim todos os dias até o meu nascimento, eu ia virar um gênio ou coisa do tipo.

O aparelho de som tinha também um microfone, então, quando não estava tocando música, a mamãe ficava me contando sobre sua vida.



E, quando o papai chegava do trabalho, era a vez DELE de contar o que tinha acontecido durante o dia.





Mas não era só isso. Todas as noites, a mamãe lia para mim durante meia horinha antes de dormir.

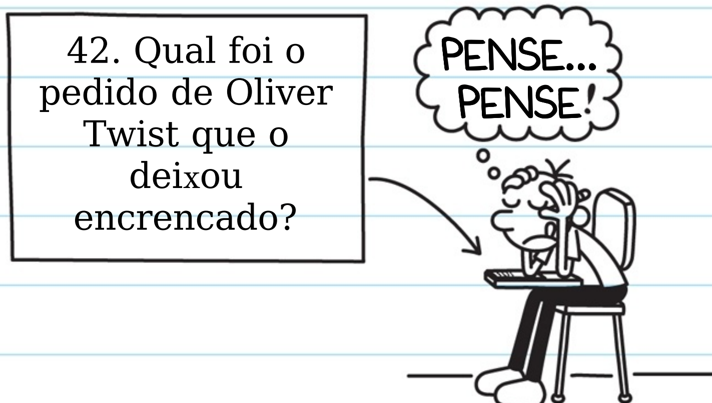


O problema era que os meus horários não batiam com os da mamãe. Quando ela estava dormindo, eu estava acordadaço.



Na verdade, eu devia ter prestado mais atenção quando a mamãe lia pra mim.

Na semana passada, fizemos uma prova surpresa de um livro que eu nem tinha lido. Tenho certeza de que a mamãe leu aquela história pra mim antes de eu nascer, mas não conseguia me lembrar dos detalhes.



Acho que, na semana em que a mamãe estava lendo aquele livro, eu devia estar ocupado com outra coisa.

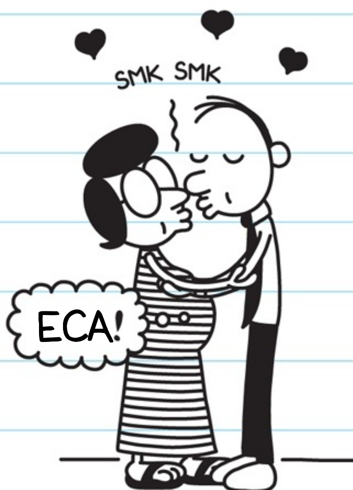


E o pior é que a mamãe NEM PRECISAVA usar o microfone pra eu ouvir o que ela estava falando.

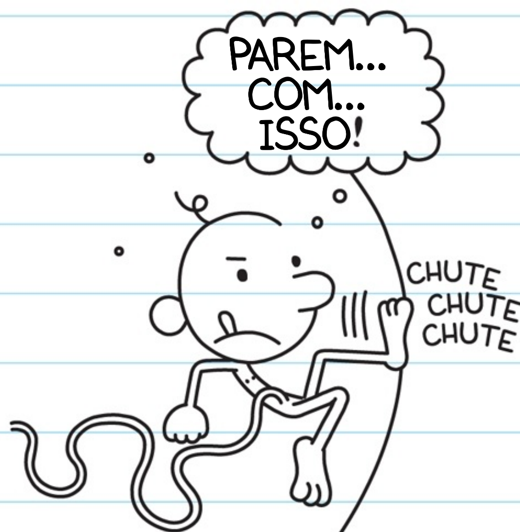
É que eu estava DENTRO dela. Querendo ou não, conseguia ouvir cada palavra do que ela dizia.



E eu também conseguia ouvir TUDO o que acontecia do lado de fora. Então, quando a mamãe e o papai resolviam dar uma de namoradinhos, até ISSO eu precisava escutar.



Nunca me sinto à vontade quando as pessoas começam a se beijar perto de mim, PRINCIPALMENTE os meus pais. Eu tentava fazer os dois pararem com aquilo, mas eles nunca entendiam o recado.



Na verdade, tudo o que eu fazia só PIORAVA as coisas.



Depois de tantos meses vivendo daquele jeito, o que eu mais queria era dar o fora dali, por isso nasci três semanas adiantado. Só que, quando senti o ar gelado e as luzes da sala de parto, acabei me arrependendo de não ter ficado lá dentro.



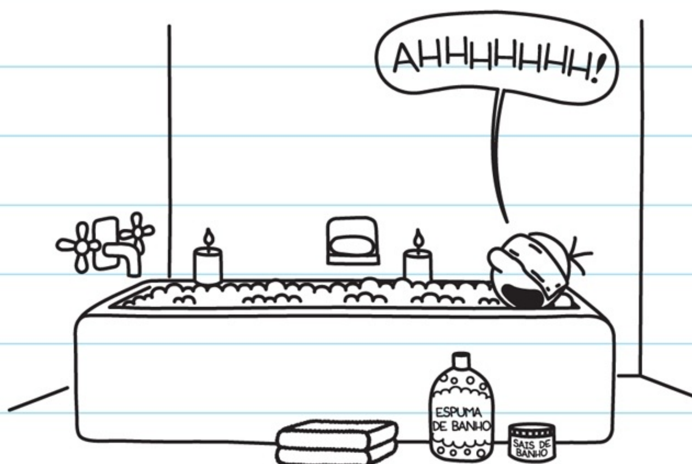
Quando vim ao mundo, eu estava com o sono atrasado, e com um péssimo humor. É por isso que em todas as fotos os recém-nascidos parecem estar tão irritados.



Na verdade, eu ainda NÃO consegui pôr meu sono em dia. E, acredite, estou tentando.



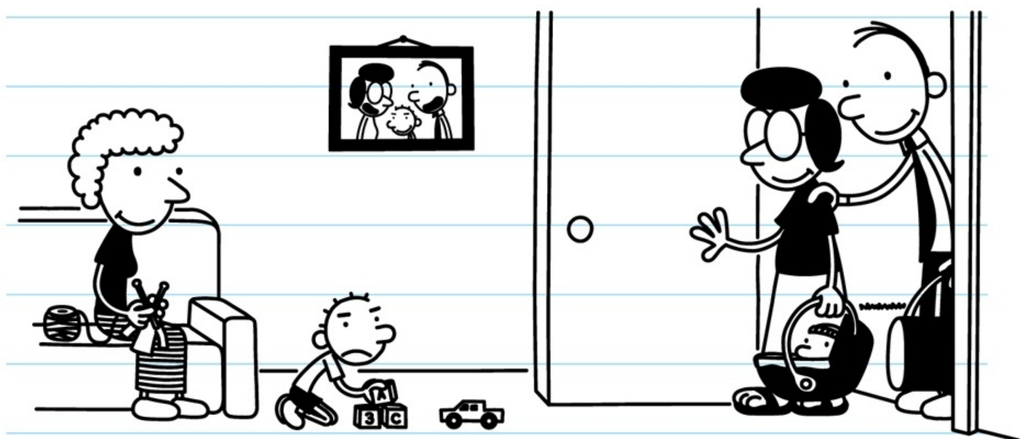
Desde que nasci, estou tentando recriar aquela sensação de ficar lá boiando no escuro, feliz da vida.



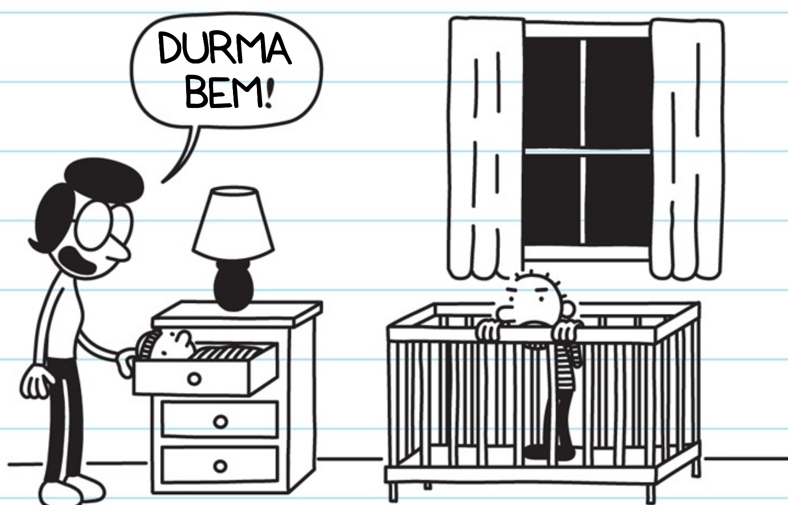
Mas, quando você mora numa casa com outras quatro pessoas, sempre aparece um idiota pra estragar tudo.



Conheci meu irmão mais velho, o Rodrick, poucos dias depois de nascer. Até então eu estava achando que era filho único, e fiquei bem decepcionado quando descobri que não era.



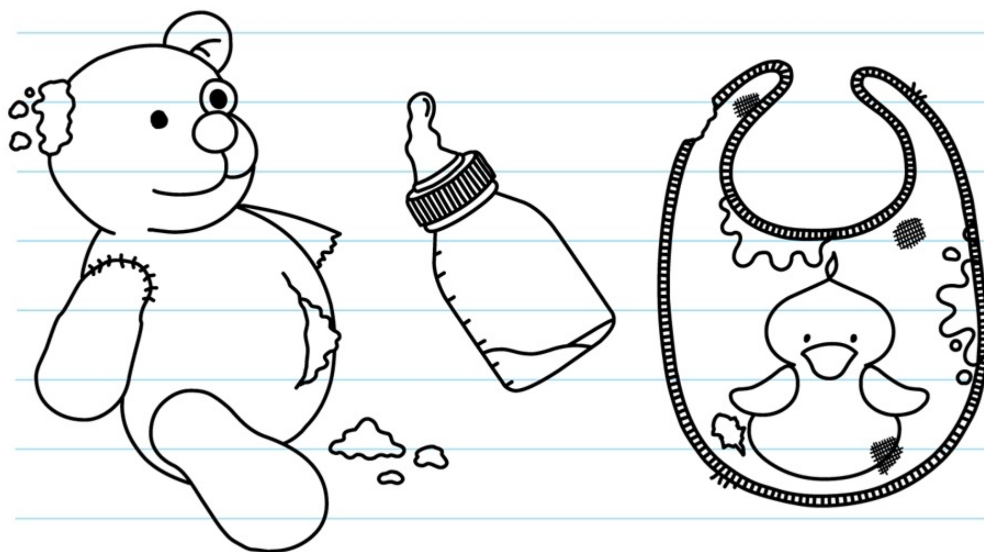
Minha família morava num apartamento minúsculo na época, e eu precisava dividir o quarto com o Rodrick. Como o berço era dele, nos primeiros meses de vida, tive que dormir na gaveta de cima da cômoda, uma coisa que, imagino eu, deve ser totalmente ilegal.



No fim, o papai tirou as coisas dele do quarto que usava como escritório, e eu me mudei pra lá. O berço do Rodrick ficou pra mim, e ele ganhou uma cama nova.

Quase TUDO o que eu tinha era de segunda mão, eram as coisas velhas do Rodrick.

Quando eu ganhava alguma coisa, ou estava detonada ou coberta de baba.



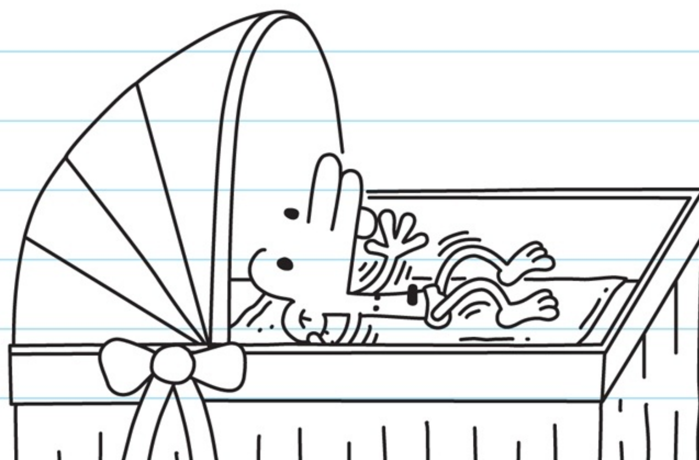
Até a minha CHUPETA era de segunda mão. Mas acho que o Rodrick ainda não estava pronto pra largar a chupeta nessa época, o que pode explicar o fato de ele não gostar de mim.



Durante um bom tempo fomos só nós quatro, mas aí um dia a mamãe falou que ia ter outro bebê. Fiquei feliz por ela ter avisado, porque assim eu podia tomar todas as providências.



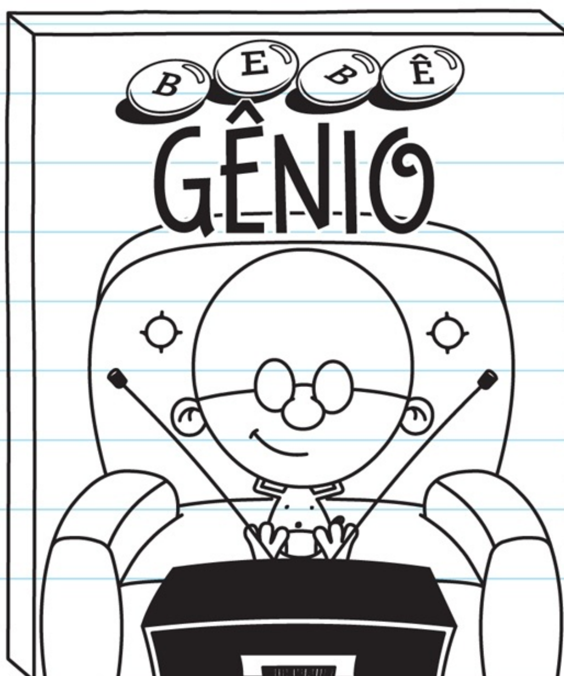
Quando meu irmãozinho, o Manny, chegou, todo mundo achou que ele era uma gracinha. Mas tem uma coisa que nunca falam sobre os bebês. Eles ficam com um caroço preto em cima do umbigo no lugar onde o cordão foi cortado.



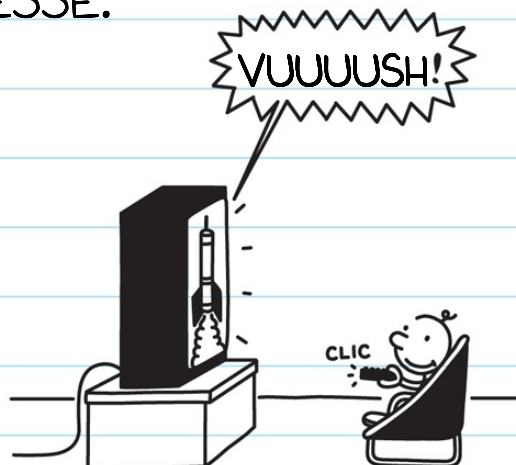
No fim, o caroço preto seca e cai, e o umbigo do bebê fica igual ao de todo mundo. Mas o problema é que ninguém NUNCA achou o do Manny. E até hoje eu tenho medo de que essa coisa apareça em algum lugar.



Quando eu era bebê, a mamãe me deixava na frente da TV uma hora por dia, vendo vídeos educativos.



Não sei se esses vídeos me deixaram mais inteligente, mas não demorou muito pra eu ficar esperto o suficiente pra aprender a mexer no controle e assistir o que eu QUISESSE.



Aprendi ATÉ a tirar as pilhas do controle remoto, pra ninguém conseguir pôr de volta os tais vídeos educativos.



Mas um bebê não tem como acessar muitos lugares, então eu não tinha muito onde esconder as pilhas.

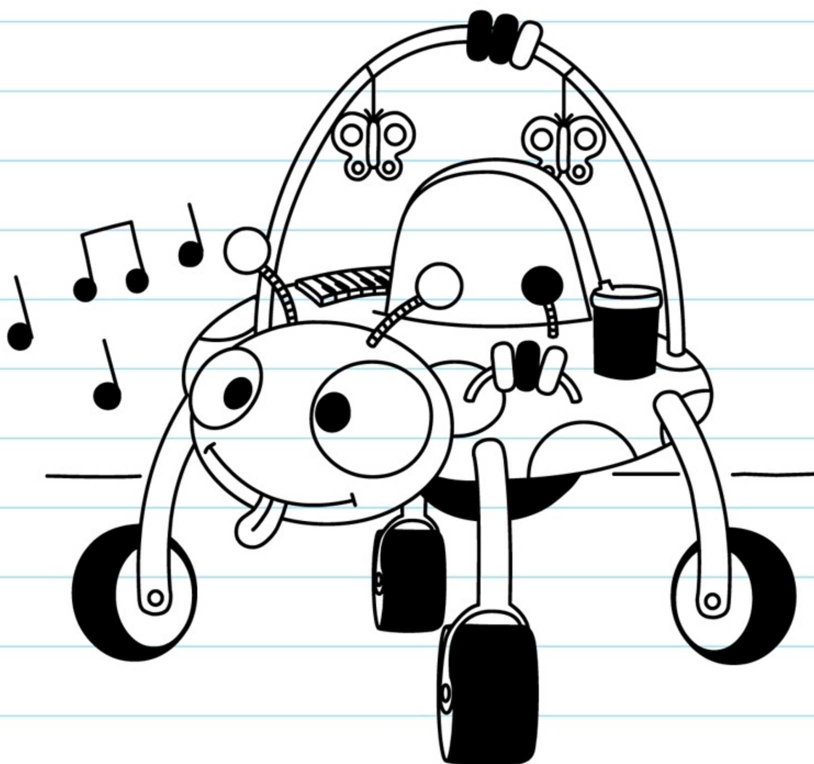


Acho que a mamãe não me deixava engatinhar pela casa quando eu era pequeno porque, quando fui pra creche pela primeira vez, estava BEM atrasado em relação às outras crianças. Enquanto todo mundo já sabia sentar e andar apoiado no sofá, eu ainda estava aprendendo a levantar a cabeça do chão.



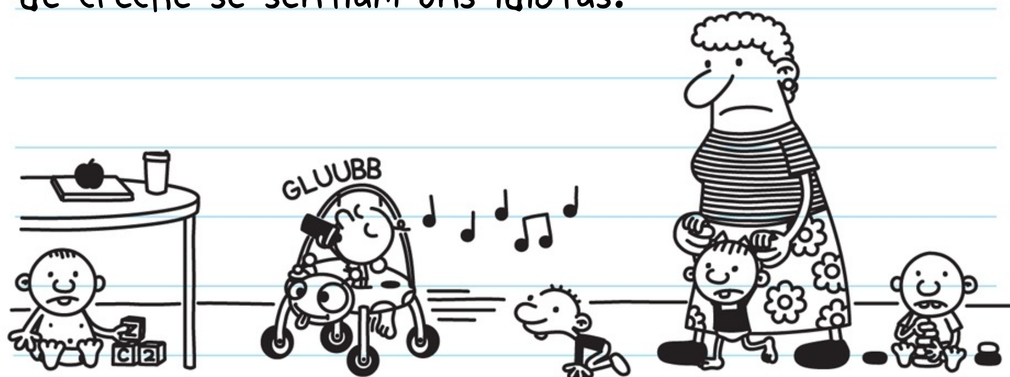
Aí, um dia, a mamãe comprou um negócio chamado "Andador Interativo Aventuras de Bebê", que foi a primeira coisa que eu ganhei que nunca tinha sido do Rodrick.

O Andador Interativo era DEMAIS. Tinha um monte de coisinhas pra gente se distrair, e também um porta-copos.

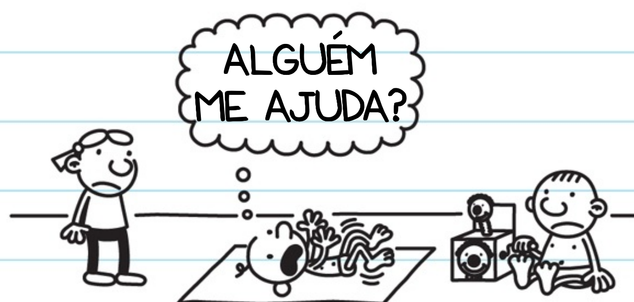


Mas o melhor de tudo era que eu podia ir aonde quisesse sem precisar ANDAR de verdade.

Dava pra ver que, quando eu estava no meu "Andador Interativo Aventuras de Bebê", meus coleguinhas de creche se sentiam uns idiotas.



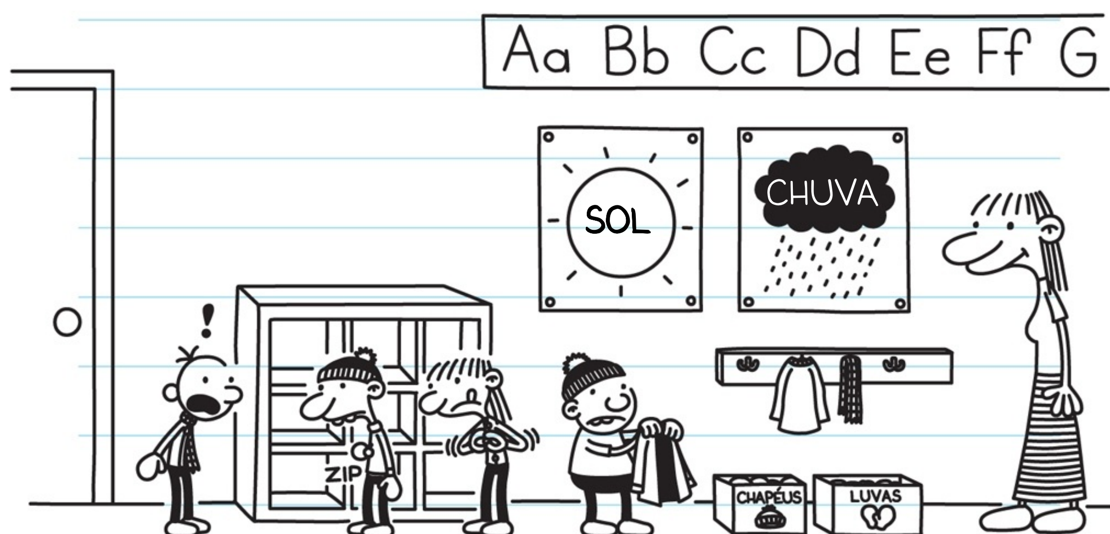
Mas aí a mamãe leu numa revista que não era uma boa ideia usar andadores, porque desse jeito as crianças não desenvolviam direito a musculatura pra conseguir andar sozinhas mais tarde. A mamãe devolveu o Andador Interativo pra loja, e eu voltei à estaca zero.



Demorou um tempo, mas NO FIM eu aprendi a andar. E, antes que me desse conta, já estava na pré-escola.

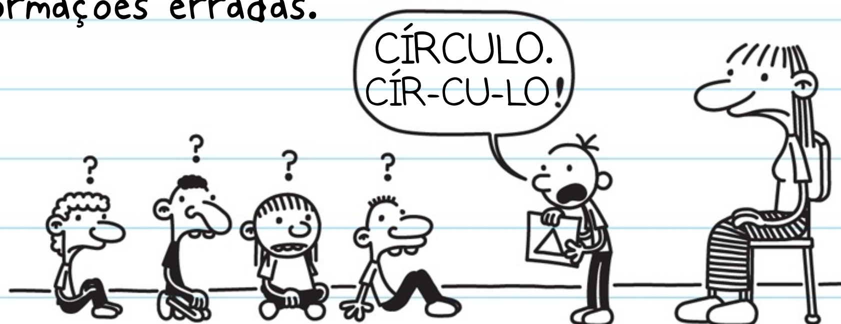
Eu achava que estaria adiantado em relação às outras crianças, já que a mamãe tinha insistido tanto com a música clássica e os DVDs educativos, mas pelo jeito as outras mães fizeram a mesma coisa, porque a concorrência na pré--escola era bem pesada.

Quer dizer, tinha crianças que sabiam abrir e fechar botões e puxar zíperes, enquanto eu mal conseguia tirar as luvas sem a ajuda de um adulto.



Alguns colegas já sabiam escrever o próprio nome, e dois ou três já conseguiam contar até cinquenta.

Eu não conseguia acompanhar, então decidi dar uma segurada no ritmo da turma fornecendo umas informações erradas.



Mas o tiro saiu pela culatra, e a professora disse pra mamãe que eu não estava conseguindo aprender as cores e as formas como os outros. A mamãe, por sua vez, disse que eu era inteligente, mas que não estava sendo DESAFIADO como deveria.



Então o que ela fez foi me TIRAR da pré-escola e me pôr direto no primeiro ano. Foi um desastre.

Os alunos do primeiro ano pareciam uns GIGANTES perto de mim e já sabiam usar a tesoura e pintar os desenhos dentro do contorno.



E logo no primeiro dia, a professora precisou ligar pra minha casa e pedir pra mamãe ir me buscar.

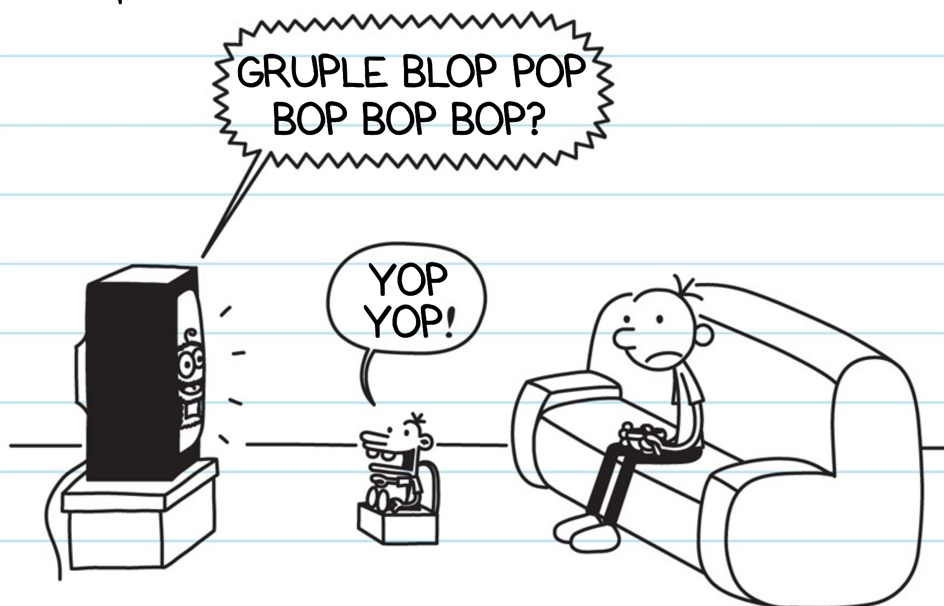


No dia seguinte, a mamãe me levou de novo pra pré-escola e pediu pra professora me aceitar de volta. Tomara que o histórico escolar não inclua essa época, porque pode ser difícil arrumar um bom emprego quando descobrirem que eu não consegui dar conta do primeiro ano.

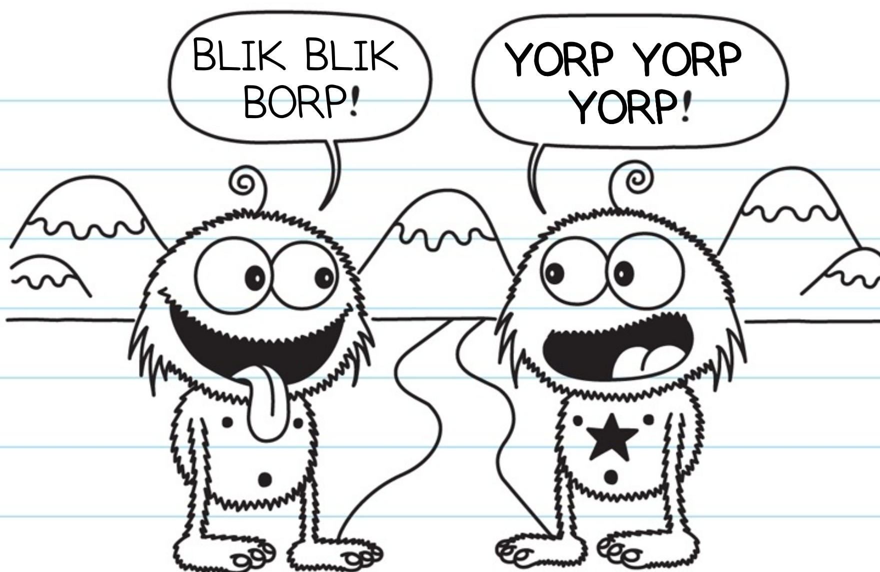
Segunda-feira

Tenho quase certeza de que tudo que a mamãe fez por mim quando eu era pequeno não funcionou, porque ela está fazendo tudo diferente com o Manny.

Pra começar, a mamãe deixa o Manny na frente da TV o tempo que quiser. Então ele fica vendo um negócio chamado "Os Snurples" vinte e quatro horas por dia.



Eu tentei ver "Os Snurples" algumas vezes, mas não entendi NADA. Os Snurples têm uma linguagem própria que acho que só as crianças de 3 anos entendem.

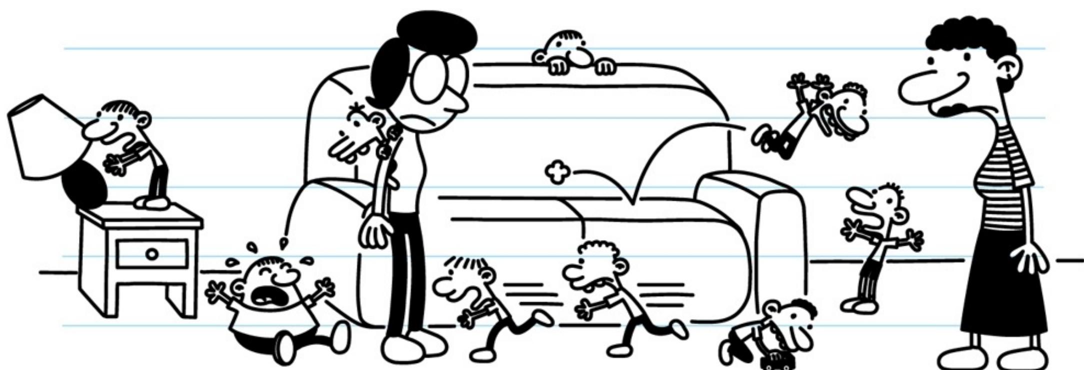


Depois de ver esse desenho, o Manny sempre fica frustrado, porque ninguém na família consegue entender o que ele fala.

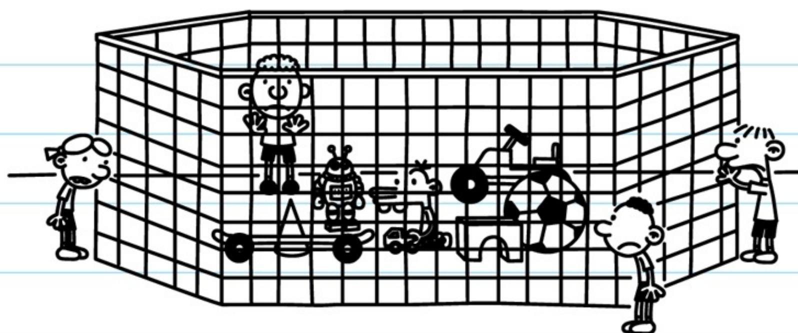


Só que aí um dia a mamãe leu uma matéria no jornal dizendo que "Os Snurples" atrasavam em um ano o desenvolvimento da fala das crianças e também atrapalhavam sua capacidade de interação com as pessoas.

Bom, isso explica muita coisa. O Manny não tem nenhum amigo de verdade e, quando a mamãe reúne as crianças da creche lá em casa, ele nunca interage com elas.



O fato é que o Manny não gosta de dividir os brinquedos dele. Quando as outras crianças chegam, ele se tranca no cercadinho do nosso antigo cachorro, o Chuchu, e fica lá sozinho com os brinquedos.



E, quando a mamãe deixa o Manny SOZINHO com as outras crianças, aí é que dá tudo errado mesmo.

Lá na igreja tem um espaço no porão pras crianças poderem ficar brincando e pintando enquanto os pais estão no culto. Mas, logo na primeira vez que a mamãe deixou o Manny por lá, apareceu um moleque no parquinho dizendo que era um vampiro.

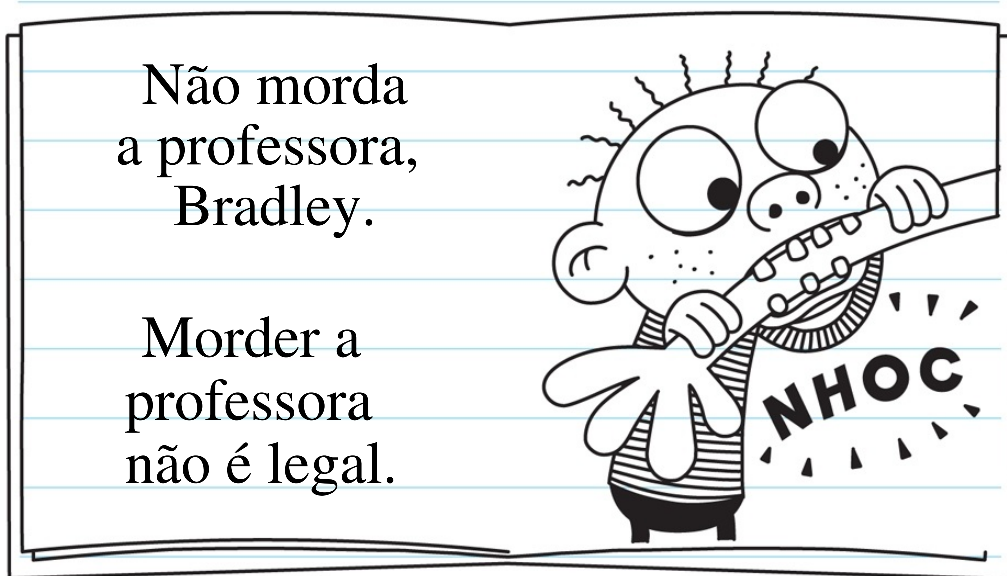


Tive pena do Manny, porque também precisei encarar um maluco quando tinha a idade dele. Na minha sala na pré-escola tinha um tal de Bradley que não perdia uma chance de me aterrorizar.



Eu falava do Bradley todo dia pra mamãe quando chegava em casa, dizia que não queria mais ir pra escola. Mas logo depois o Bradley e a família dele se mudaram, então o problema se resolveu sozinho.

Depois que o Bradley foi embora, a mamãe escreveu uma história chamada "Bradley Malcriado".
O Bradley da vida real era bem mal-educado, mas na versão da mamãe era o demônio em pessoa.



Pensei que a mamãe fosse querer publicar aquela história, mas aí a família do Bradley VOLTOU pro nosso bairro uns meses depois, então ela teve que deixar pra lá.

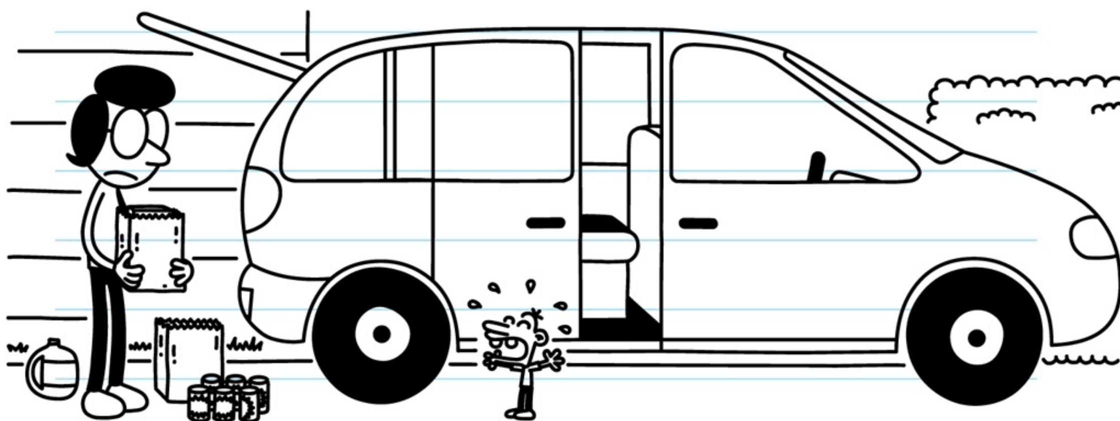


A história do Bradley Malcriado nunca foi publicada, mas a mamãe usava aquilo para ensinar o Manny a se comportar na pré-escola. Deve ser por isso que o Manny tem tanto medo das outras crianças da idade dele.



O Manny pode não ter muitos amigos DE VERDADE, mas em compensação tem um monte de amigos IMAGINÁRIOS. Acho que até perdi a conta de quantos são, mas lembro de alguns nomes, como Joey, Petey, Danny, Charles Tribble, O Outro Charles Tribble, Pequeno Jim e Johnny Cheddar.

Não sei de onde ele tirou todos esses amigos, mas, para o Manny, eles EXISTEM. Uma vez ele levou todos os amigos imaginários ao mercado e deu o maior chilique quando percebeu que a mamãe tinha esquecido o Charles Tribble na seção de congelados.



Às vezes me pergunto se o Manny não inventou todos esses amigos imaginários só pra ganhar mais sobremesa na hora do jantar.

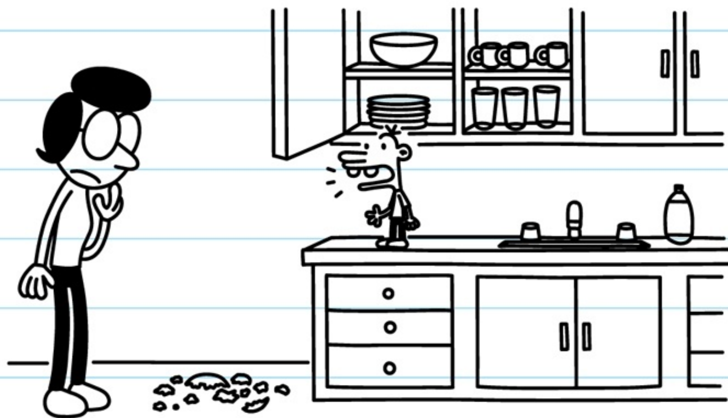


A mamãe falou que, se a gente dissesse que os tais amigos do Manny não eram de verdade, ele podia ficar "traumatizado". Então a gente teve que entrar na dança.

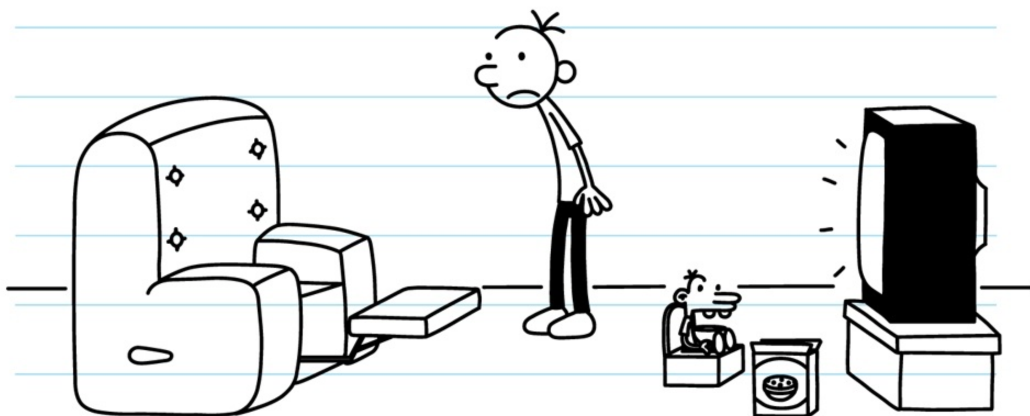
Só espero que ele saia dessa logo, porque às vezes eu preciso esperar todos os amigos imaginários do Manny usarem o banheiro antes de entrar.



Ultimamente, o Manny anda pondo a culpa pelas coisas erradas que faz nos amigos imaginários. Outro dia ele derrubou um prato no chão e falou que foi o Johnny Cheddar, que pelo jeito é o capeta da turma.



Em vez de punir o Manny por quebrar o prato e mentir, a mamãe deixou o Johnny Cheddar de castigo. E o pior foi que ele ficou pensando no que fez sentado na poltrona nova da sala, então eu não podia nem sentar lá e ver TV.



Como eu disse, esse negócio de amigo imaginário é tudo invenção, mas o Manny leva tão a sério quebr/>às vezes dá até medo. Sempre que eu vou sentar em algum lugar da casa, tenho que tomar cuidado e ver se os amigos do Manny não estão por lá.

A última coisa que eu quero é me jogar no sofá pra ver TV e acabar esmagando o Pequeno Jim.



E a TV anda meio proibida nos últimos dias. A mamãe está mesmo preocupada com a capacidade de interação social do Manny, então não deixa a gente ligá-la quando ele está por perto.

Uns tempos atrás, a mamãe inventou uma coisa chamada "Noite da Família", e nessa noite, em vez de ver TV, a gente joga algum jogo de tabuleiro ou sai pra jantar todo mundo junto.

Acho que a ideia é a gente interagir mais, e assim incluir o Manny.

Quando a gente sai pra jantar, geralmente acaba indo num lugar chamado Restaurante Familiar do Corny. As pessoas não podem usar gravata no Corny, e no primeiro dia que a gente foi lá o papai descobriu isso da pior maneira possível.

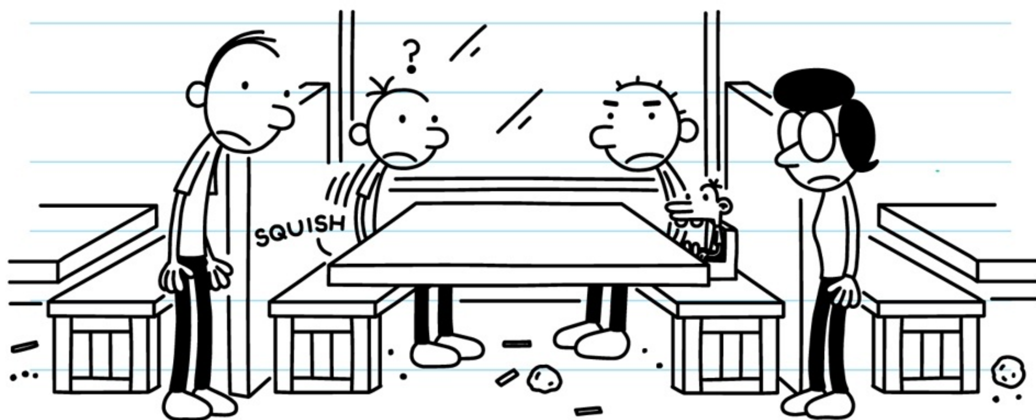


O Corny tem um monte de ambientes diferentes, mas, como a gente sempre vai com o Manny pra lá, acaba ficando num lugar que eles chamam de "Beco das Crianças".

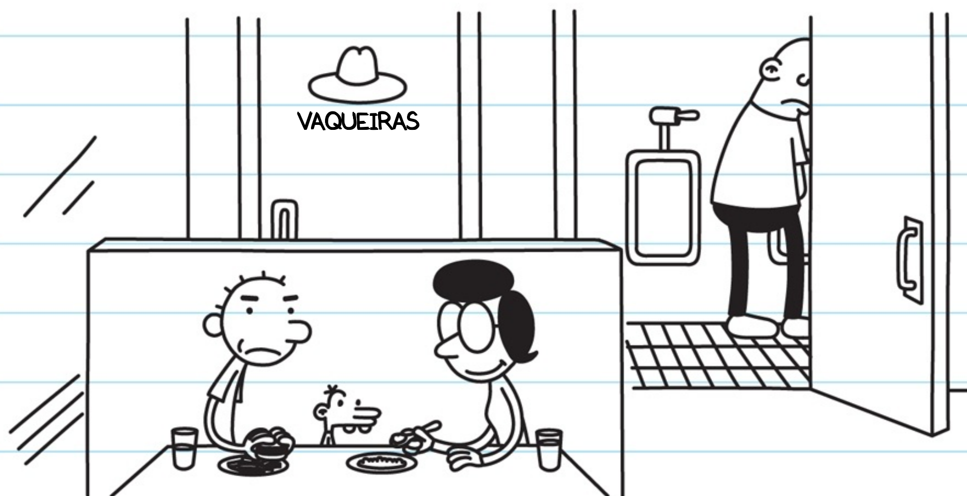


No Beco das Crianças, acho que eles nem se dão ao trabalho de limpar as mesas quando uma família vai embora. Então, logo que a gente senta, tem sempre uma pilha de guardanapos usados no chão e batatinhas fritas mastigadas no assento.

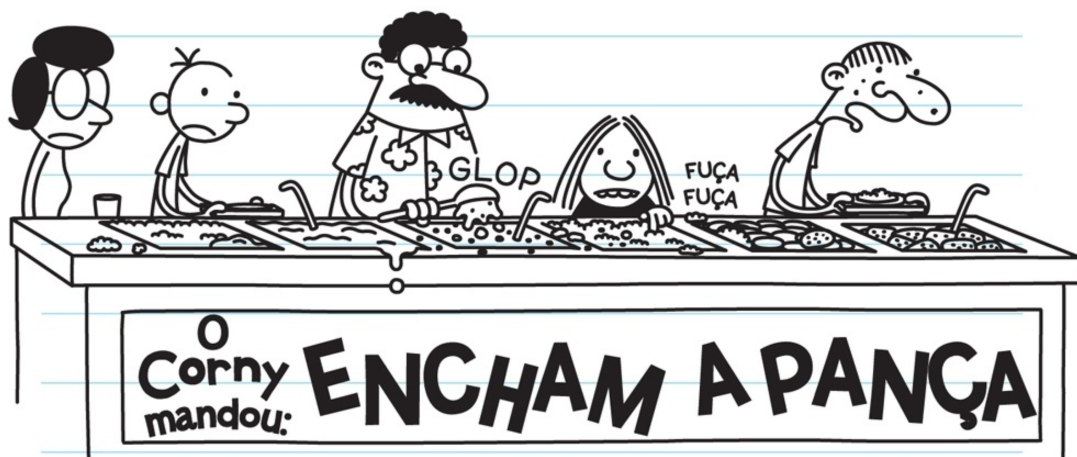
Na primeira vez em que fui, não olhei onde estava sentando e acabei em cima de um sanduíche aberto de pasta de amendoim com geleia.



Outra coisa que eu detesto no Beco das Crianças é que fica bem ao lado do banheiro, e a porta está sempre escancarada, então dá pra ver o que está rolando lá dentro enquanto a gente come.



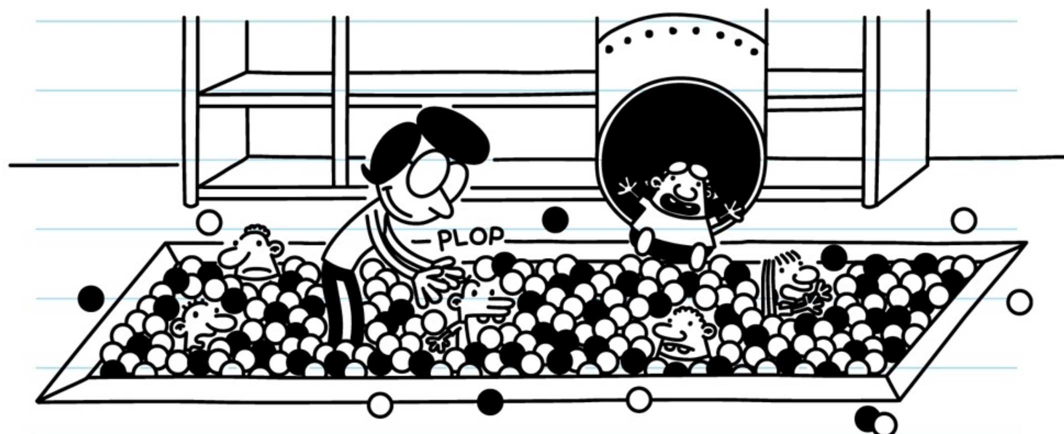
Além disso, o serviço no Corny é HORROROSO, então a gente sempre vai de self-service. A comida fica numa bancada e sempre acaba toda misturada depois de tanta gente mexer.



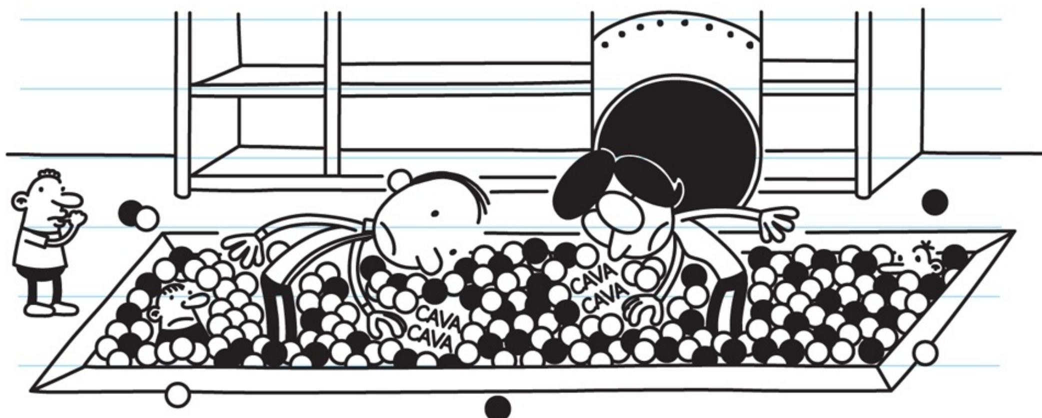
O bufê de sobremesas tem uma máquina de sorvete, e as pessoas podem fazer seu próprio sundae. Parece uma boa ideia, eu sei, mas pode acreditar que existe uma razão pra maioria dos restaurantes não deixar os clientes operarem esse tipo de máquina.



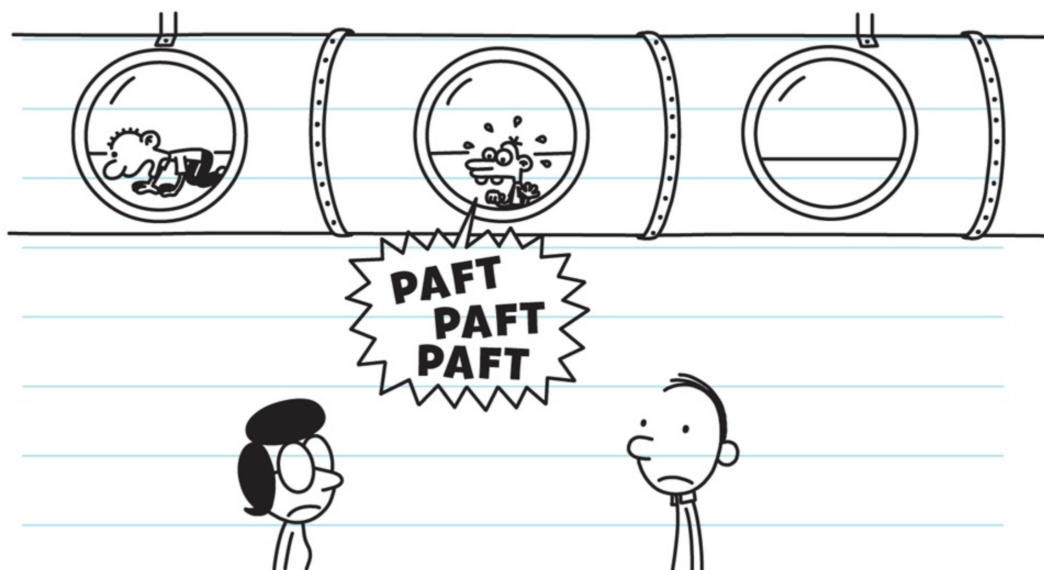
A mamãe gosta de ir ao Corny por causa da piscina de bolinha. Ela nunca desiste de tentar fazer o Manny brincar com outras crianças da idade dele.



Só que, na maioria das vezes, o Manny se enterra no meio das bolinhas pra se esconder das outras crianças e fica lá até a hora de ir embora.

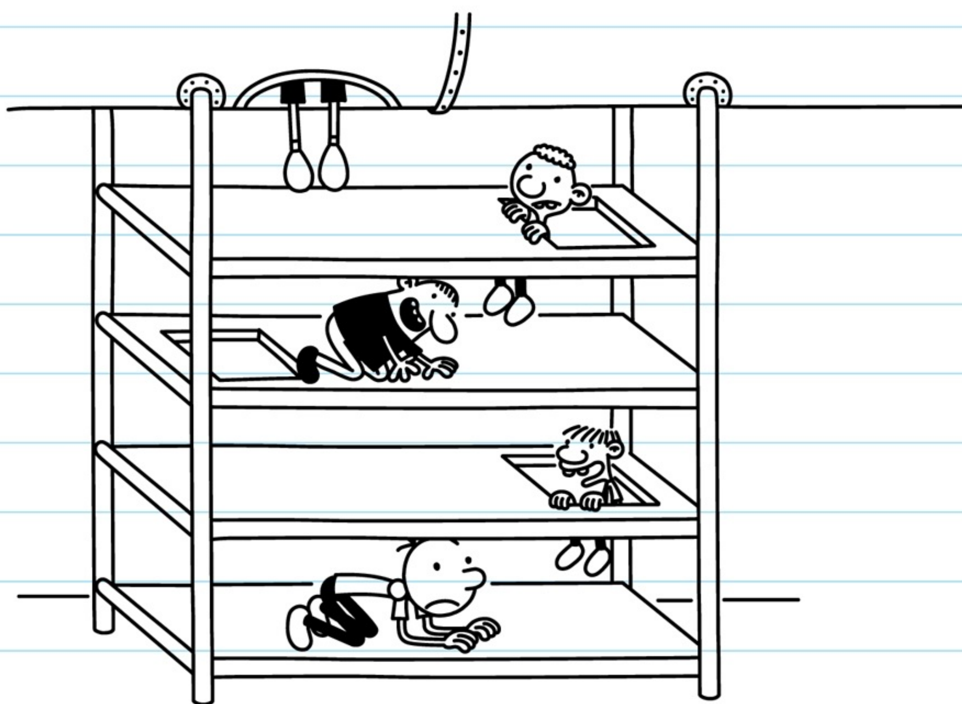


Na quinta-feira passada, a gente foi comer no Corny, e a mamãe obrigou o Manny a escalar um daqueles brinquedões, pra ele não se esconder de novo na piscina de bolinha. O Manny ficou tão apavorado lá em cima que não conseguia descer sozinho.



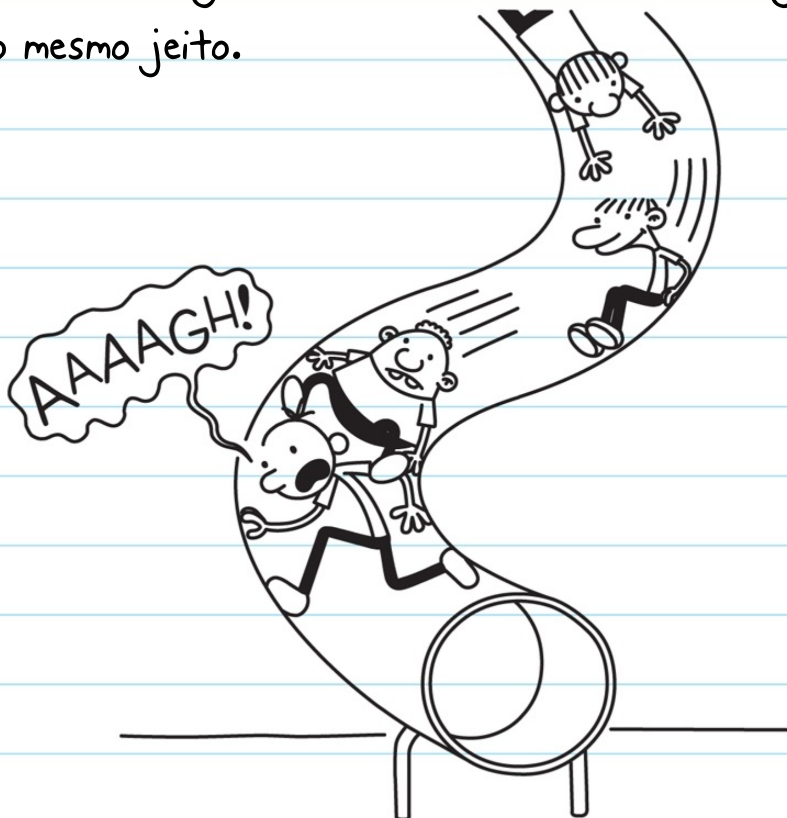
Aí a mamãe me mandou subir pra tirar o Manny de lá, já que eu era a única pessoa da família que cabia no tal brinquedão.

Tentei subir pelas plataformas que o Manny tinha usado, mas elas eram pequenas e apertadas demais, então não rolou.



O único jeito de tirar o Manny dali era subir pelo escorregador em espiral que dava na piscina de bolinhas. Pra falar a verdade, eu não sou muito fã de lugares escuros e apertados, então não estava nem um pouco a fim de subir naquela coisa.

Dei um grito lá debaixo pras crianças abrirem espaço, mas elas me ignoraram e continuaram escorregando do mesmo jeito.



Quando consegui passar pelo engarrafamento de crianças e cheguei lá em cima, comecei a rastejar pelo labirinto de túneis pra tentar encontrar o Manny. O brinquedão era todo fechado, sem nenhuma ventilação, e tinha um tremendo cheiro de CHULÉ.



Percebi que era a pessoa errada pra procurar o Manny, porque sempre me dei muito mal em labirintos. Neste ano mesmo, eu e a mamãe fomos passear no labirinto do milharal da Fazenda Reynold, e a mamãe estava contando comigo pra encontrar a saída.

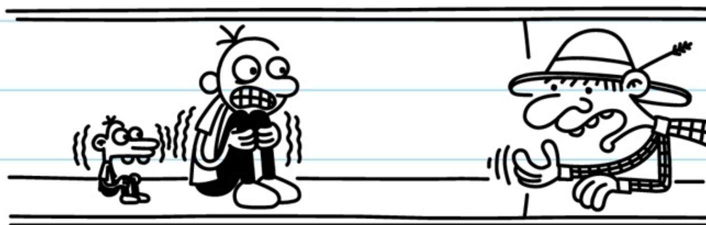
No fim eu fiquei tão perdido que a mamãe precisou chamar o resgate pra tirar a gente de lá.



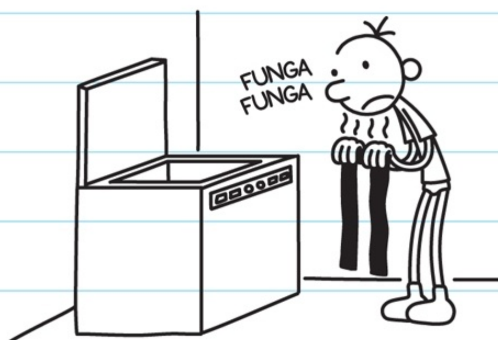
Só que dessa vez eu não tinha o celular da mamãe pra me salvar. E, quando um moleque vomitou lá no começo do túnel, a molecada toda saiu correndo na direção do escorregador.



Acabei encontrando o Manny sentado num dos túneis, mas naquela altura eu já estava tão apavorado que um dos garçons precisou subir no brinquedão pra tirar nós DOIS de lá.



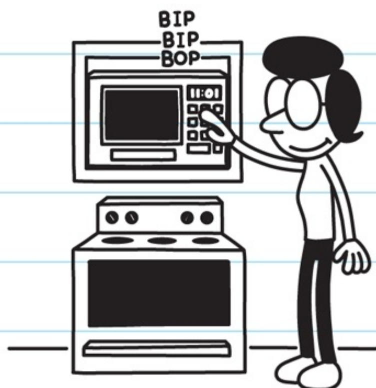
O pior de tudo foi que eu precisei jogar fora a minha calça jeans favorita, porque o cheiro de chulé não saía de jeito nenhum, mesmo depois de lavar três vezes.



Sábado

Hoje acordei às 6:30 da manhã e não consegui mais dormir, o que foi bem irritante. Mas esse tipo de coisa vem acontecendo comigo desde o começo do ano.

Na noite de Ano-Novo, a mamãe quis que o Manny comemorasse a virada com a gente, mas sem ficar acordado até tarde. Ela adiantou todos os relógios da casa em três horas.

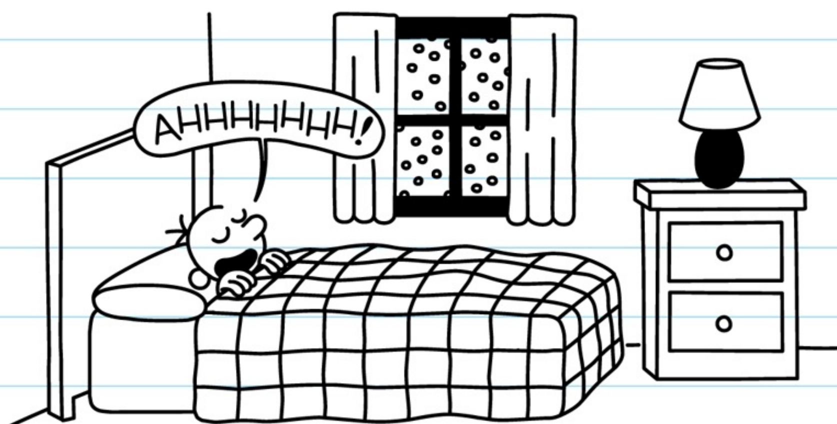


Só que pra MIM ela não disse nada. Então, quando a mamãe e o papai fizeram a contagem regressiva pro Manny, pensei que já fosse meia-noite DE VERDADE.



Acabei indo pra cama às 10:30 naquela noite, pensando que já fosse 1:30 da manhã. Desde então, o meu relógio biológico está adiantado em três horas.

Eu não costumo acordar cedo nos fins de semana. Na maioria das vezes, o papai precisa me arrancar da cama, PRINCIPALMENTE no inverno, quando lá fora está frio e a cama está bem quentinha.

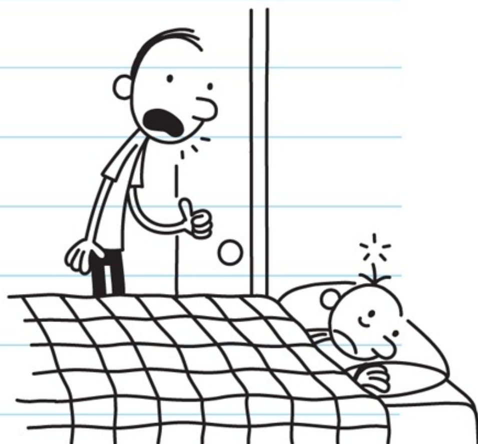


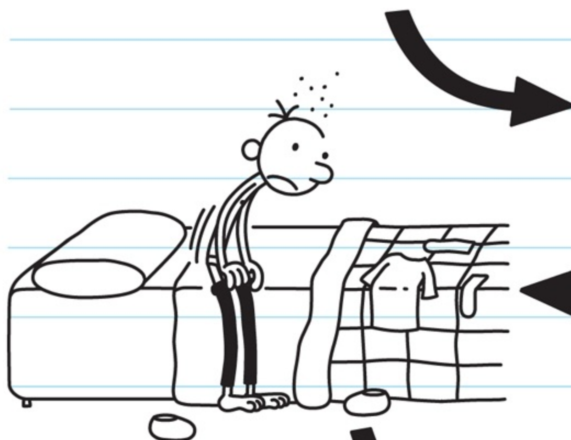
Lembro uma vez, no ano passado, em que o papai me acordou às 8:00 da manhã num sábado e me mandou tirar a neve da calçada.

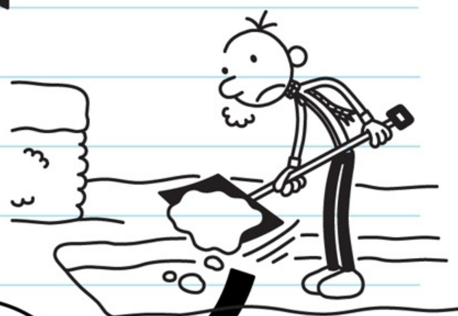
Eu estava tendo um sonho muito legal, mas mesmo assim levantei da cama, limpei a calçada, voltei pra cama e continuei sonhando como se nada tivesse acontecido.

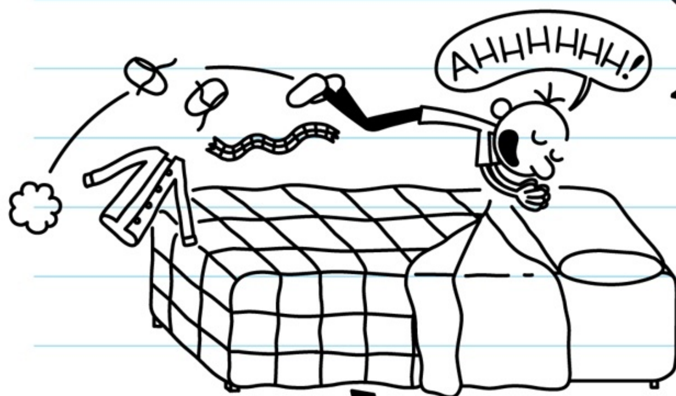
E O
MELHOR BÍCEPS
É DO...









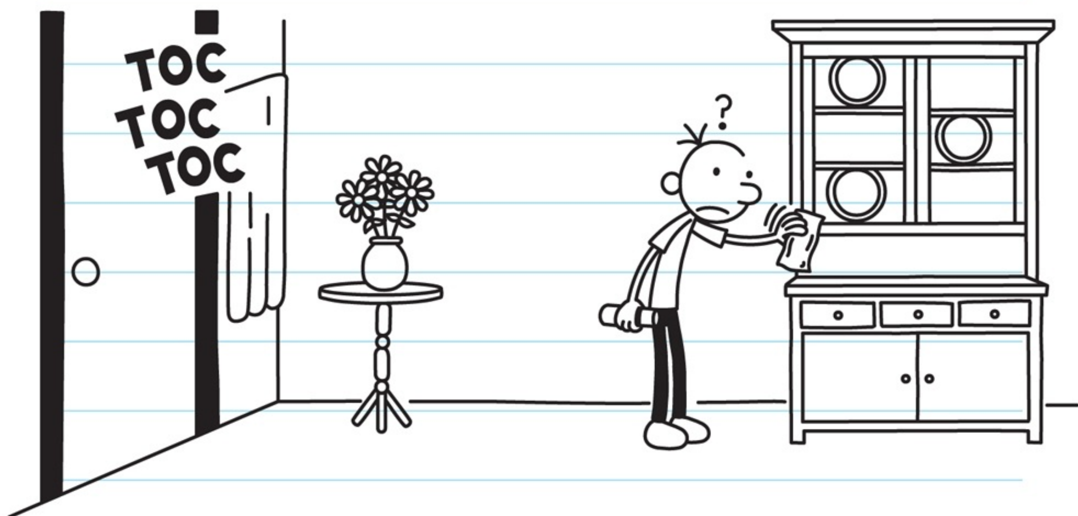


...GREG
HEFFLEY!

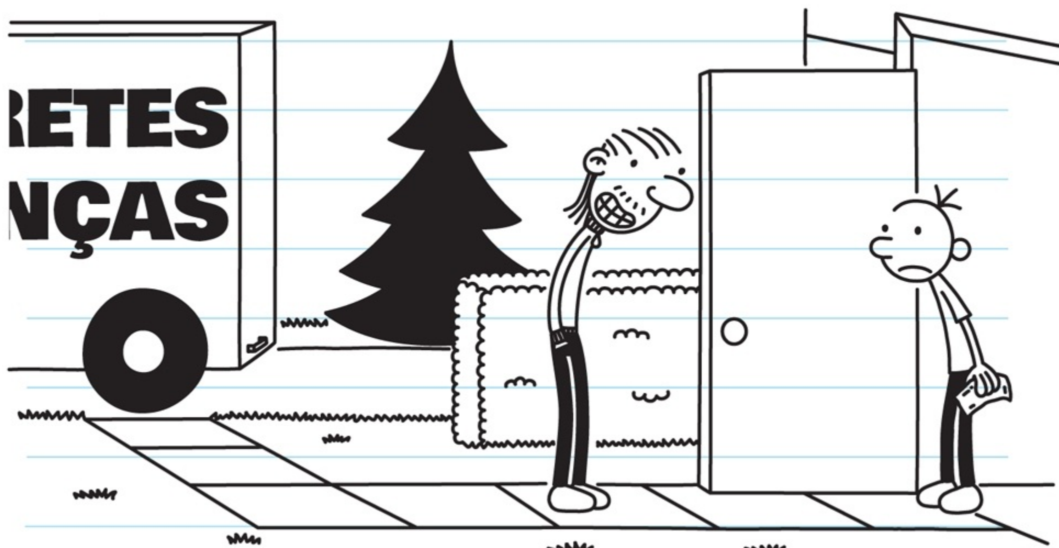


Hoje de manhã, quando acordei, continuei deitado, tentando dormir de novo. No fim, acabei desistindo e desci pra fazer o café da manhã. Nunca tem nada que preste na TV aos sábados antes das 8:00, então resolvi fazer algumas das minhas tarefas.

Eu e o Rodrick nunca temos dinheiro pra nada, então a mamãe está dando uma grana pra gente em troca de algumas tarefas. Uma das minhas tarefas é tirar o pó dos móveis da sala de jantar, e era isso que eu estava fazendo quando ouvi alguém batendo na porta.

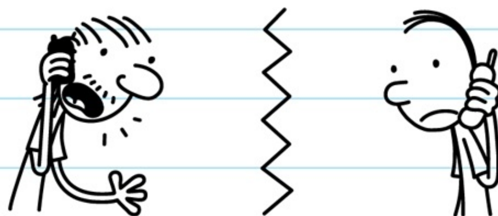


Abri a porta e, pra minha surpresa, era o tio Gary quem estava lá.



Meu pai apareceu logo depois e não ficou muito feliz em ver o irmão mais novo ali.

Algumas semanas atrás, o tio Gary ligou pro papai, dizendo que tinha uma oportunidade de ganhar dinheiro, uma chance daquelas que "só aparecem uma vez na vida", e que precisava de um empréstimo.



O papai não queria dar dinheiro nenhum pro tio Gary, porque ele não tinha um histórico de bom pagador.

Mas aí a mamãe disse pro papai que ele tinha que ajudar, porque o tio Gary era irmão dele, e a gente precisa sempre ajudar as pessoas da família. Ela vive falando isso pra mim e pro Rodrick. Eu só espero nunca precisar de um transplante de rim ou coisa do tipo, porque, se for depender do Rodrick, estou ferrado.

O papai mandou o dinheiro pro tio Gary, e nunca mais teve notícia dele. Hoje o tio Gary apareceu e contou o que tinha acontecido.

Ele disse que conheceu um cara em Boston que vendia camisetas na rua, e o sujeito falou que estava se desfazendo da mercadoria, mas que o meu tio podia ganhar uma fortuna com ela.



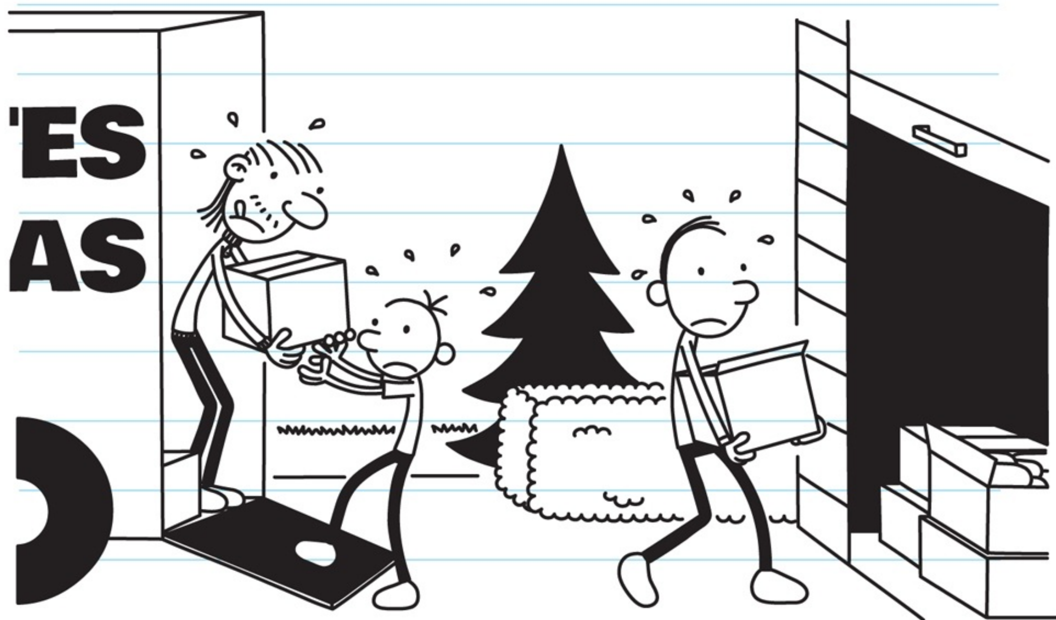
Aí o tio Gary pegou o dinheiro do papai e comprou todas as camisetas do cara. Mas o tio Gary não reparou que o nome da cidade estava escrito errado na camiseta, e só foi perceber isso depois que o sujeito já tinha dado no pé.



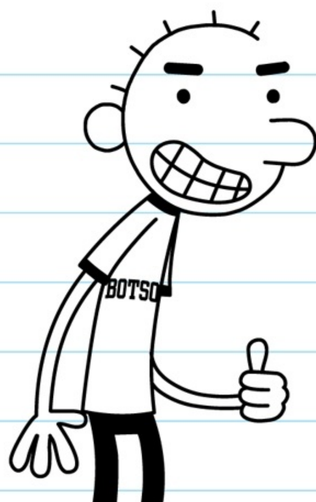
O tio Gary falou pro papai que precisava de um lugar pra ficar até se recuperar do prejuízo.
O papai não ficou muito feliz com isso, mas aí a mamãe apareceu e disse pro tio Gary que ele podia ficar o tempo que precisasse.

Só que, quando viu o caminhão de mudança estacionado, a mamãe falou pro tio Gary que não tinha espaço na casa pros móveis dele.

O tio Gary falou pra ela não esquentar a cabeça, porque ele não tinha móvel NENHUM. O caminhão estava cheio de caixas de camisetas, e a gente passou a manhã toda pondo todas elas na garagem.



Acho que o tio Gary ainda não desistiu da ideia de vender aquilo. Ele empurrou uma pro Rodrick por três pratas, e acho que o Rodrick ainda pensou que fez um bom negócio.

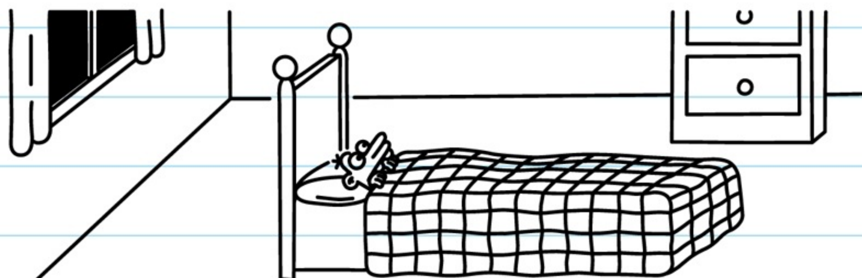


Segunda-feira

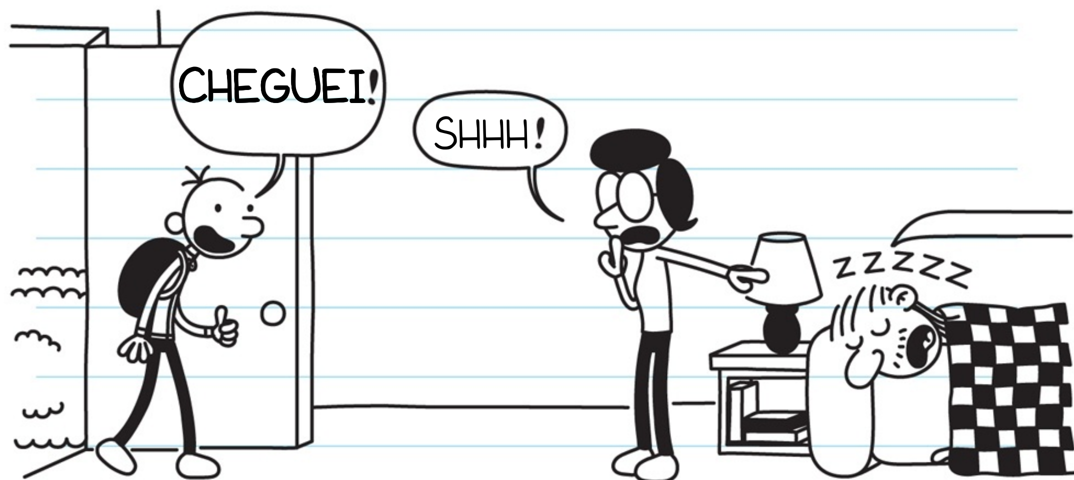
Morar com o tio Gary não é nada fácil. Nas primeiras noites, ele dormiu num colchão inflável no quarto do Manny. Só que o tio Gary tem uns pesadelos assustadores no meio da noite, e na semana passada a coisa ficou feia.



Então agora o tio Gary dorme no sofá da sala, e a cama do Manny teve que ser empurrada lá pro meio do quarto, bem longe das paredes.



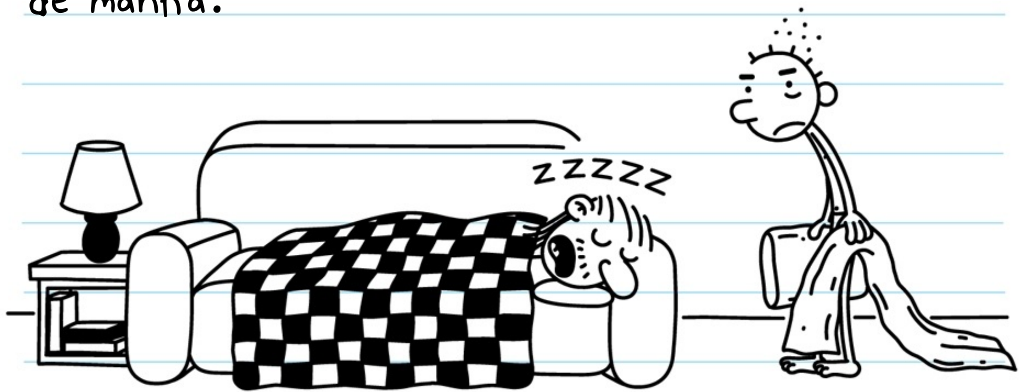
O tio Gary dormir no sofá é um estorvo. Ele fica acordado a noite toda por causa dos pesadelos e aí passa o resto do dia dormindo. Isso é um saco, porque eu queria chegar e poder ver um pouco de TV depois de um dia cansativo na escola.



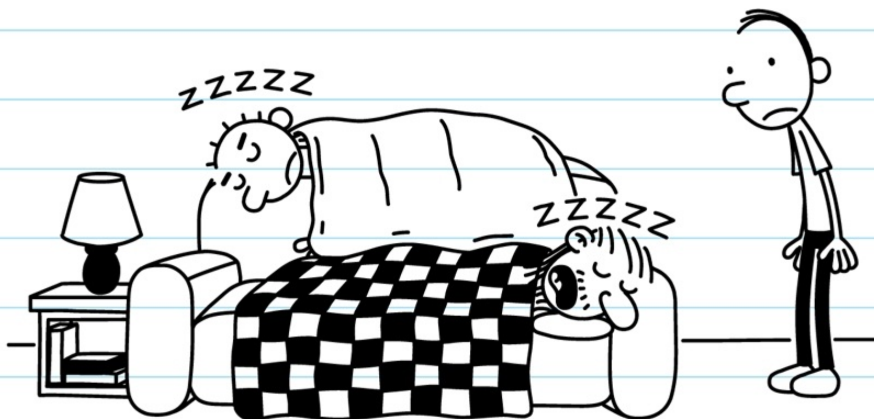
Mas a pessoa mais afetada pela presença do tio Gary é o RODRICK.

Antes da chegada do tio Gary, o Rodrick praticamente MORAVA no sofá da sala, especialmente nos fins de semana.

Agora o Rodrick não tem mais pra onde ir quando o papai põe ele pra correr do porão aos sábados de manhã.



Um dia o Rodrick subiu e, quando viu o tio Gary esparramado no sofá, foi dormir em cima do encosto.



O papai vive mandando o tio Gary arrumar um emprego, ele diz que está tentando, só que o mercado não está fácil.

O tio Gary nunca parou em emprego algum. O último foi no ano passado, quando ele trabalhou como cobaia numa empresa que fabrica spray de pimenta. Tenho certeza de que ele pediu demissão antes mesmo da hora do almoço.



O papai quer que o tio Gary arrume um emprego como o DELE, período integral num escritório.

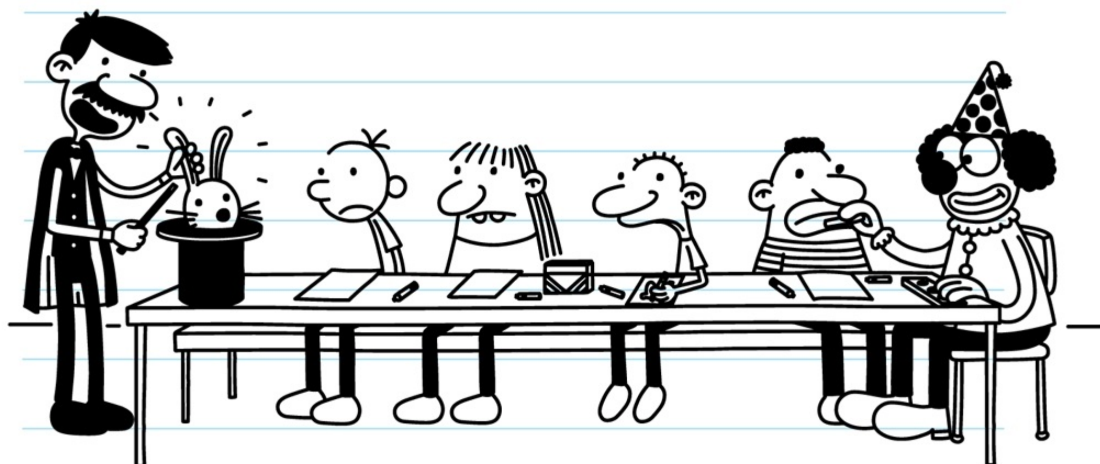
Mas acho que o tio Gary não ia se dar muito bem nesse tipo de ambiente, e aliás eu também não. O papai precisa usar camisa social e gravata todos os dias, além de sapatos e meias sociais.

Eu já decidi que, quando crescer, vou arrumar um emprego que não exija o uso de meias que vão até os joelhos.

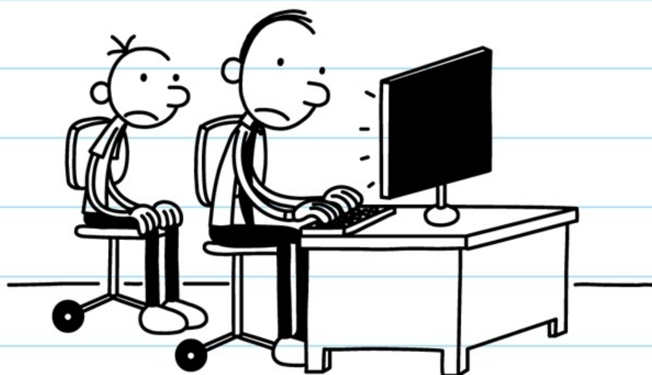


No ano passado, o papai me levou pro escritório dele num daqueles dias do tipo "Traga seus filhos pro trabalho". Só que o pessoal de lá deve ter se dado conta de que aquilo seria um tédio pras crianças, então montaram uma programação completa pra entreter a gente.

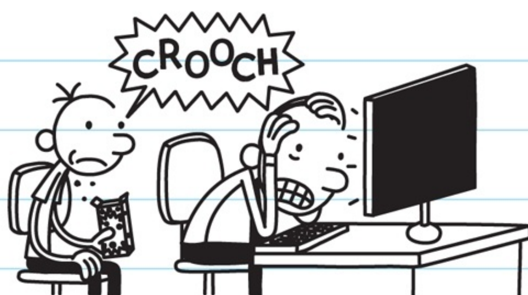
Na maior parte do dia, a criançada ficou no refeitório enquanto os adultos estavam nas mesas trabalhando.



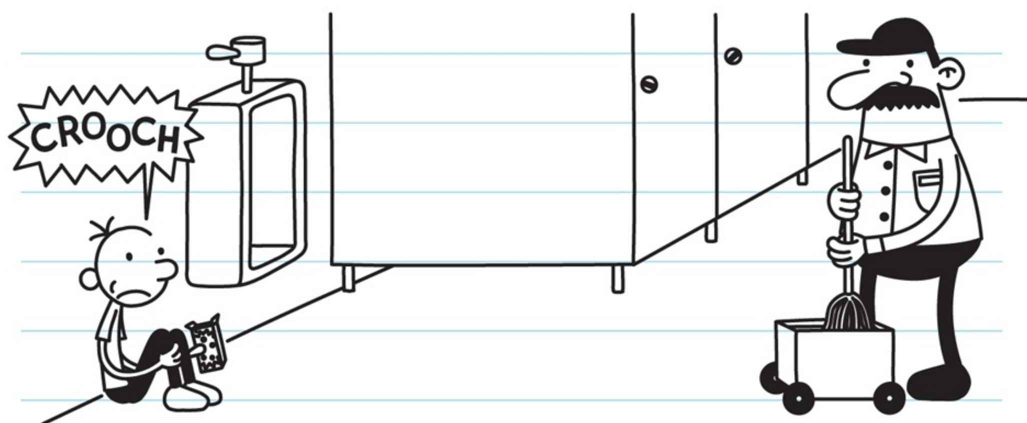
Lá pelo fim do dia, meu pai me levou até a mesa dele e tentou terminar um projeto importante que estava fazendo, e eu fiquei lá esperando. O problema era que ele não conseguia se concentrar com alguém ali do lado vendo tudo.



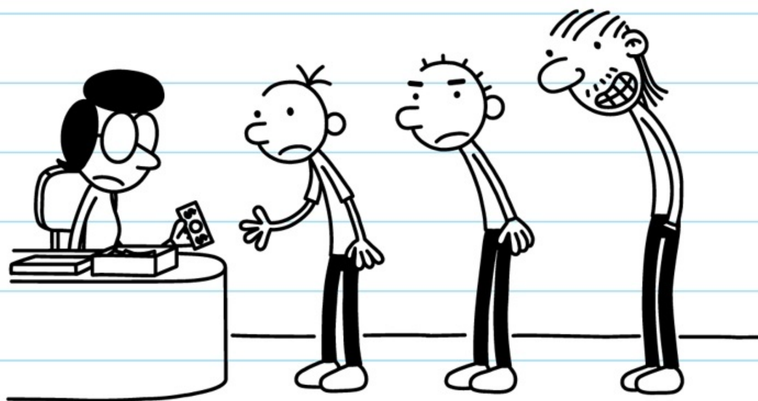
Ele me deu dinheiro pra comprar alguma coisa na cantina. Na verdade, devia estar querendo só se livrar de mim, então não deve ter gostado nada quando eu apareci logo depois com um pacote de salgadinhos.



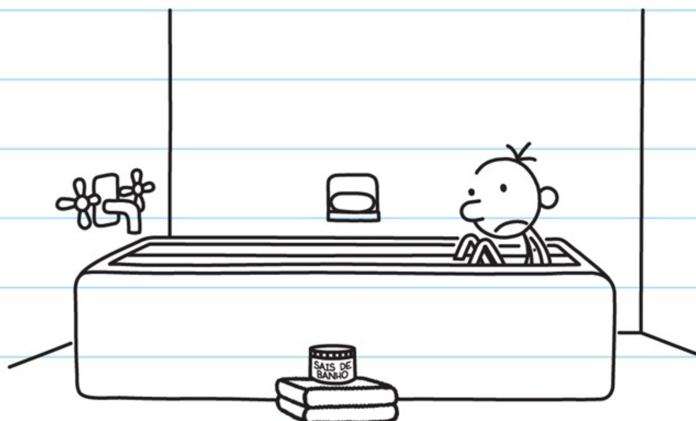
O papai falou que precisava terminar o que estava fazendo e me mandou arrumar outro lugar pra ficar enquanto isso. Ele devia estar muito estressado naquele dia, porque foi embora pra casa e me deixou por lá. Eu teria passado a noite inteira na firma dele se o faxineiro não tivesse me encontrado.



Enfim, o papai está muito irritado porque o tio Gary nunca tem dinheiro e fica vivendo às custas dele. A mamãe começou inclusive a dar uma mesada pro tio Gary, apesar de ele não precisar fazer nenhuma tarefa, o que eu considero muito injusto.



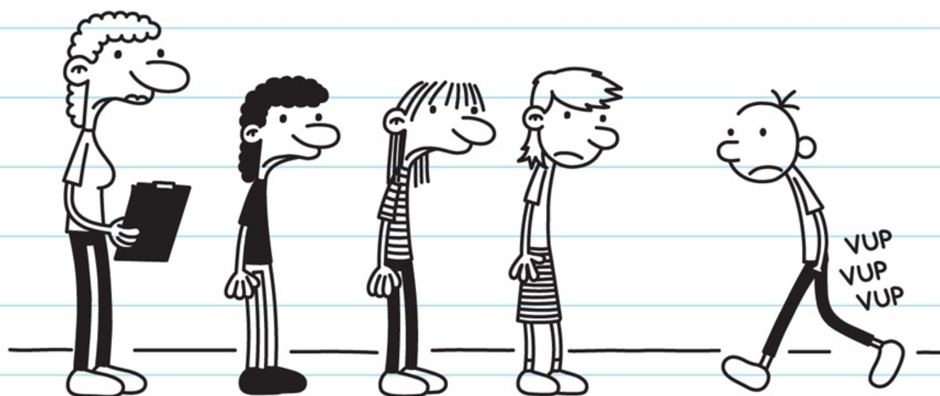
Tomara que o tio Gary comece usar a mesada dele pra comprar sua própria espuma de banho. Ele acabou com a minha logo no segundo dia aqui em casa, e ficar na banheira sem bolhas não é a mesma coisa.



Terça-feira

Eu não queria mesmo ter jogado fora minha calça jeans, porque hoje eu precisava ir bem vestido pra escola. Ia ter aula de dança de salão na Educação Física, e a sra. Moretta mandou a gente formar os casais.

Então não era um bom dia pra usar calça de veludo no meio das canelas, de jeito nenhum.



A sra. Moretta mandou a gente escrever o nome da pessoa com quem queria dançar num papelzinho. Ela ia analisar os pedidos e tentar respeitar a vontade de todo mundo na medida do possível. Era o mesmo esquema que ela tinha usado pra definir os casais da quadrilha do ano PASSADO, e que pra mim foi um desastre.

Eu pus o nome da menina mais bonita da classe, Baylee Anthony.



BAYLEE ANTHONY

Só que ela não escreveu o MEU nome. Ela escolheu o Bryce Anderson, assim como todas as outras meninas da classe. O Bryce acabou escolhendo a McKenzie Pollard, e a sra. Moretta mandou a Baylee dançar comigo, porque eu tinha escrito o nome dela.

No começo, eu fiquei bem animado por ter ficado com ela. Mas aí eu tive que lidar com esse tipo de COISA por três semanas:



Acho que a Baylee não queria que acontecesse de novo a mesma coisa do ano passado, e fez questão de deixar isso bem claro pra um monte de gente.



Pra ser sincero, pra mim não faz diferença quem vai ser o meu par, desde que não seja a Ruby Bird.


RUBY BIRD

Até onde eu sei, a Ruby foi a única menina que conseguiu a proeza de ser suspensa da nossa escola por morder um professor.

Na verdade, a Ruby só tem um dente da frente porque o outro ficou cravado no cotovelo do sr. Underwood.



Eu tento ser gentil com a Ruby sempre que a gente se encontra no corredor, porque morro de medo dela.



Mas hoje fiquei preocupado, porque posso ter sido gentil DEMAIS, e a Ruby pode estar pensando que eu GOSTO dela. A última coisa que eu quero é que a Ruby escreva o meu nome naquele papelzinho porque, se dançarmos juntos, ela COM CERTEZA vai acabar se irritando comigo em algum momento, e o outro dente dela vai acabar cravado no MEU braço.

Então eu usei o meu papelzinho pra garantir que isso não acontecesse.

Por favor, não me ponha para dançar com a Ruby Bird.
Cordialmente, Greg Heffley

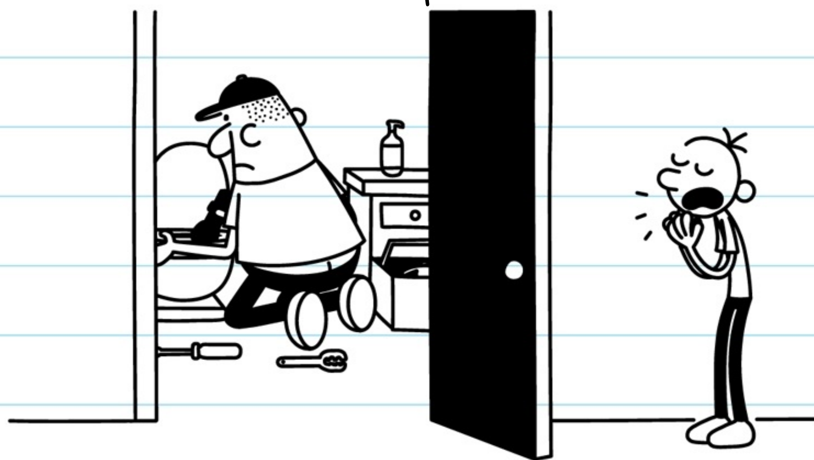
Eu até incluí metade de um chocolate que estava guardando pra mais tarde pra ganhar a simpatia da sra. Moretta.

Quarta-feira

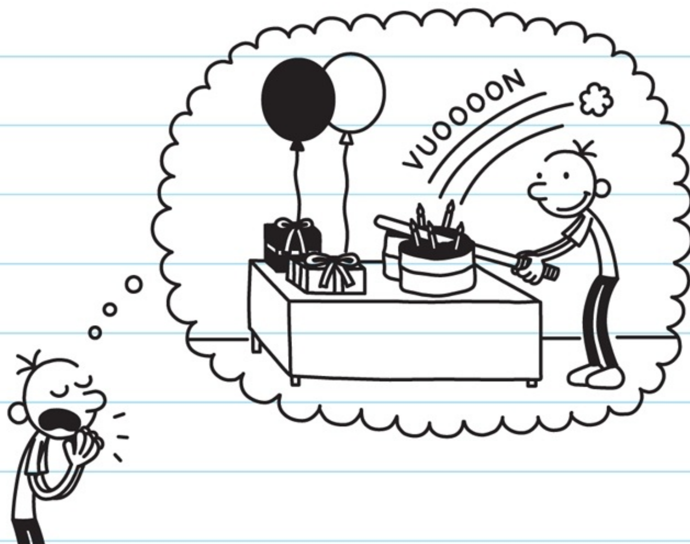
Ontem à noite eu rezei pra valer pra que a minha parceira de dança não fosse a Ruby.

Mas aí fiquei preocupado, porque pode ser que a gente tenha um número fixo de pedidos por vida, e fiquei com medo de gastar os meus depressa demais. Eu não ia gostar nem um pouco de saber que já usei todas as orações a que tinha direito, porque sempre agi como se o estoque fosse ilimitado.

Acho que preciso tomar mais cuidado com isso. No fim de semana, a privada do banheiro do andar de cima entupiu, e eu rezei pra que o encanador não usasse o nosso banheiro depois de terminar o serviço.

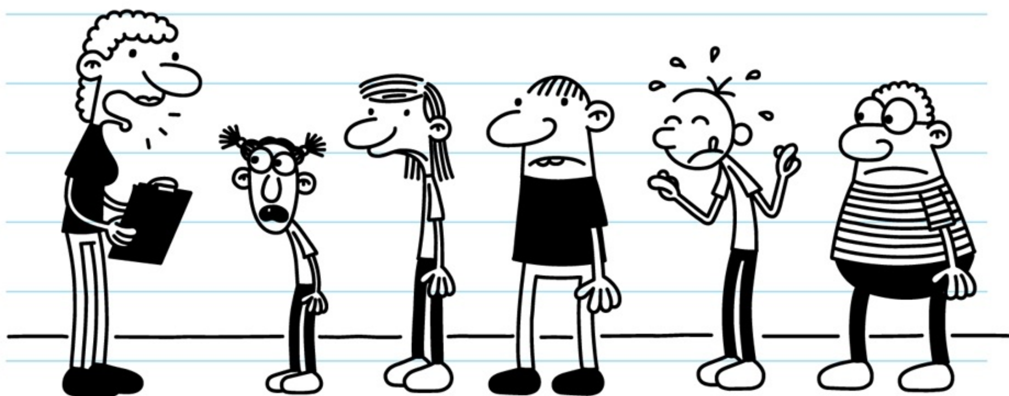


Só pra constar, eu tenho uma taxa de 75% de sucesso com as minhas orações. Não sei se isso é bom ou ruim, mas já dá pra ter certeza de que nunca vou ganhar um sabre de luz de presente de aniversário, por mais que eu queira.

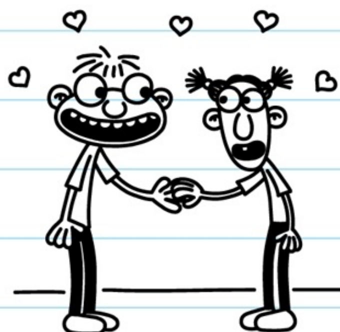


Enfim, acho que preciso ser mais específico quando peço alguma coisa, porque no caso da Educação Física o meu pedido foi atendido, mas no fim a coisa não terminou muito bem pro meu lado.

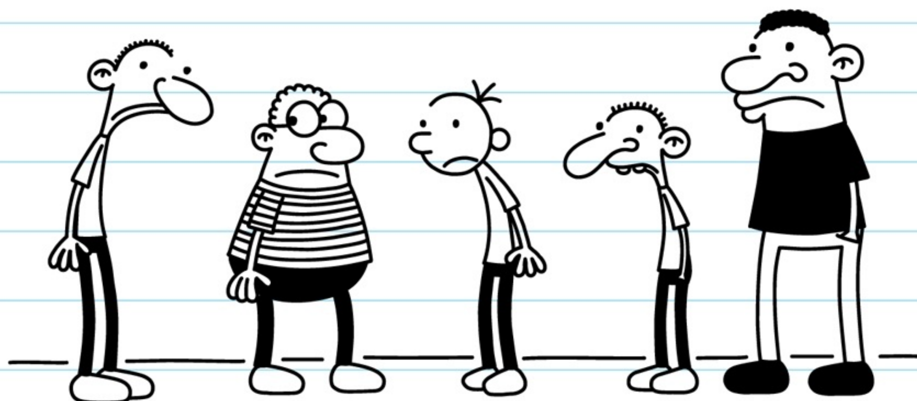
No começo da aula, a sra. Moretta anunciou os pares de cada aluno, e eu prendi o fôlego quando ela disse o nome da Ruby Bird.



Mas a Ruby acabou ficando com o Fregley e, quer saber, acho que eles são perfeitos um pro outro.

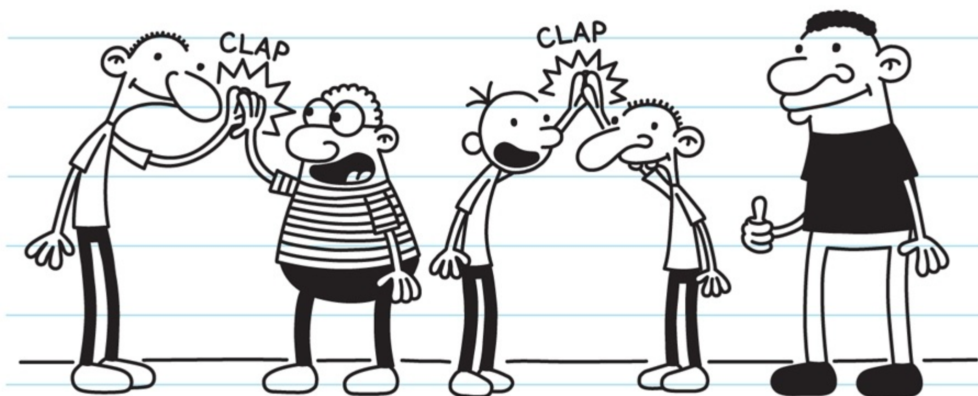


Só que, depois que a sra. Moretta falou o nome do resto das meninas, ainda sobrou uma porção de garotos sem par, inclusive eu. A minha classe este ano tem mais meninos que meninas, então fazia sentido que nem todo mundo tivesse um par.

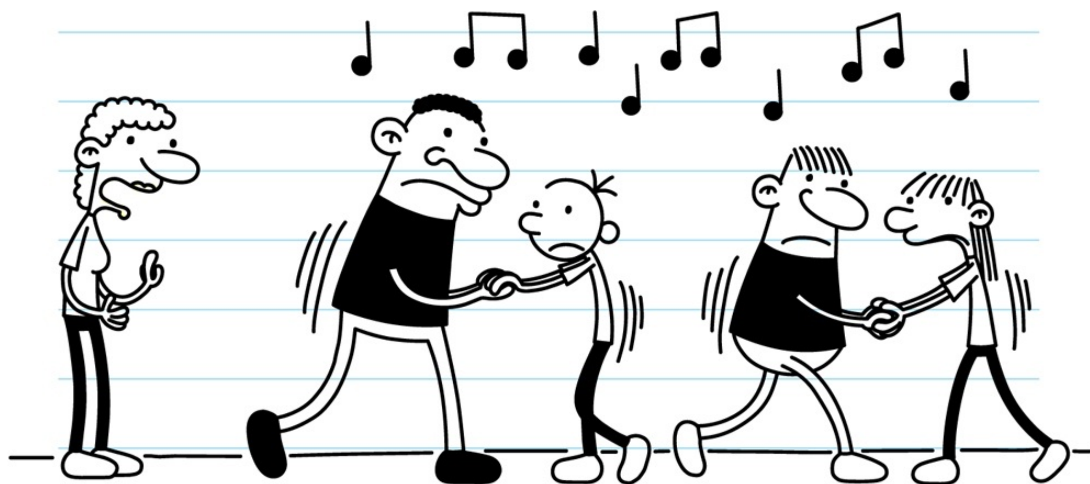


Ainda assim, fiquei meio decepcionado por ninguém ter escrito o meu nome num daqueles pedacinhos de papel.

Foi aí que a gente percebeu que não ia precisar participar das aulas de dança de salão e que ia poder ficar jogando bola na quadra durante a aula de Educação Física nas três semanas seguintes.



Mas a gente comemorou cedo demais. A sra. Moretta falou que TODO MUNDO ia ter que dançar e começou a formar casais de GAROTOS. Quando fui ver, estava dançando valsa com o Carlos Escalera.



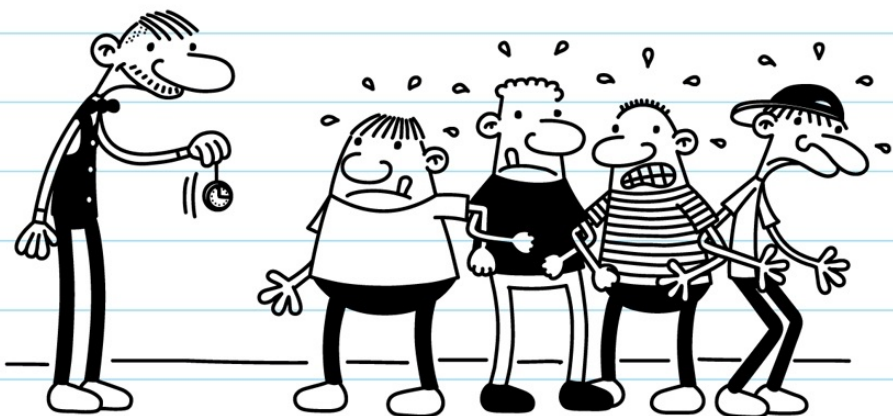
Segunda-feira

Hoje não teve aula de Educação Física, por causa de uma palestra que rolou na quarta aula. Sou obrigado a admitir que fiquei meio decepcionado ao saber disso, porque, acredite se quiser, eu e o Carlos estamos mandando muito bem no merengue.



A maioria do pessoal ficou bem empolgada, porque desde novembro não tínhamos uma palestra lá na escola. Foi quando um hipnotizador chamado O Incrível Andrew apareceu por lá.

No encerramento de seu número, O Incrível Andrew hipnotizou alguns alunos do oitavo ano e fez com que eles pensassem que seus braços estavam grudados com supercola.

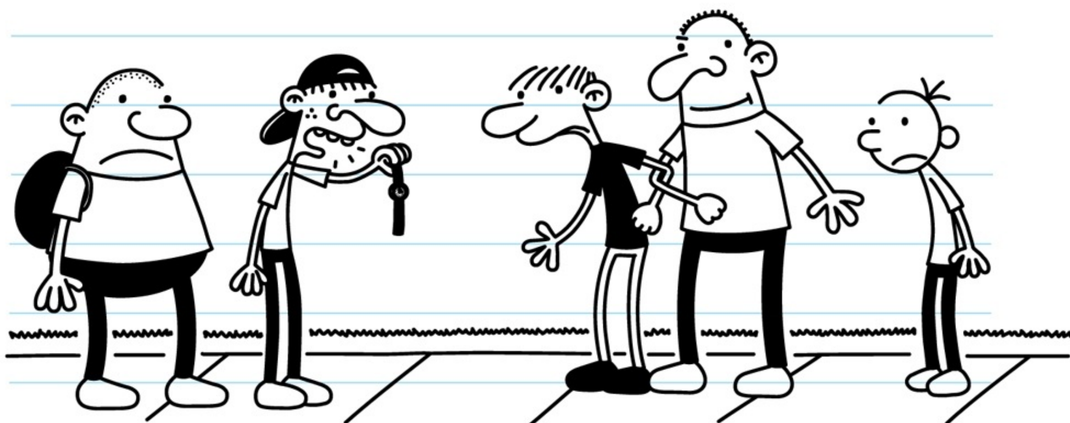


Depois disse para os moleques que eles iam se desgrudar ao som de uma palavra mágica, e quando ele falou aquilo todos se soltaram do nada.



Depois da aula, um monte de gente ficou discutindo se aquilo tinha sido real ou se os garotos tinham combinado tudo com o hipnotizador e estavam só fingindo.

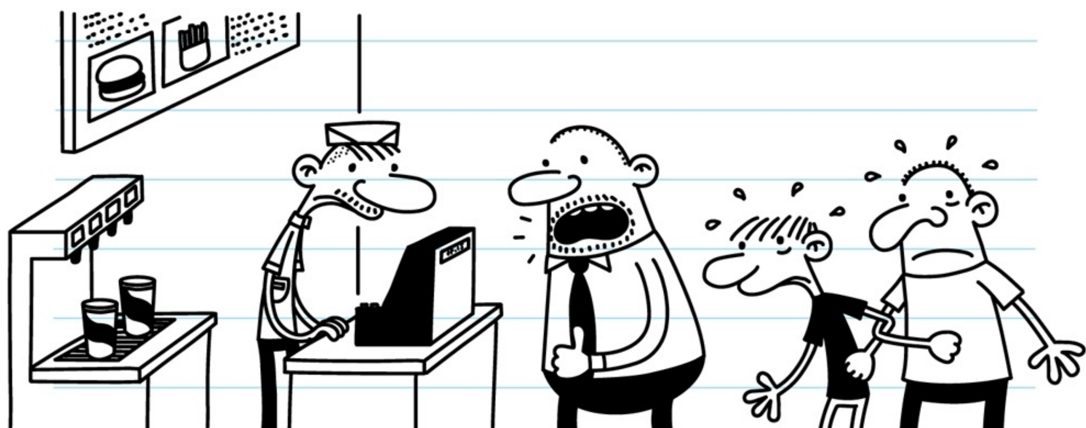
Dois dos moleques que acharam que O Incrível Andrew era um farsante deram os braços, e o Martin Ford disse que eles estavam hipnotizados e que os braços deles estavam grudados com supercola.



E, por incrível que pareça, DEU CERTO. Os dois não conseguiam se desgrudar e entraram em pânico. O Martin tentou dizer a palavra mágica, mas ela não funcionou de jeito nenhum.



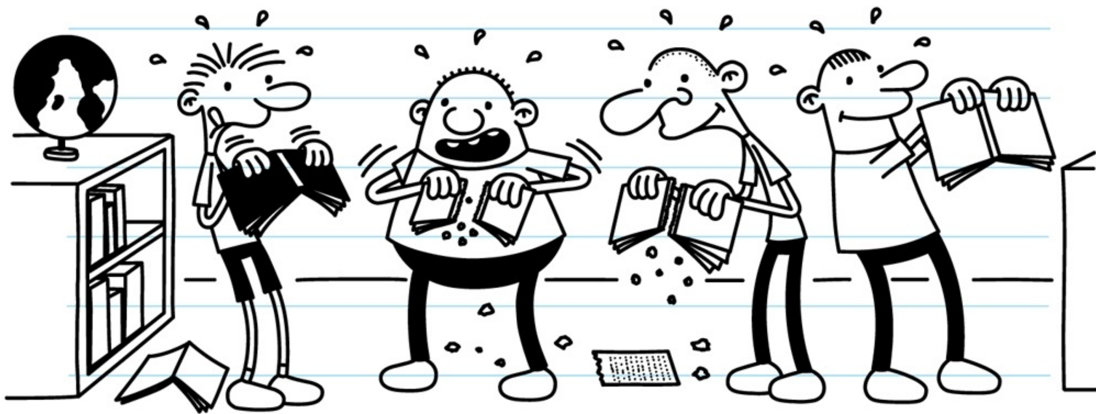
Os dois voltaram pra escola, e um dos professores teve que ir até o lugar onde O Incrível Andrew trabalhava, pedir que ele dissesse a palavra mágica e separasse os garotos.



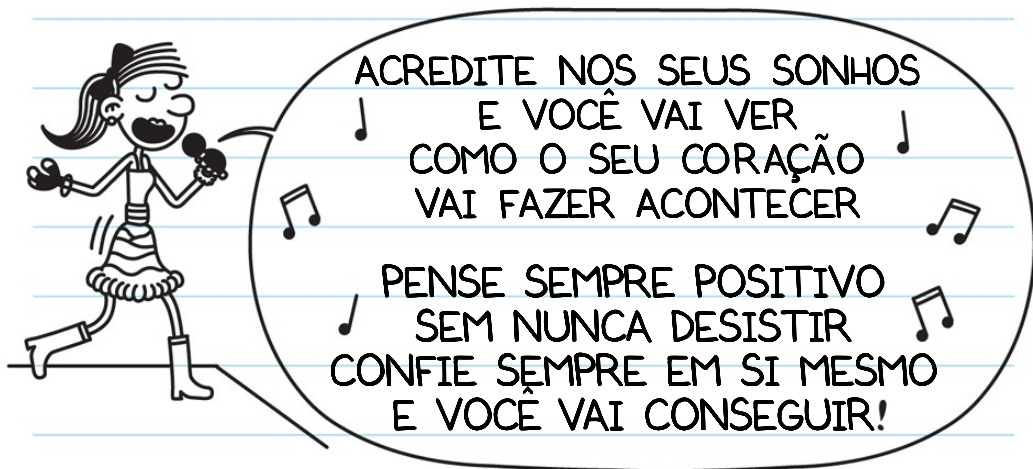
Eu não sei onde a escola arruma essas pessoas que vêm dar palestra pra gente. No ano passado, trouxeram um cara chamado Steve Saradão. Ele fez um discurso falando pra gente dizer não às drogas, e no fim rasgou uma lista telefônica no meio com as próprias mãos.



Não sei o que tem a ver rasgar uma lista telefônica com dizer não às drogas, mas a molecada ficou doida com esse cara. A bibliotecária teve que renovar quase todo o estoque de enciclopédias e dicionários da escola depois dessa visita do Steve Saradão.



Só espero que eles NÃO convidem de novo aquela cantora chamada Krisstina. Acho que o pessoal da escola gosta que a Krisstina cante pra gente por causa das letras sempre positivas.



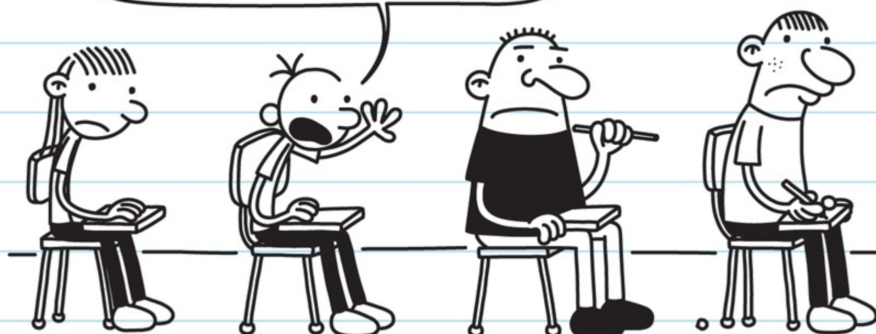
Essa tal Krisstina diz ser uma "pop star internacional", mas não sei de onde ela tirou essa ideia. Que eu saiba ela nunca tocou nem mesmo em outro ESTADO.



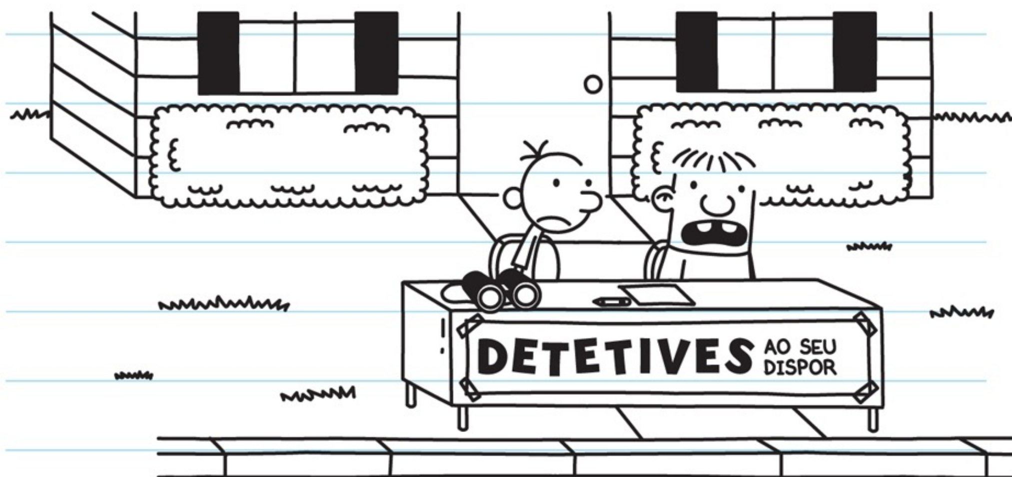
Uma das minhas palestras favoritas foi a de um policial que contou como era o trabalho no departamento de narcóticos. Ele disse que sua função era se infiltrar no meio dos alunos do Ensino Médio e denunciar quem não estivesse andando na linha.



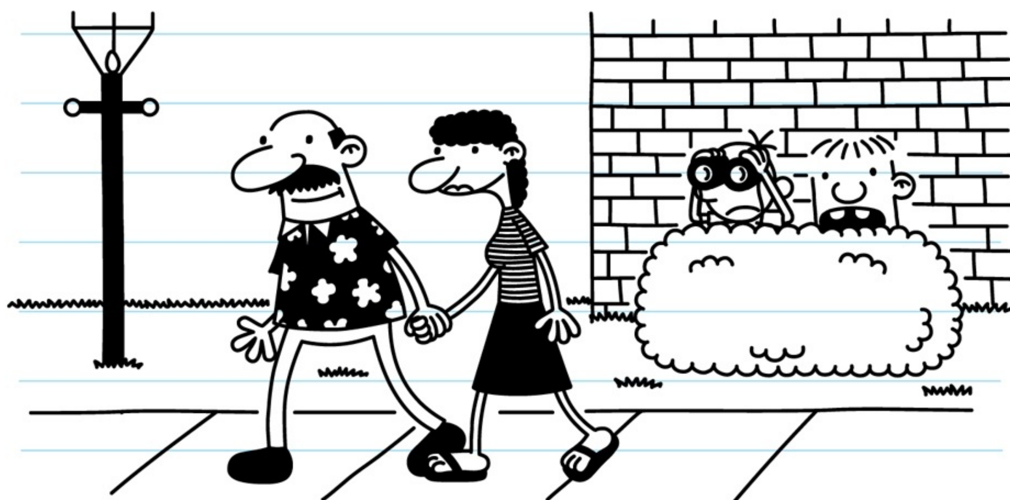
Eu achei aquilo o MÁXIMO. Ir pra escola sem precisar fazer provas nem lição de casa e ainda mandar todos os idiotas pra cadeia parecia ser o emprego ideal pra mim.



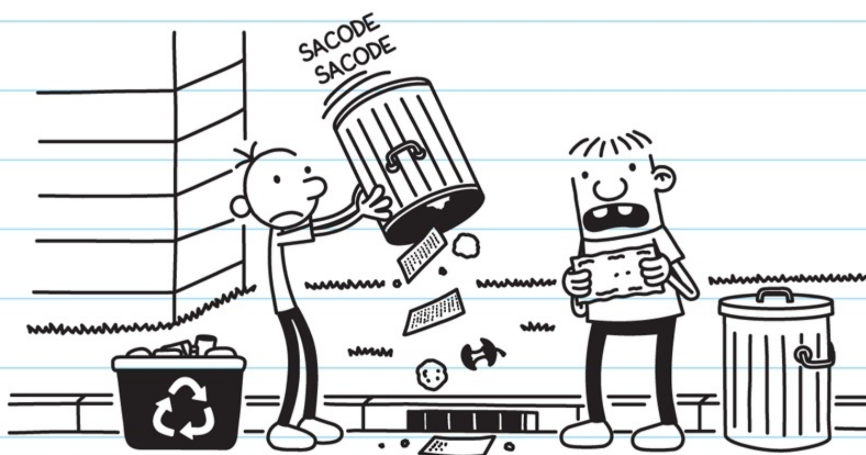
Depois dessa palestra do policial lá na escola, eu e o meu amigo Rowley decidimos criar a nossa própria agência de detetives.



Infelizmente não tinha muita procura por detetives particulares aqui no bairro e ninguém queria contratar a gente. Mas a gente decidiu começar a espionar ASSIM MESMO.



Era muito divertido. A melhor parte de ser um detetive particular era poder xeretar à vontade a vida dos outros e poder dizer que estava só fazendo seu trabalho.

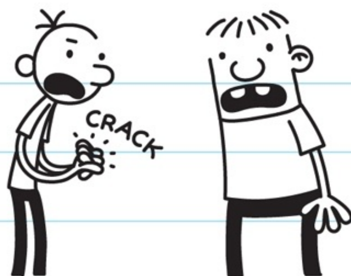


Concentramos nossas investigações principalmente sobre o sr. Millis, que mora na rua da minha casa. Não que ele fizesse alguma coisa suspeita. É que a gente sabia que ele tinha todos os canais de filmes da TV a cabo.

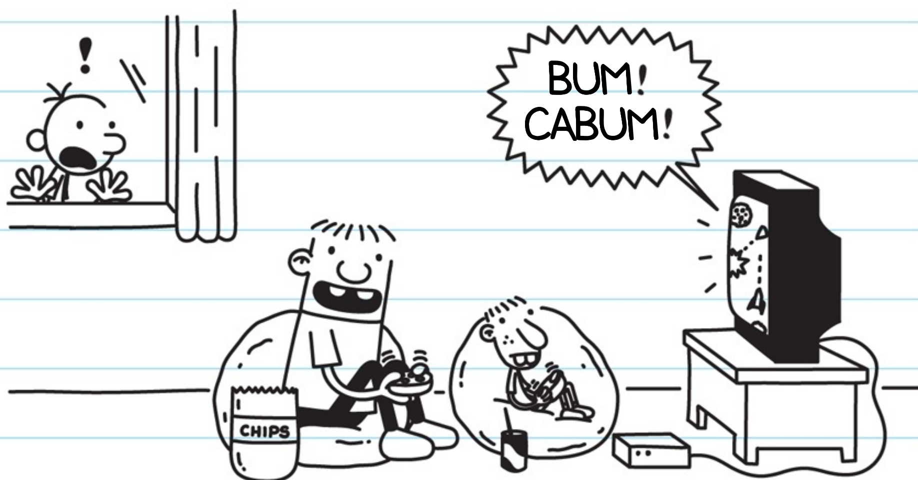


Mas aí a nossa agência de detetives foi por água abaixo quando começamos a investigar o Scotty Douglas. Ele me pediu um game emprestado nas férias e disse que perdeu, mas eu sabia que era mentira. Então mandei o Rowley ir até a casa dele pra descobrir a verdade.

Falei pro Rowley pegar pesado, ficar estalando os dedos o tempo todo, pro Scott entender que ele não estava pra brincadeira.



Só que o Rowley estava demorando demais pra voltar, e eu comecei a ficar preocupado. Fui até lá pra ver o que estava acontecendo e peguei o Rowley no flagra jogando o meu game junto com o Scotty.

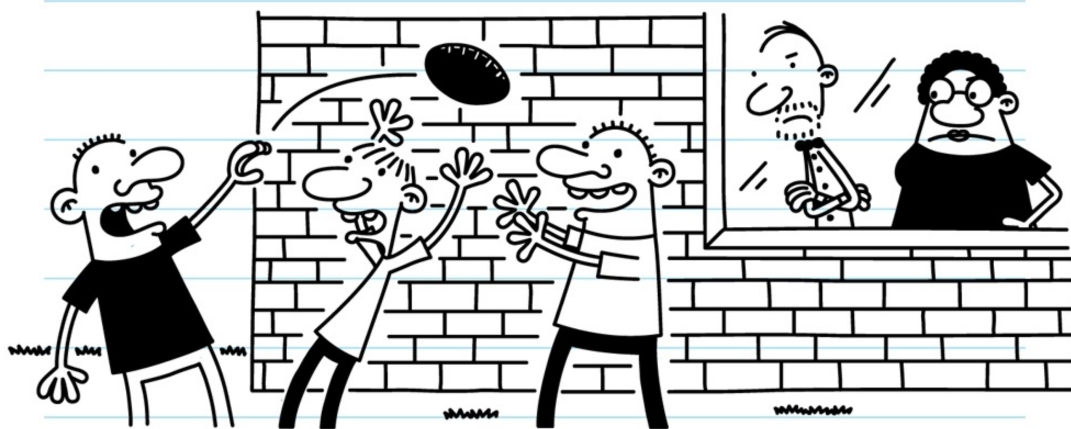


Tive que demitir o Rowley na hora e, se algum dia eu criar outra agência de detetives, a primeira coisa que vou fazer é arrumar um parceiro mais durão.

Bom, como eu dizia, todo mundo estava empolgado pra descobrir quem faria a palestra de hoje.

Mas no fim NÃO ERA uma palestra. Depois que todo mundo se acomodou no ginásio, o vice-diretor Roy subiu no palco e disse que tinha convocado os alunos porque a gente ia precisar eleger novos representantes do grêmio estudantil.

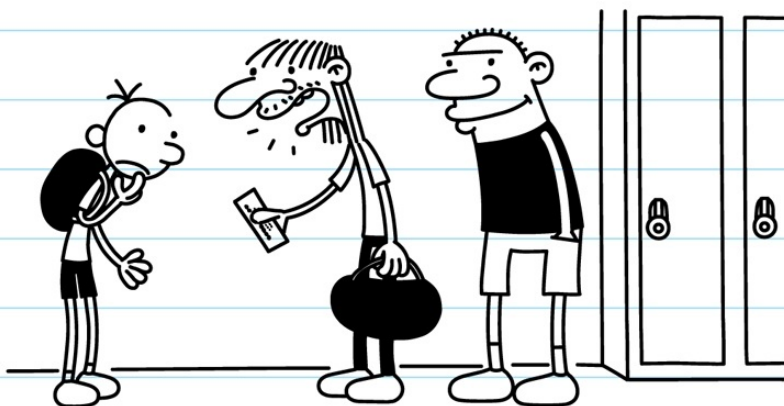
A eleição tinha sido no fim do ano passado, mas o pessoal que foi eleito estava faltando nas reuniões pra ficar brincando no recreio, e acho que os representantes dos professores e dos pais se cansaram disso.



O vice-diretor Roy falou que quem quisesse concorrer tinha que respeitar duas condições. A primeira era estar disposto a comparecer a todas as reuniões. E a segunda era ter no máximo duas advertências por indisciplina.

Acho que a segunda condição foi imposta por MINHA CAUSA, porque eu tinha acabado de ficar de castigo depois da aula pela terceira vez.

No meu primeiro ano no E.F. II, um cara do oitavo ano falou que tinha um elevador secreto pro segundo andar e que ele podia me vender uma credencial pra usar esse elevador por cinco pratas.

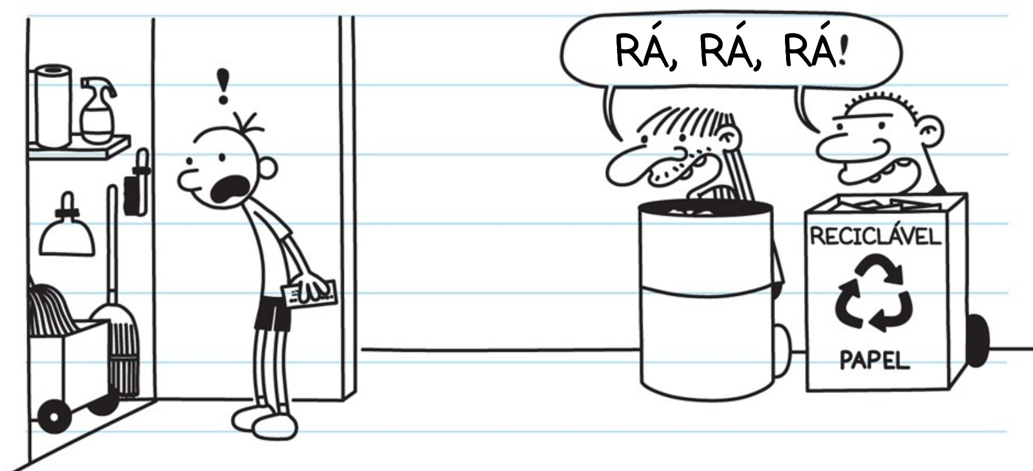


Pra mim pareceu um ÓTIMO negócio, então eu paguei pela credencial, que parecia ser legítima.

ACESSO AO ELEVADOR

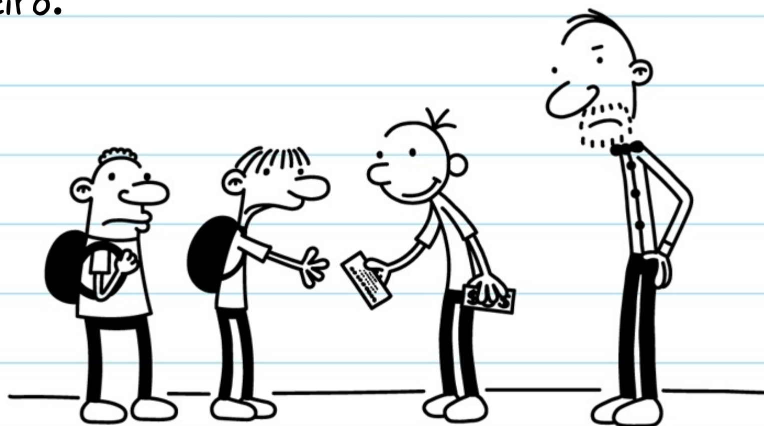
Esta credencial dá direito ao uso ilimitado do elevador da escola.

Mas no fim era tudo enganação, não existia elevador secreto porcaria nenhuma.



A tal credencial pro elevador ficou comigo desde então. Mas aí, umas semanas atrás, consegui vender pra um garoto que era novo na escola.

Infelizmente, eu fui meio descuidado e acabei sendo flagrado pelo vice-diretor Roy, que me fez devolver o dinheiro.



Ele me fez ficar de castigo depois da aula, o que não foi nada legal, porque eu tinha vendido a credencial pro garoto pela metade do preço.

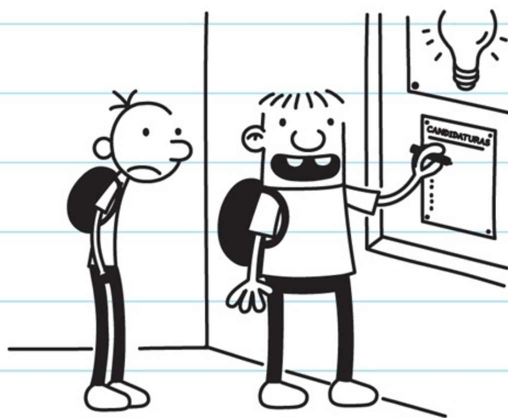
Depois do anúncio eu me dei conta de uma coisa: o Rowley nunca tinha sido punido por indisciplina, então era o candidato PERFEITO pra fazer parte do grêmio. Falei pra ele se candidatar, mas o Rowley disse que não saberia o que fazer se fosse eleito.

Era justamente aí que eu entrava. Falei que, se ele fosse eleito, eu tomaria todas as decisões difíceis, e ele só ia precisar aparecer nas reuniões e fazer o que eu mandasse. Achei a ideia GENIAL, porque assim eu teria o poder de decidir o que quisesse, mas sem perder o recreio.



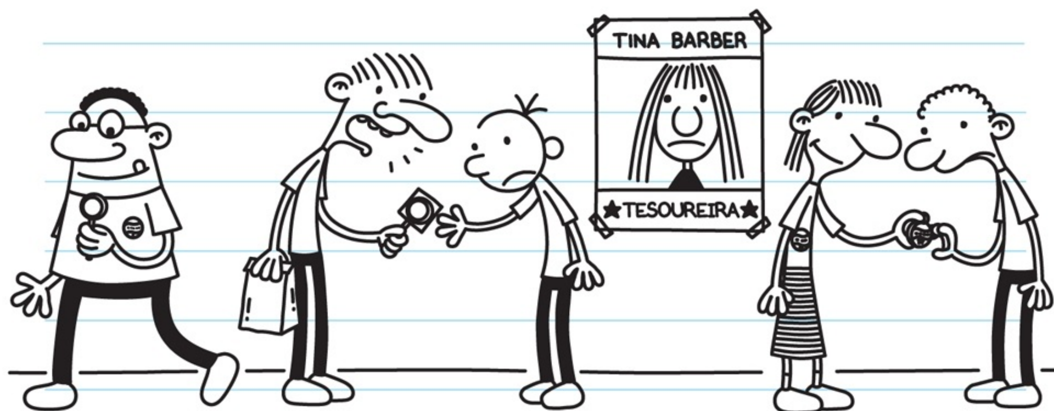
Eu disse que seria o coordenador da campanha do Rowley, assim ele não ia precisar mover uma palha pra ser eleito. A gente foi até o mural, e o Rowley inscreveu a candidatura dele.

Eu queria que ele concorresse a um cargo importante como presidente ou vice, mas o Rowley preferiu disputar a "diretoria de atividades sociais". Não faço ideia do que venha a ser essa função, mas, desde que o Rowley possa participar das grandes decisões, pra mim tanto faz.



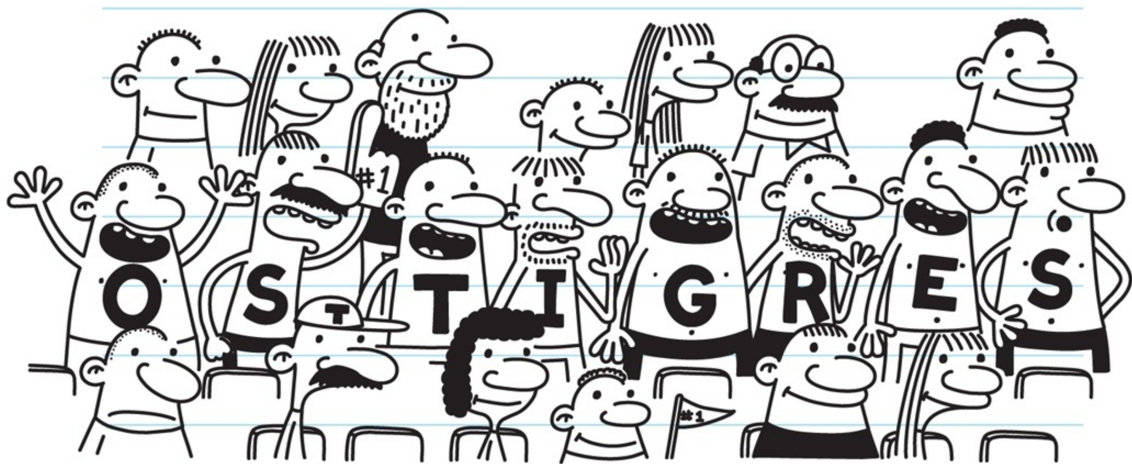
Quarta-feira

Ontem já tinha candidatos colando cartazes nos corredores e distribuindo broches e doces pra ganhar votos. Ou seja, a gente JÁ ESTAVA ficando pra trás.



Eu sabia que ia precisar bolar alguma coisa grande pro Rowley conseguir ser eleito e foi bem isso o que fiz.

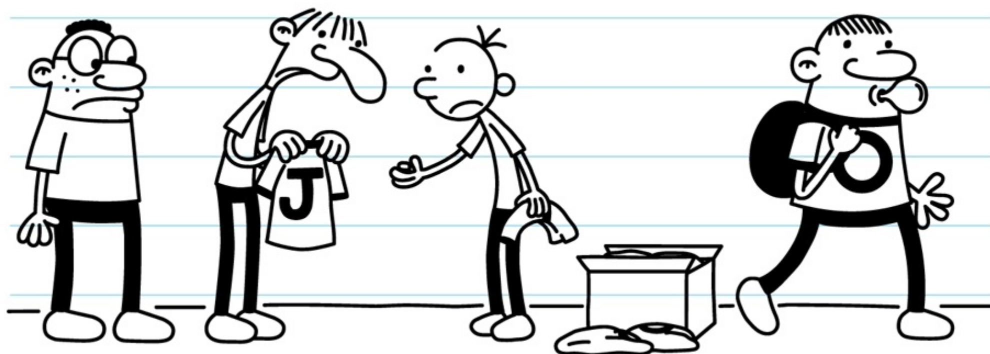
Quando os candidatos forem discursar no ginásio, as arquibancadas vão estar cheias de alunos. Nos eventos esportivos que passam na TV, as pessoas escrevem coisas no peito pra apoiar seu time.



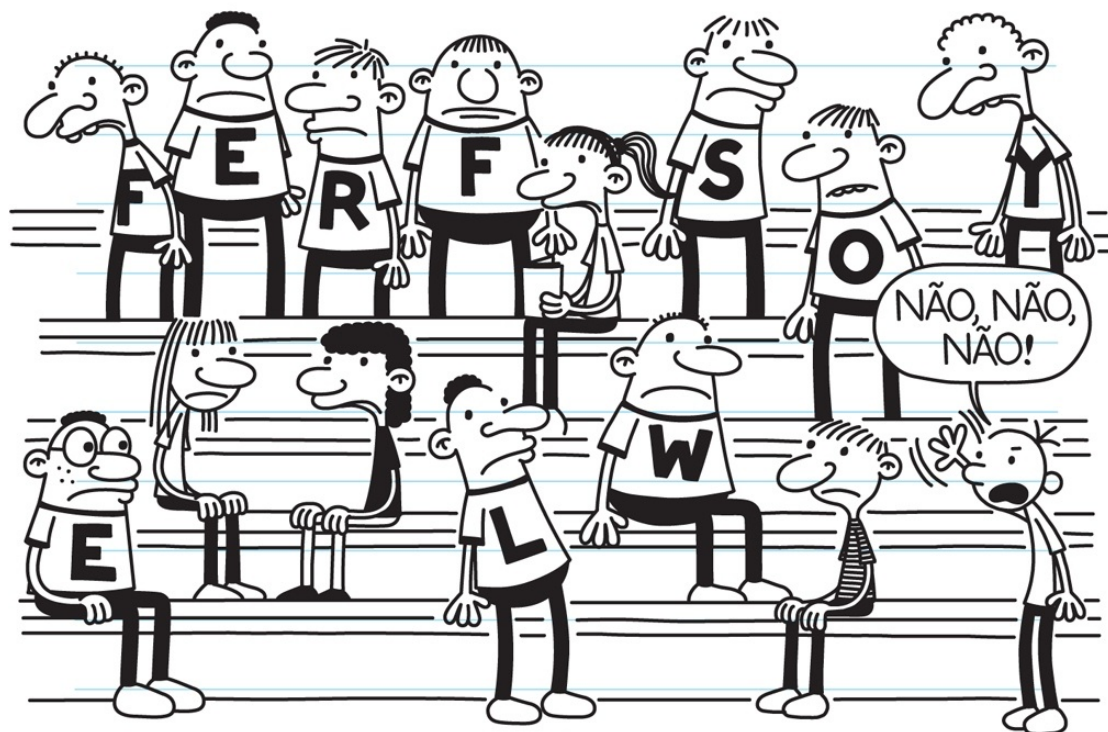
Ontem à noite peguei um monte de camisetas do tio Gary na garagem, virei do avesso e escrevi uma letra em cada uma delas pra formar a frase “VOTE EM ROWLEY JEFFERSON PARA DIRETOR DE ATIVIDADES SOCIAIS”. Demorei a noite toda pra fazer isso e gastei uns vinte canetões, mas eu sabia que ia causar um tremendo efeito na reunião.



Cheguei à escola bem cedo e entreguei uma camiseta e um chiclete pra todo mundo que topou participar.



Mas, nas arquibancadas do ginásio, colocar a galera na ordem certa era mais difícil que tocar um rebanho de ovelhas.

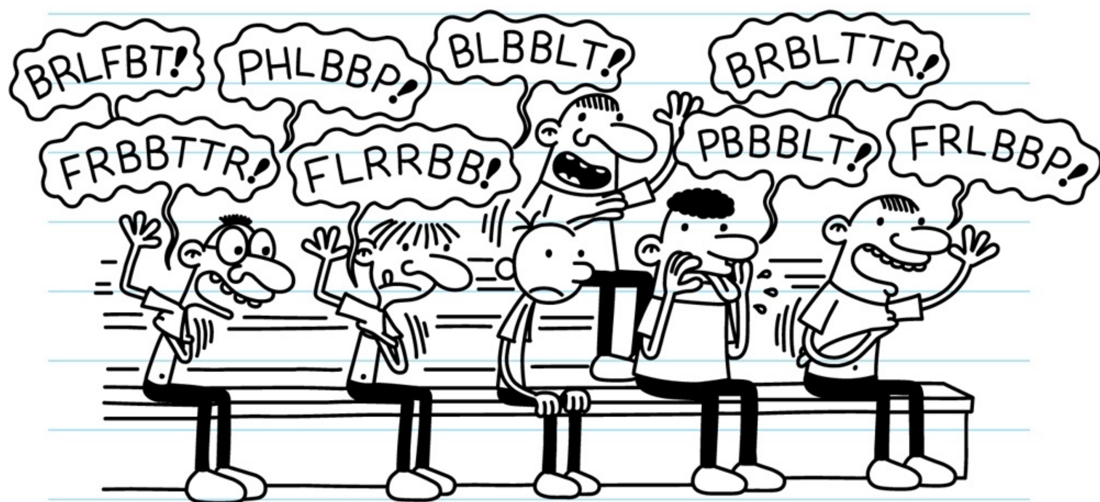


Os únicos candidatos que precisavam discursar eram os que concorriam à presidência. Fiquei aliviado ao ouvir isso, porque o Rowley estava nervoso demais quando ensaiou o discurso da candidatura pra diretor de atividades sociais.



A primeira pessoa a falar foi uma menina chamada Sydney Greene, uma aluna nota 10 que nunca faltou um dia sequer na escola. Ela disse que, caso fosse eleita, ia conseguir melhores equipamentos para a sala de música e comprar sobrecapas de plástico pros livros da biblioteca durarem mais.

Depois foi a vez do Bryan Buttsy. Assim que o vice-diretor chamou o Bryan pra subir ao palco, todo mundo no ginásio começou a fazer uns barulhos nojentos.



Tenho certeza de que o Bryan disse um monte de coisas interessantes, mas não dava pra ouvir nada no meio daquela barulheira.

Tomara que o Bryan nunca se candidate a nenhum cargo quando for adulto, porque os comícios dele com certeza iam ser RIDÍCULOS.

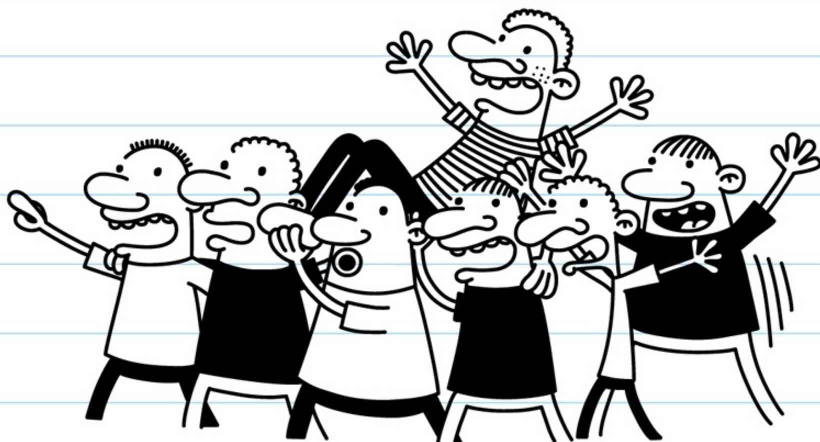
O último candidato era um moleque chamado Eugene Ellis. O Eugene foi o único a não colar cartazes e nem distribuir pirulitos ou coisas do tipo, então ninguém estava levando a candidatura dele muito a sério.



O discurso do Eugene não demorou mais que trinta segundos. Ele disse que, se fosse eleito presidente, ia fazer a escola trocar o papel higiênico vagabundo dos banheiros por um bacana, de folha dupla.

Quando o Eugene acabou de falar, o ginásio inteiro veio abaixo. O pessoal SEMPRE reclamou do papel higiênico lá da escola, que parece uma lixa.

E, pela reação que o Eugene despertou, acho que a Sydney e o Bryan não têm a menor chance.



Quinta-feira

Como eu previ, o Eugene Ellis foi eleito presidente com um número enorme de votos. O Rowley também ganhou, já que era o único candidato ao cargo de diretor de atividades sociais. Eu bem que podia ter descoberto isso antes, porque assim não perderia o meu tempo pintando todas aquelas camisetas.

A primeira reunião do grêmio estudantil foi hoje, e a sra. Birch, a professora que supervisiona o grêmio, disse pro Eugene que a escola não tinha como bancar rolos de papel higiênico de folha dupla nos banheiros e que ele podia esquecer aquela ideia.

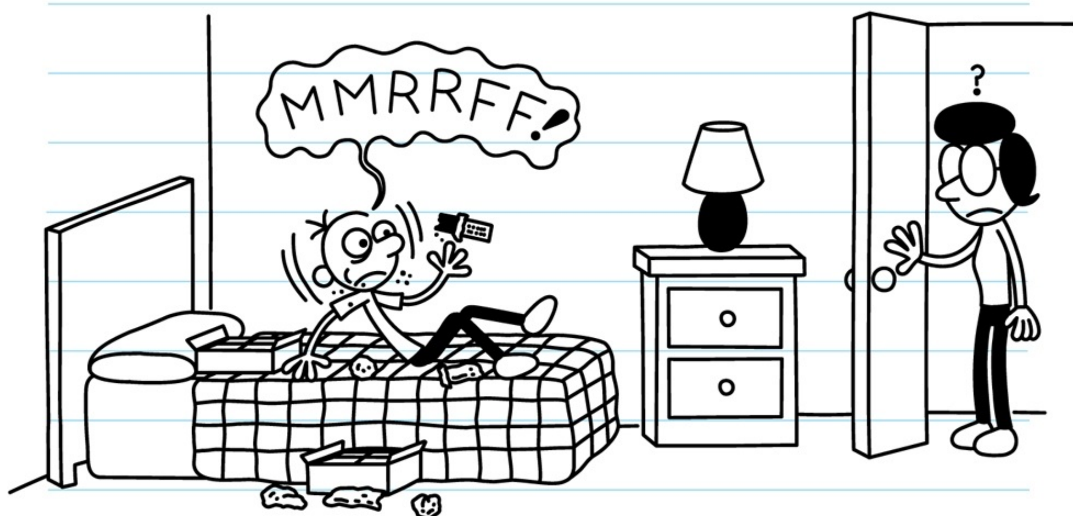


A notícia se espalhou depressa e o pessoal ficou louco da vida. Todo mundo só tinha votado no Eugene por causa daquela promessa de campanha. Além disso, todo ano a escola fazia eventos pra arrecadar fundos, e o pessoal achava que uma parte do dinheiro que a gente conseguia devia ser usada pra comprar um papel higiênico decente.

Era pra escola estar nadando na grana depois do ÚLTIMO evento de arrecadação, quando fizeram a gente vender chocolates. Quem teve essa ideia merece os meus parabéns. A escola deu cinquenta barras de Chocolate Crocante pra cada aluno, e a gente tinha que sair pela rua vendendo.



Só que eu não conheço uma pessoa que não tenha comido uns três ou quatro chocolates antes mesmo de chegar em casa. Eu mesmo comi quinze antes que a mamãe descobrisse e me mandasse parar.

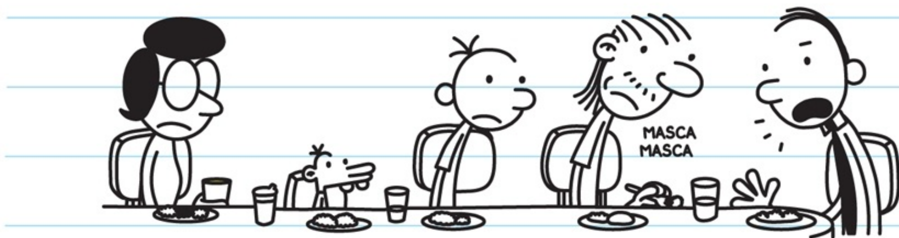


No fim, um monte de gente teve que mandar um cheque para cobrir o desfalque que os filhos tinham dado na escola. Talvez ninguém tenha vendido um mísero chocolate na rua durante a campanha toda.

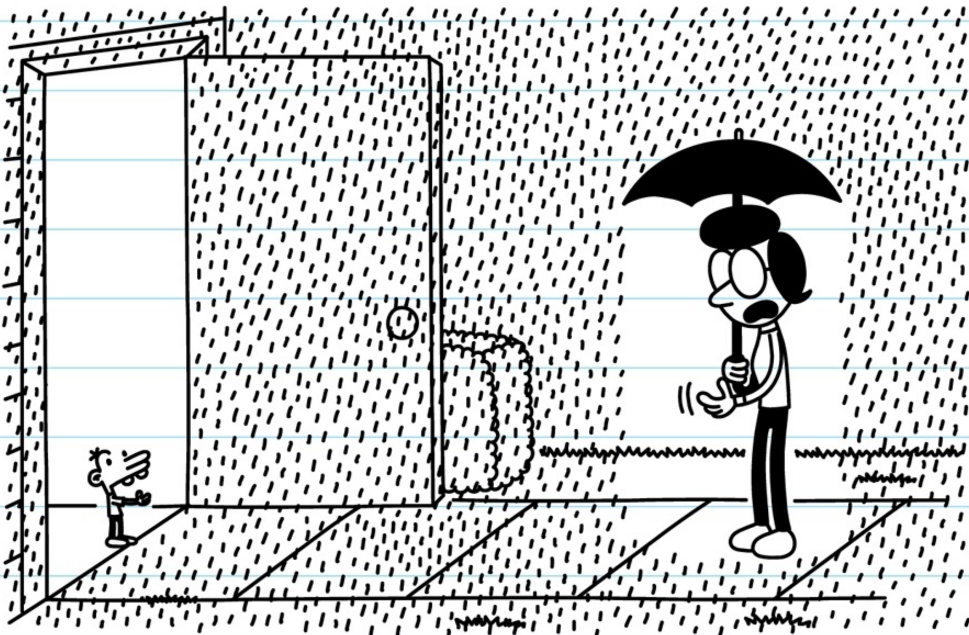
Sábado

Por falar em dinheiro, o tio Gary já gastou tudo o que ganhou na semana e veio pedir uns trocados emprestados pra MIM. Quando o papai descobriu, ficou muito bravo com ele.

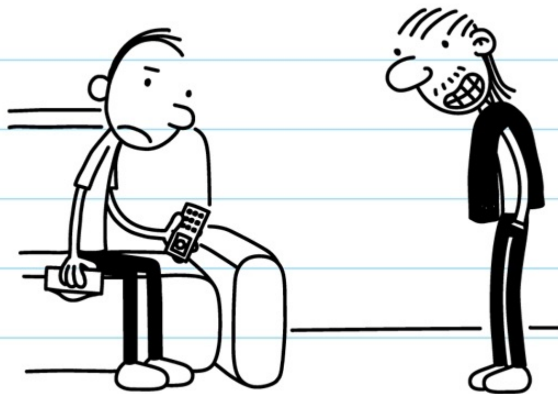
O tio Gary tinha gastado todo o dinheiro dele em bilhetes de raspadinha. O papai disse pro tio Gary que era mais fácil cair um raio na cabeça dele do que ganhar na loteria, que ele estava jogando dinheiro fora.



O papai devia ter tomado mais cuidado com o que dizia, porque agora o Manny se recusa a sair de casa quando está chovendo.



Pra completar, as raspadinhas são um assunto meio delicado pro papai. Uns anos atrás, ele comprou uma jaqueta bacana pro tio Gary no Natal e, em troca, ganhou um bilhete de raspadinha. O papai ficou meio irritado por ter gastado uma grana no presente do tio Gary e receber dele uma coisa que custava centavos.



Ele raspou os quadradinhos do bilhete com uma moeda e viu aparecerem três cerejas, o que significava um prêmio de cem mil pratas.



Mas no fim aquele bilhete era só uma daquelas pegadinhas, não tinha prêmio nenhum.



A gente não pode nem comentar sobre esse Natal com o papai, porque ele fica de cara amarrada pelo resto do dia.

O que ele quer DE VERDADE é que o tio Gary arrume um emprego e saia logo de casa. Eu também estou começando a desejar isso, porque ultimamente o tio Gary anda passando quase o tempo todo no meu quarto, jogando no computador.

Ele está viciado num jogo que simula um mundo virtual onde a gente pode ser o que quiser, desde um policial ou operário até um astro do rock.

Mas até no mundo virtual, o tio Gary é só um cara desempregado que gasta tudo o que tem com bilhetes de raspadinha.

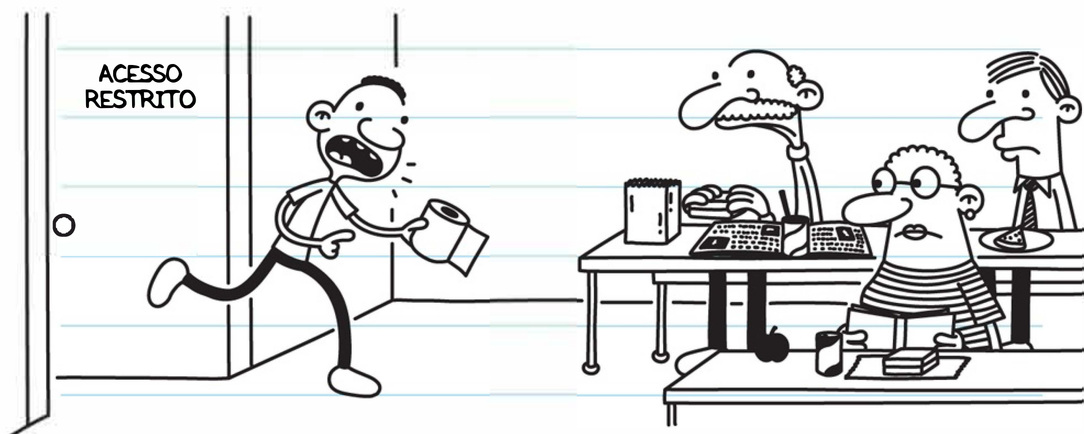


FEVEREIRO

Quinta-feira

Aconteceu um montão de coisas na escola nesta semana.

Tudo começou na segunda-feira, na reunião do grêmio estudantil. As reuniões são feitas na sala dos professores e, quando Javan Hill, o tesoureiro, foi ao banheiro, ele voltou de lá com um rolo de papel ultramacio.



Quer dizer, os professores tinham um papel bacana no banheiro deles, mas os alunos tinham que se contentar com o vagabundo.

Quando o Eugene Ellis foi conversar a respeito com a sra. Birch, ela fez aquela cara de quem tinha sido pega em flagrante.

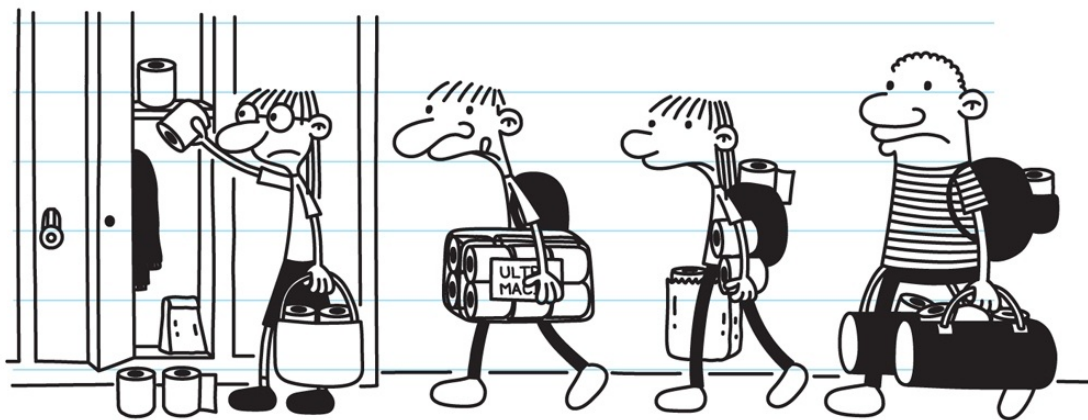


A sra. Birch então falou que, apesar de os professores usarem o papel ultramacio, a escola não tinha dinheiro pra pôr papel higiênico caro em todos os banheiros, mas ela podia propor uma solução.

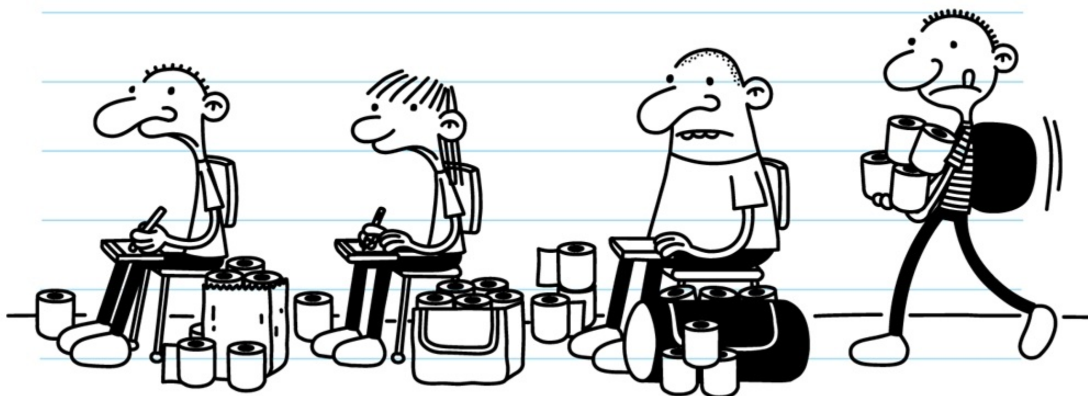
Ela falou que a escola permitiria que os alunos trouxessem de casa seu PRÓPRIO papel. Quando esse anúncio foi feito pelos alto-falantes, foi considerado uma grande conquista do Eugene Ellis e do grêmio estudantil.



A nova regra do papel higiênico começou a valer na terça-feira, e acho que algumas pessoas exageraram um pouco na dose.



Na verdade, teve gente que levou tanto papel que nem cabia no armário, então o pessoal precisou ficar carregando os rolos pra todo lugar que ia.

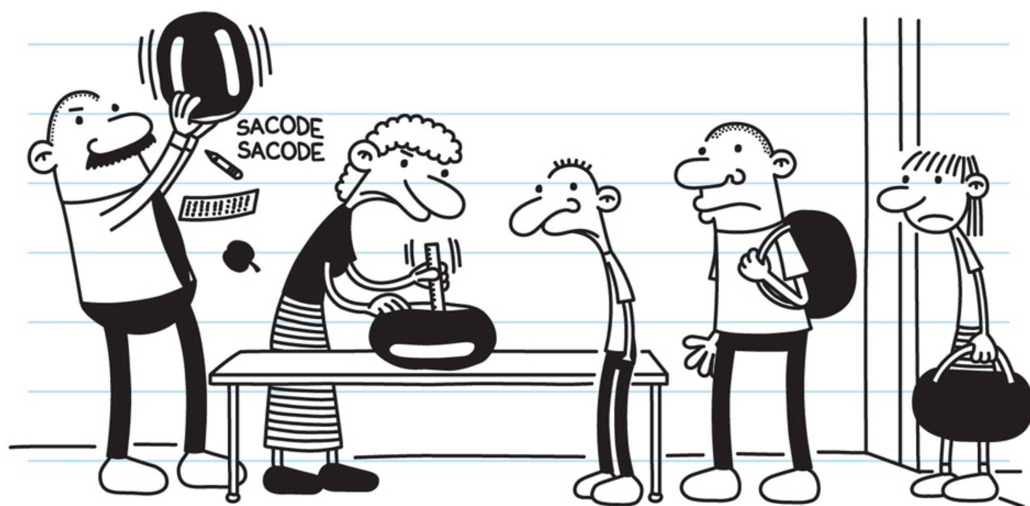


Ainda assim, estava tudo tranquilo até que, na hora do almoço, alguém teve a ideia de jogar um rolo de papel em alguém, e em quinze segundos o refeitório virou um caos.



Nesse mesmo dia, o diretor anunciou que dali em diante a gente só poderia levar cinco pedaços de papel higiênico por dia. Pra mim essa regra é uma coisa ridícula, porque NINGUÉM consegue se manter limpo o dia inteiro só com cinco pedacinhos de papel.

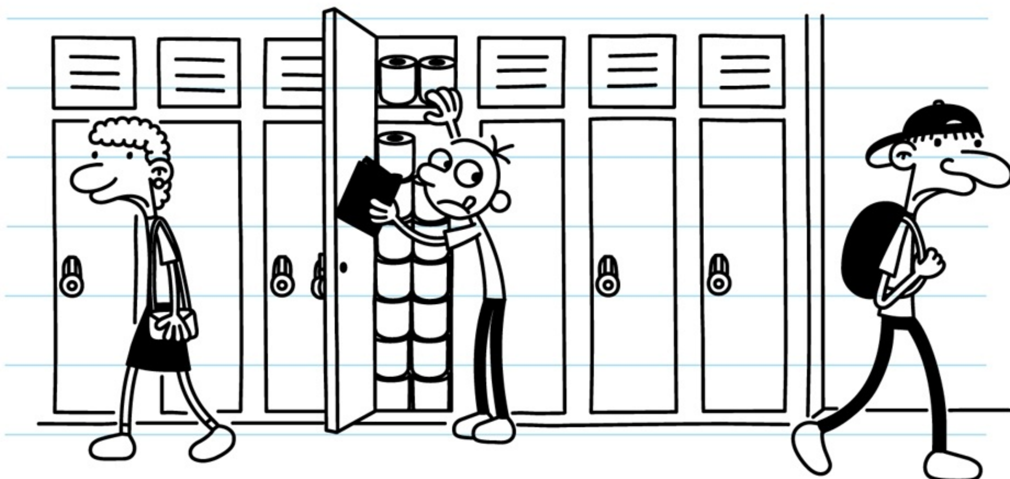
Ontem vários alunos foram pegos com uma cota de papel maior que a estipulada, então os professores começaram a revistar as mochilas na porta de entrada da escola.



Quinta-feira

Na semana passada, quando o diretor estabeleceu a regra dos cinco pedaços de papel, eu já tinha feito um estoque de vinte rolos no meu armário.

Os professores fazem revistas nos armários dos alunos de vez em quando, então eu sabia que mais cedo ou mais tarde ia acabar sendo descoberto.

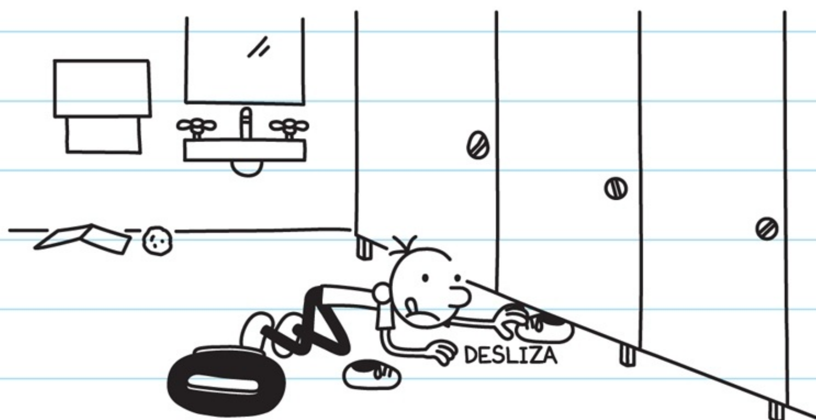


E eu queria que o meu estoque durasse até o fim do ano letivo, então precisava arrumar um jeito de passar despercebido.

Cheguei à conclusão de que o ÚNICO jeito de fazer isso era ter o meu banheiro particular e guardar o meu papel higiênico lá dentro.

Então, na segunda-feira, encontrei uma cabine mais ou menos limpa, tranquei por dentro e saí me arrastando pela abertura debaixo da porta.

Depois peguei um tênis velho que tinha levado de casa e deixei no chão, na frente da privada, pra parecer que o espaço estava ocupado.



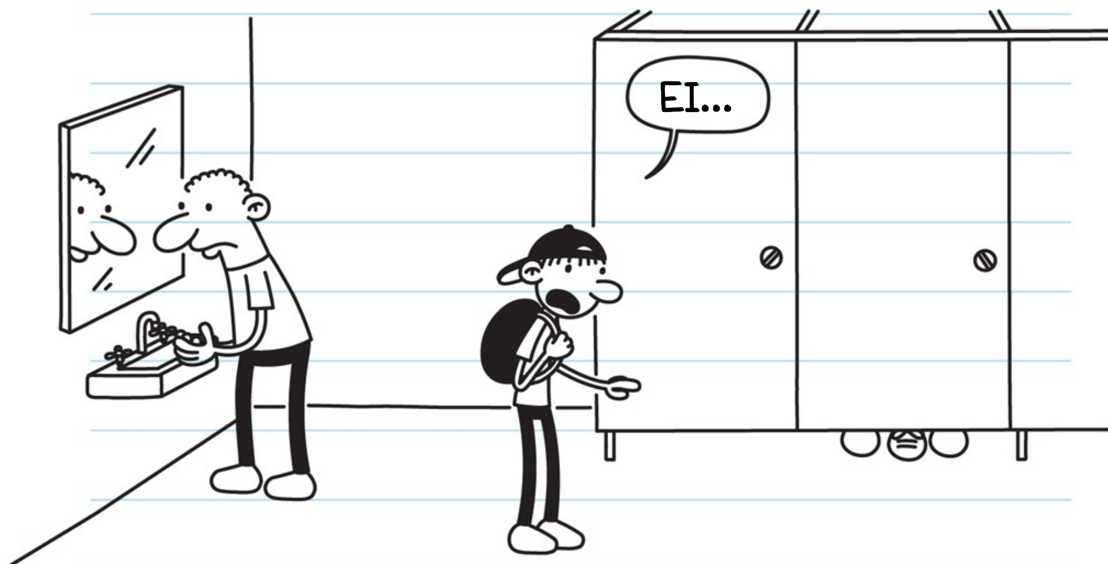
Toda vez que precisava usar o banheiro, eu esperava até não ter ninguém por perto e rastejava pra dentro da minha cabine. Era como ter um pequeno apartamento dentro da escola. Na verdade, eu devia ter tido essa ideia muito tempo antes.



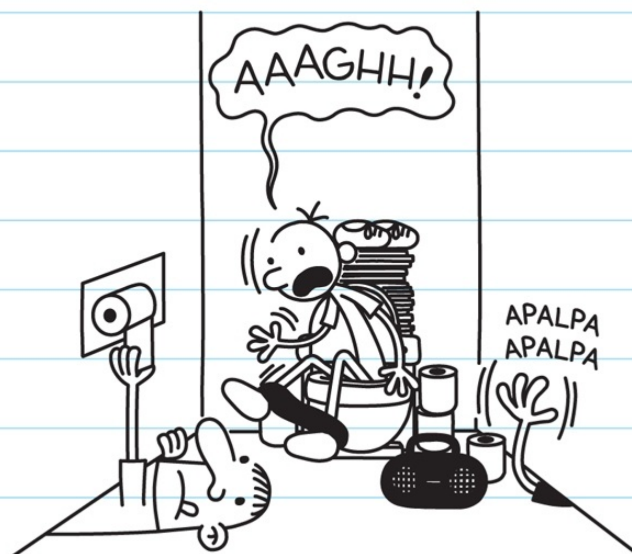
O esquema funcionou muito bem nos primeiros dias. Ninguém TENTAVA usar a minha cabine.



Mas aí um dia eu esqueci de tirar o tênis cenográfico do chão enquanto usava o banheiro e acho que o pessoal desconfiou.



Não demorou muito tempo pro resto dos alunos descobrirem que tinha um papel higiênico bacana ali dentro e o esquema todo logo foi descoberto.



Sexta-feira

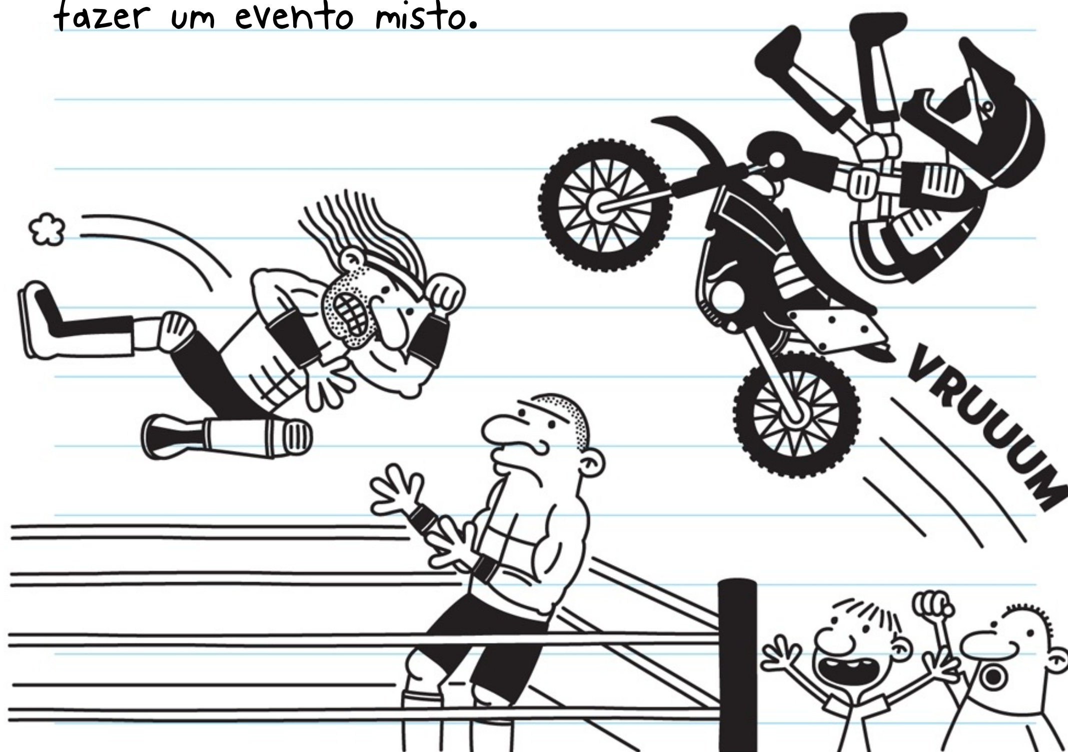
Acho que os alunos aprenderam uma lição com o episódio do papel higiênico. Se a gente quer alguma coisa, precisa arrumar dinheiro pra isso antes.

Então, na semana passada, o grêmio estudantil conversou sobre formas de arrecadar fundos. Hillary Pine, a vice-presidente, disse que a gente devia fazer um mutirão pra lavar carros, e a secretária Olivia Davis sugeriu um brechó.

Eu achava que era melhor vender pipoca doce, mas o Rowley deve ter deixado o walkie-talkie num volume muito baixo ou eu estava sendo ignorando.

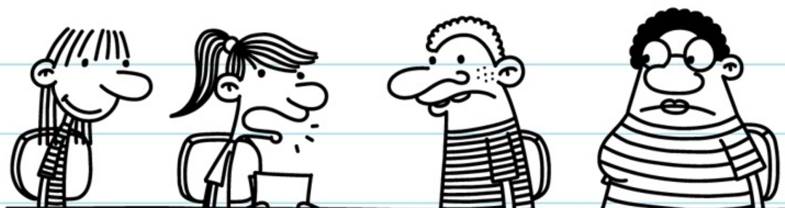


O Eugene Ellis sugeriu um torneio de luta livre no ginásio, mas o Javan Hill preferia uma exibição de acrobacias de motocicleta. Eles não conseguiram escolher o que seria mais legal, então decidiram fazer um evento misto.



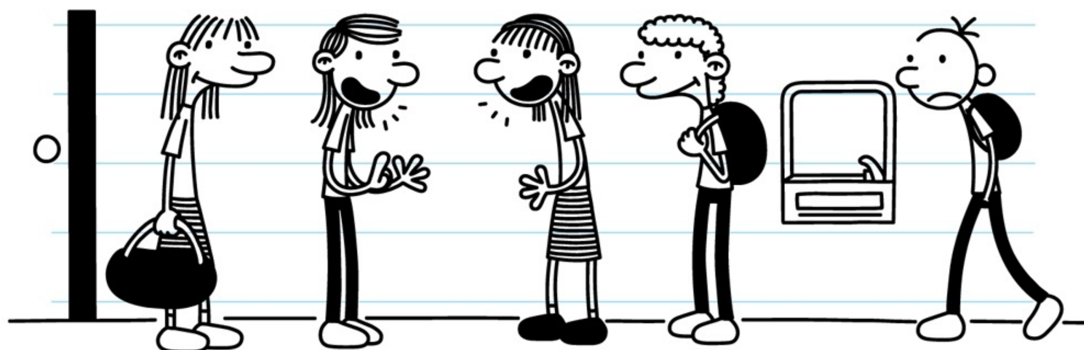
Acho que o Eugene percebeu que ia dar muito trabalho organizar um evento como aquele, então deixou tudo a cargo da vice-presidente. A Hillary criou um Comitê de Arrecadação e chamou as amigas dela pra ajudar.

Na segunda-feira, a Hillary comunicou ao grêmio estudantil que o planejamento pro evento já estava todo pronto, mas que o Comitê de Arrecadação tinha feito algumas "pequenas" mudanças no projeto original.



De alguma forma, o evento de acrobacias motorizadas e luta livre virou um baile do DIA DOS NAMORADOS. O Eugene e os outros caras tentaram voltar atrás, mas a sra. Birch falou que a decisão do Comitê de Arrecadação tinha que ser respeitada. Na verdade acho que ela não gostou muito da ideia de ter motocicletas fazendo acrobacias no ginásio, então aproveitou a deixa pra melar o evento.

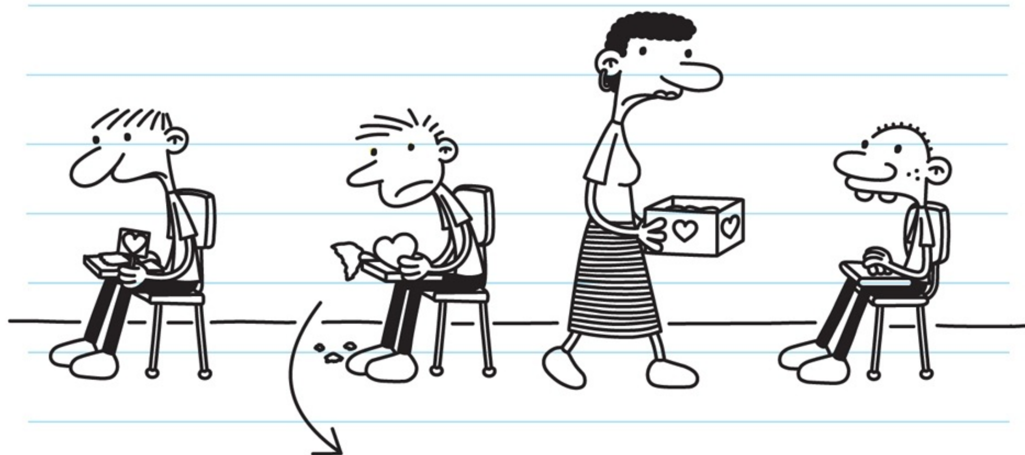
Desde que a notícia do baile de Dia dos Namorados se espalhou pela escola, ninguém fala em outra coisa. As meninas estão empolgadíssimas, tratando a festa como se fosse um baile de formatura.



Fizeram até um Comitê de Baile, e o Rowley foi convidado a fazer parte, já que é o diretor de atividades sociais. Ainda bem que ele está no comitê, porque se dependesse das meninas, a atração da noite ia acabar sendo a Krisstina.

A maioria dos garotos não está nem aí pro baile. Já ouvi um monte de gente dizendo que de jeito nenhum vai pagar três pratas pra dançar no ginásio da escola. Mas tudo isso mudou no começo da semana, quando o Correio Doce começou a circular pelas classes.

O Correio Doce eram os convites pro baile do Dia dos Namorados que o Comitê de Baile começou a vender na hora do almoço uns dias atrás. Por vinte e cinco centavos, você pode mandar um Correio Doce pra quem quiser, e o Bryce Anderson já ganhou uns cinco logo de cara.

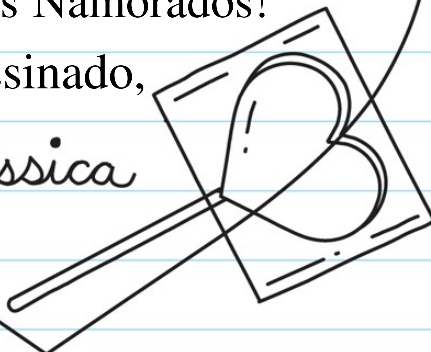


Querido(a) Bryce,

Vamos viver "doces" momentos juntos no baile do Dia dos Namorados!

Assinado,

Jéssica



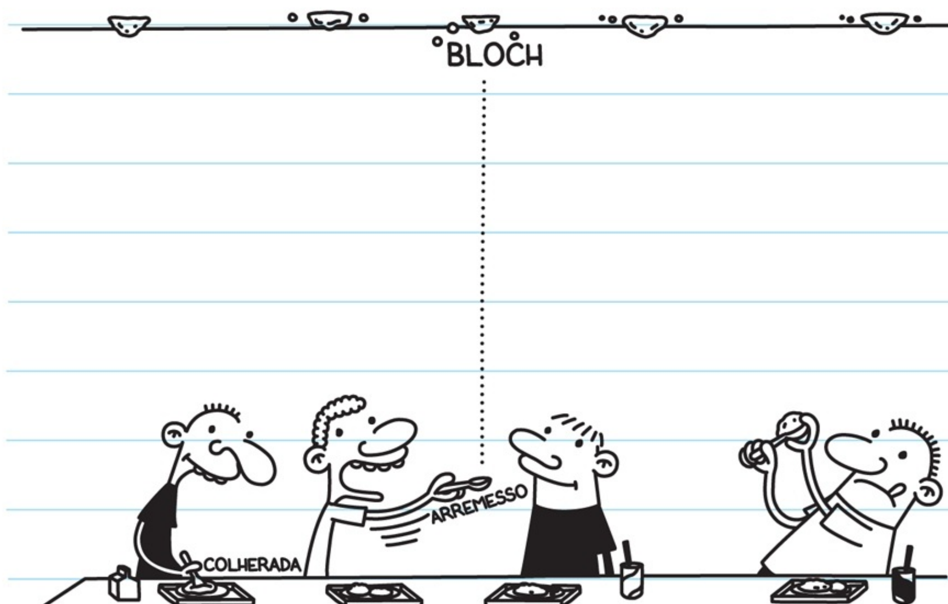
Depois que os primeiros convites foram entregues, todos os caras que NÃO receberam um ficaram morrendo de inveja. E, de repente, TODO MUNDO queria ir ao baile, porque ninguém queria se sentir jogado pra escanteio. Então ontem, na hora do almoço, os convites venderam como água.



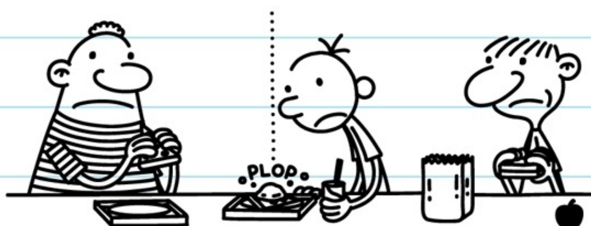
Como eu disse antes, este ano na minha classe tem mais meninos que meninas, então tem um monte de gente com medo de acabar sem par. Ou seja, agora todos os caras estão fazendo de tudo pra impressionar as garotas.

Na hora do almoço, o pessoal costumava jogar umas colheradas de purê no teto do refeitório, pra deixar a gororoba grudada lá.

Nem me PERGUNTE o que põem nesse purê pra ficar grudento desse jeito.



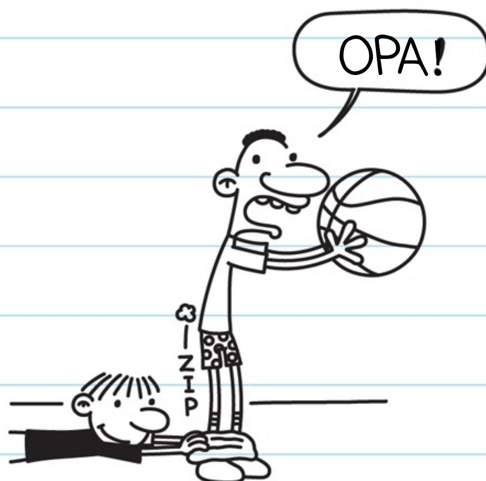
Às vezes, eu esqueço de olhar pra cima antes de escolher o lugar pra sentar.



As meninas detestam esse negócio do purê de batata, e é por isso que sentam do outro lado do refeitório. Mas agora os moleques sabem que não vão arrumar companhia pro baile se continuarem agindo como idiotas.

É difícil pra esses caras se comportarem na frente das meninas. Então, pra compensar, eles estão fazendo ainda pior quando elas não estão por perto.

Estamos no meio da temporada de basquete na aula de Educação Física, meninos de um lado da quadra, meninas do outro. Outro dia um moleque chamado Anthony Renfrew achou que ia ser engraçado abaixar as calças do Daniel Revis enquanto ele se preparava pra cobrar um lance livre.



Todo mundo achou engraçado, menos o Daniel, e mais tarde ele fez a mesma coisa com o Anthony no meio de um arremesso. Aí a coisa saiu de controle, e todo mundo começou a abaixar as calças de todo mundo. As aulas de Educação Física viraram um TERROR.

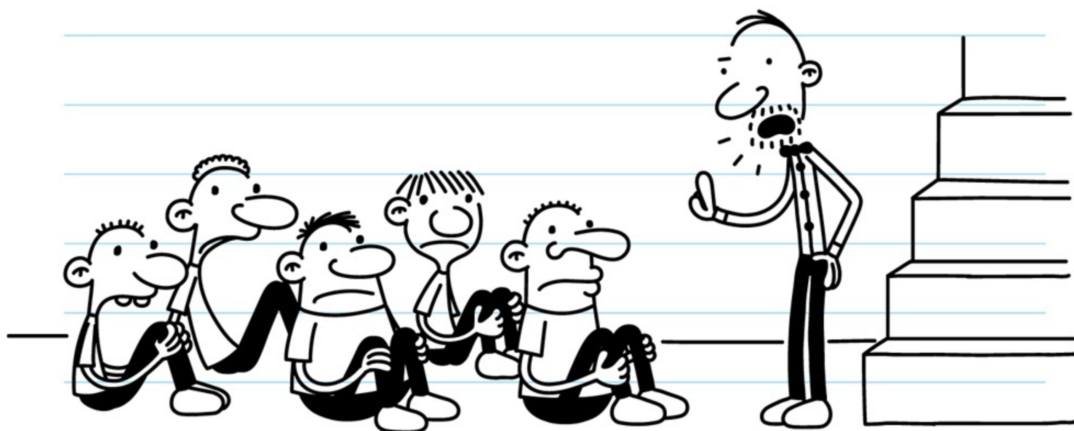
Agora todo mundo está com tanto medo de ter as calças abaixadas que ninguém quer levantar do chão durante os jogos de basquete.



Eu mesmo comecei a usar dois shorts por baixo da calça de moletom, só pra garantir.



A coisa ficou tão feia que o vice-diretor Roy apareceu no ginásio hoje pra dar uma bronca no pessoal. Ele disse que a brincadeira tinha acabado e que o próximo a abaixar as calças de alguém seria suspenso.



Mas o vice-diretor pelo jeito não se deu conta de onde estava, porque um moleque apareceu debaixo da arquibancada e abaixou as calças dele.



Quem quer que tenha feito isso, conseguiu escapar do vice-diretor a tempo. Ninguém sabe direito quem foi, e o pessoal só se refere a ele como o Abaixador Maluco.

Terça-feira

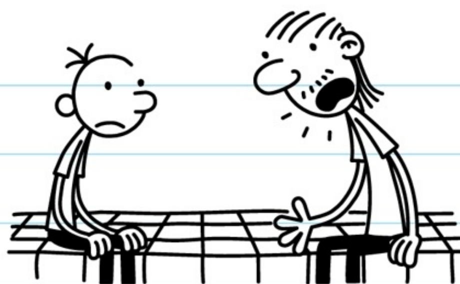
Faz uma semana que o Correio Doce está circulando, e estou começando a ficar preocupado, porque ainda não recebi nenhum convite. Eu nunca joguei purê no teto nem nunca abaixei as calças de ninguém, então não faço a menor ideia do que é preciso fazer pra impressionar uma garota hoje em dia.

Pelo jeito todos os caras da minha sala já receberam um Correio Doce. Até o Travis Hickey ganhou um, e ele é o tipo de sujeito que come coisas tiradas do lixo em troca de uma moeda.



O tio Gary estava jogando no computador do meu quarto um dia desses, e eu contei pra ele sobre o baile do Dia dos Namorados e o Correio Doce. Por incrível que pareça, ele me deu uns ótimos conselhos.

Ele me disse que, se eu quisesse atrair a atenção das garotas, precisaria parecer "indisponível". O tio Gary falou pra eu comprar um monte de convites e mandar pra MIM MESMO. Assim as garotas iam achar que eu era um cara cobiçado.



Eu deveria ter conversado com o tio Gary muito tempo antes. Ele já foi casado tipo umas quatro vezes e é um ESPECIALISTA nessa coisa de relacionamento.

Ontem gastei duas pratas com o Correio Doce, e hoje na sala os convites foram entregues pra mim.



Espero que isso dê certo, porque essas duas pratas eram o dinheiro do meu almoço.

Sexta-feira

Na quarta-feira eu já tinha torrado cinco pratas, e percebi que, se continuasse mandando convites pra mim mesmo, ia acabar morrendo de fome. Então decidi mandar um Correio Doce pra uma GAROTA e ver o que acontecia.

Ontem no almoço comprei um Correio Doce e mandei pra Adrianne Simpson, que senta perto de mim na aula de Inglês. Só que eu não queria investir vinte e cinco centavos em uma só pessoa, então arrumei um jeito de fazer o meu dinheiro render.

Querido(a) Adrianne,

Vamos viver "doces" momentos juntos no baile do Dia dos Namorados!

Assinado,

Greg Heffley

P.S. Se a resposta for não, favor entregar o convite pra Julia Barros, que senta aí do seu lado.

A Adrianne e a Julia olharam feio pra mim quando entrei na sala hoje, então acho que fui rejeitado pelas duas.

Mas aí me dei conta de que o Correio Doce não era a ÚNICA forma de convidar uma garota. Tem uma menina do meu ano chamada Leighann Marlow, e na aula de História ela senta no mesmo lugar que eu, só que em outro horário. Então escrevi um convite na carteira, que não me custou um centavo.

Infelizmente, esqueci que a sala de História era usada também pelo pessoal que ficava de castigo, então algum idiota deu uma resposta engraçadinha antes mesmo que a Leighann pudesse ler o meu bilhete.

Oi, Leighann,
Se você ainda não tiver companhia pro baile, é só deixar um bilhete pra mim que podemos ir juntos.
Greg Heffley

Oi, Greg – Sinto muito, mas não estou interessada em ir ao baile com você.
Leighann

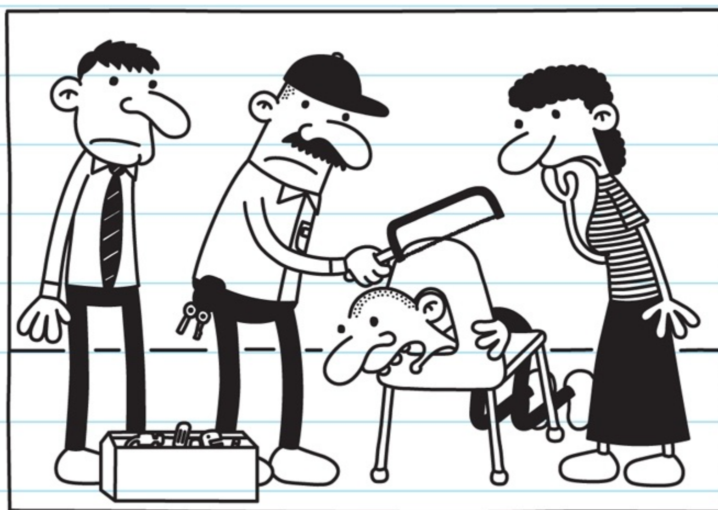
Querido Greg
Sim, eu vou ao baile com você.
P.S. Casa comigo?



HA HA HA

Estou bem preocupado, porque pelo jeito não sobraram muitas meninas pra eu escolher a esta altura.

Uma das garotas que ainda não tem par é a Erika Hernandez. Ela acabou de terminar o namoro com um cara chamado Jamar Law, que ficou famoso na escola por conseguir entalar a cabeça numa cadeira. O zelador precisou usar uma serra pra tirar o Jamar de lá. Saiu no anuário da escola e tudo.



Situação inusitada: Jamar Law precisa da ajuda do sr. Lewis ao ficar com a cabeça entalada na cadeira durante a aula de Artes da sra. Moran.

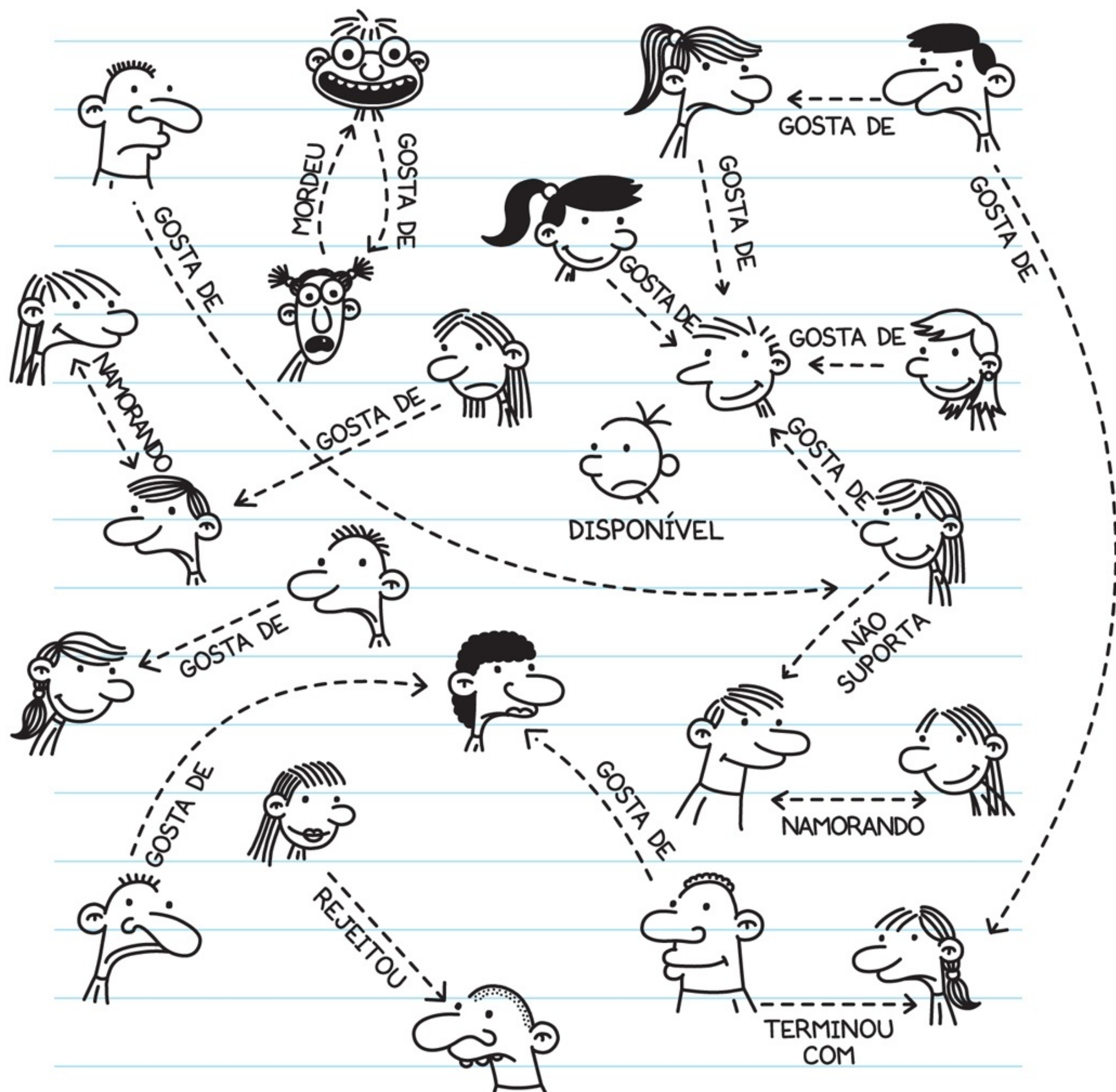
A Erika é bonita e muito legal, então não me pergunte o que ela estava pensando quando começou a namorar um mané como o Jamar.

Ela tem TUDO pra ser a minha primeira opção para o baile, mas estou preocupado. Se a coisa entre nós der certo, eu nunca vou conseguir tirar da cabeça quem era o ex-namorado dela e isso vai me atormentar pro resto da vida.



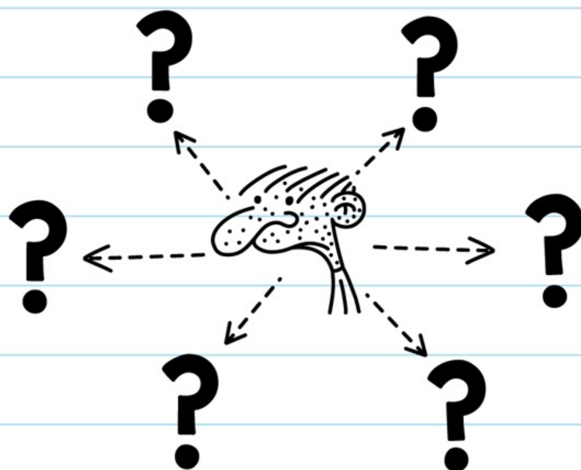
Esse lance da Erika me fez pensar. Quantas garotas também não têm um cara como Jamar Law na sua vida? É difícil saber quem namora quem lá na escola, mas essa é uma informação importante na hora de convidar alguém pra ir ao baile. Então fiz um gráfico pra entender como as pessoas do meu ano estão relacionadas umas com as outras.

Ainda falta muita coisa, mas aqui está a primeira versão.



A pessoa que mais me preocupa é um moleque chamado Evan Whitehead. Ele anda dizendo que já beijou um monte de garotas do meu ano.

Mas na semana passada ele teve que ir pra casa porque pegou catapora, uma coisa que eu nem sabia que a gente podia pegar NESTA IDADE. Vai saber QUANTAS garotas o Evan não infectou?



Uma menina que eu sei que o Evan nunca beijou é a Julie Webber, porque ela namora o Ed Norwell desde o quinto ano. Mas eu ouvi dizer que as coisas entre eles não andam muito bem e estou decidido a fazer de tudo pra ficarem ainda piores.



Terça-feira

O tio Gary me falou que, se eu quisesse arrumar uma garota pra ir ao baile comigo, ia precisar fazer o convite pessoalmente. Era bem isso o que eu estava querendo evitar, mas acho que ele está certo.

Eu sempre tive uma quedinha por uma garota chamada Peyton Ellis. Ontem encontrei a Peyton tomando água no bebedouro e fiquei lá esperando com toda calma até que ela terminasse. Só que ela deve ter me visto com o canto do olho e imaginado que eu ia convidá-la para ir ao baile, então continuou bebendo sem parar, e eu lá em pé feito um idiota.



No fim o sinal acabou tocando e a gente teve que ir pra aula.

Eu mal conheço a Peyton, então talvez não fosse uma boa ideia convidá-la. Eu ia ter que me limitar às garotas com quem tinha algum contato. A primeira pessoa que me veio à cabeça foi a Bethany Breen, minha parceira nas aulas de Ciência no laboratório.

Mas acho que eu não causei uma impressão muito boa na Bethany. A matéria daquele bimestre era anatomia, e nas últimas aulas a gente teve que dissecar uma rã. Eu não tenho sangue frio pra essas coisas, então deixei todo o trabalho nas mãos da Bethany e fiquei lá do outro lado da sala fazendo força pra não vomitar.



Sério mesmo, não entendo por que, nos dias de hoje, a gente ainda precisa cortar uma rã ao meio pra descobrir o que tem dentro dela.

Se me disserem que dentro de uma rã tem coração e tripas, acredito sem ver com os meus próprios olhos.

Fiquei bem animado quando escolheram a Bethany para formar dupla comigo no laboratório. Lembro que, no Fundamental I, quando a professora punha um menino e uma menina pra fazerem alguma coisa juntos, a molecada ficava DOIDA.



Quando escolheram a Bethany pra ser minha parceira de bancada, eu estava esperando uma reação desse tipo do resto da classe. Mas pelo jeito o pessoal já passou dessa fase.



Apesar de não ter conseguido impressionar a Bethany com as minhas habilidades laboratoriais, ainda acho que tenho uma chance com ela. Não quero ficar me gabando, mas eu sou, SIM, um parceiro de bancada muito divertido.



Ontem, no final do dia, acompanhei a Bethany quando ela foi buscar o seu casaco no armário.

Confesso que estava meio nervoso pra falar com ela, apesar de a gente passar quarenta e cinco minutos juntos todos os dias no laboratório. Só que, antes mesmo de abrir a boca, comecei a pensar no lance das rãs. Então acho que as coisas não têm muito como dar certo entre a gente.



Ontem à noite, quando conversei com o tio Gary sobre o que aconteceu na escola, ele falou que eu estava tentando resolver tudo sozinho, que eu precisava ter um "escada", um coadjuvante que me ajudasse a atrair a atenção das garotas.

Bom, acho que o Rowley seria o escada PERFEITO pra mim, porque perto dele eu sempre estou bem na foto.



Hoje pedi pro Rowley ser o meu escada, mas ele não entendeu bem o conceito. Expliquei que era a mesma coisa que ser um coordenador de campanha, só que em vez da eleição a gente precisava ganhar uma garota.



O Rowley falou então que um podia ser o escada DO OUTRO, pra nós dois conseguirmos companhia para o baile, mas eu expliquei que precisava ser um de cada vez. Acho melhor resolver a minha situação primeiro, porque arrumar um par pro Rowley pode acabar sendo uma tarefa bem demorada.

A gente testou esse lance do escada na hora do almoço, mas acho que ainda tem muito a melhorar.



Quinta-feira

Hoje, no caminho de volta pra casa, o Rowley contou que ouviu uma menina do Comitê de Baile dizer que a Alyssa Grove tinha terminado com o namorado e estava procurando alguém pra ir ao baile.

É EXATAMENTE por isso que eu escolhi o Rowley pra ser o meu escada. A Alyssa é uma das garotas mais populares da escola, então eu ia precisar agir rápido, antes que os abutres da minha classe voassem em cima dela.

Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi ligar pra Alyssa, mas ninguém atendeu. A ligação caiu na caixa de mensagens e, quando me dei conta, já estava deixando um recado.



Apertei a tecla "cancelar" do telefone pra apagar aquele recado e começar de novo. Mas a minha segunda mensagem não saiu lá grande coisa.



Eu devo ter gravado umas vinte mensagens, porque queria que tudo saísse perfeito. Só que o Rowley estava comigo, fazendo força pra ficar calado, e quando eu olhava pra ele sempre acabava me desconcentrando.



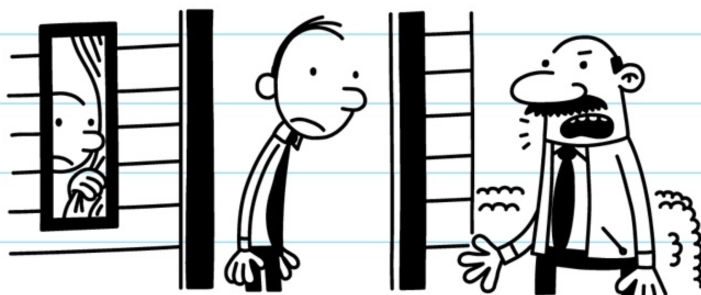
Depois de um tempo a coisa virou uma piada, e eu e o Rowley ficamos só rindo e tirando onda.



Eu sabia que não ia ter como deixar uma mensagem séria com o Rowley lá em casa, então apaguei a última que a gente tinha gravado e desliguei. Eu podia esperar até o dia seguinte e conversar pessoalmente com a Alyssa.

Só que eu não sabia que a tecla "cancelar" não apagava as mensagens gravadas na caixa postal dos Grove que nem apagava na nossa. Depois do jantar bateram na porta aqui de casa, e era o pai da Alyssa.

O sr. Grove falou pro meu pai que eu e o meu amigo deixamos vinte trotes na caixa postal dele e queria ter certeza de que isso não ia mais acontecer.

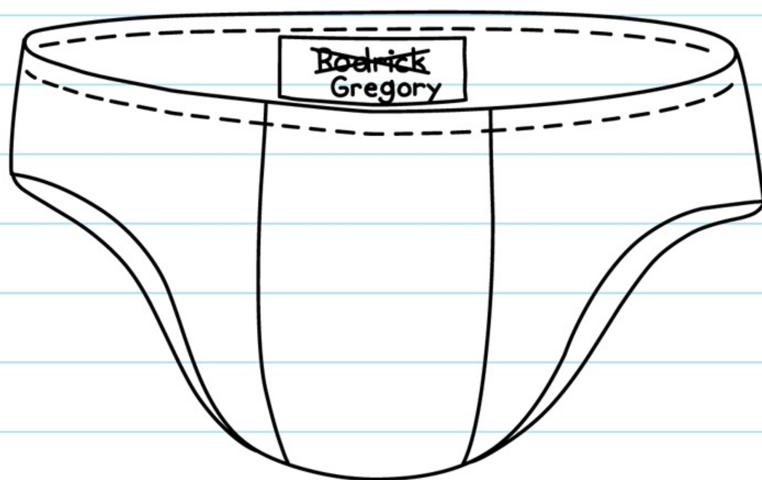


Então eu acho que vou ter que riscar o nome da Alyssa da minha lista.

Segunda-feira

O tio Gary falou que, se eu quisesse que as garotas prestassem atenção em mim, precisava pensar seriamente em renovar meu guarda-roupa. Ele falou que sempre se sentia mais confiante quando usava roupas ou sapatos novos.

O problema é que eu NÃO TENHO roupas novas. Acho que 90% das roupas que eu uso são de segunda mão, coisas que eram do Rodrick. A mamãe diz que isso é um exagero, mas é só dar uma olhada nas etiquetas das minhas cuecas pra ver como é verdade.



Eu nunca dei muita bola pra essa coisa de roupa, mas isso foi antes de o tio Gary me dizer que o meu guarda-roupa estava me prejudicando.

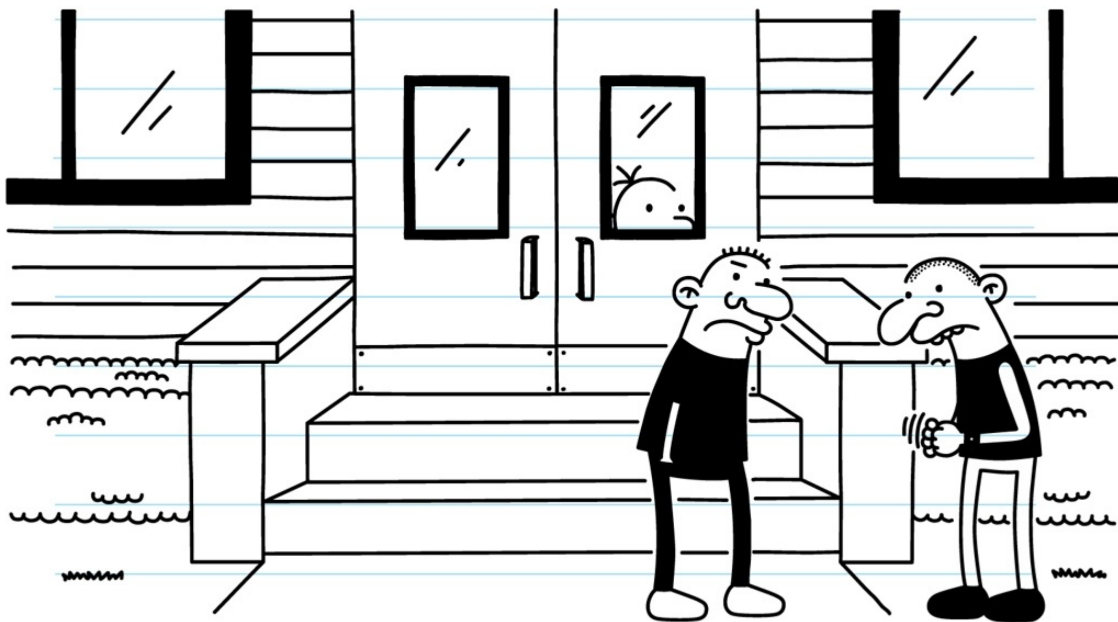
No fim de semana eu pedi pra mamãe me levar pra comprar uma calça jeans e um tênis novo, pra eu poder ir bem vestido pra escola, mas assim que falei isso já me arrependi.

A mamãe me deu o maior sermão. Disse que os adolescentes só se preocupam com a aparência, que se a gente pensasse mais nos estudos e menos nas roupas que vestimos, o país não seria o 25º colocado no ranking mundial de matemática.

Eu devia saber que a mamãe não ia topar comprar um monte de roupa logo de cara. Quando fazia parte da Associação de Pais e Mestres, ela propôs que a nossa escola adotasse o uso de uniformes, porque tinha lido um artigo dizendo que os alunos uniformizados tinham melhor desempenho acadêmico.



Por sorte, ela não conseguiu assinaturas suficientes pra isso, mas logo a notícia de que a minha mãe era a autora da petição sobre o uniforme se espalhou, e durante algumas semanas eu tive que esperar pelo menos meia hora dentro da escola antes de poder ir pra casa em segurança.



Como a mamãe não quis me levar pra comprar roupas novas, decidi dar uma procurada lá em casa pra ver se achava alguma coisa legal pra usar.

Comecei procurando nas gavetas do Rodrick, mas acho que a gente não tem o mesmo gosto pra roupas.



O tio Gary me falou pra procurar no armário do papai, porque os adultos, às vezes, têm umas coisas "retrô" que podem ser bacanas. Eu nunca vi o meu pai usar uma roupa bonita na vida, mas não custava nada tentar.

Ainda bem que o tio Gary me deu essa dica, porque, acredite se quiser, eu encontrei EXATAMENTE o que estava procurando no fundo do armário dele.



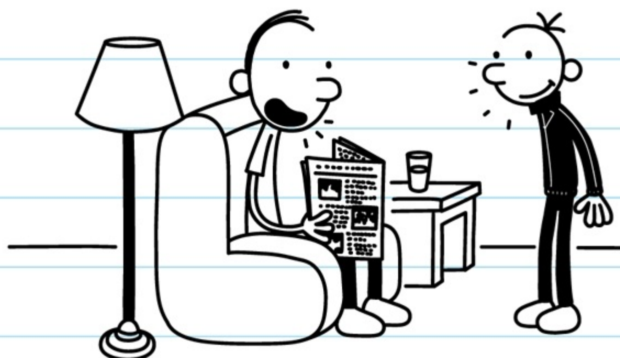
Era uma JAQUETA DE COURO PRETA.
Nunca tinha visto o meu pai com aquilo, então acho que ele usava antes de eu nascer.

Não imaginava que o papai tivesse algo tão bacana e meu conceito sobre ele mudou depois daquilo.

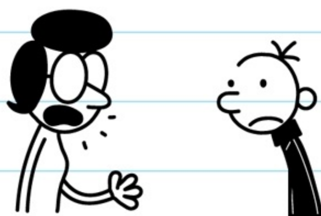


Vesti a jaqueta e desci. O papai ficou bem surpreso ao ver sua velha jaqueta de couro e me contou que tinha comprado quando estava começando o namoro com a mamãe.

Perguntei pro papai se eu podia usar, ele disse que TUDO BEM.



Mas a mamãe não gostou nada da ideia. Ela falou que aquela jaqueta era cara demais pra ser usada na escola e que eu ia acabar estragando ou perdendo.



Eu disse que não era justo, porque a jaqueta estava no armário só juntando pó, então não fazia diferença o que acontecesse com ela. Mas aí a mamãe falou que aquele tipo de roupa passava uma "mensagem errada" e que, além disso, estava frio demais pra sair sem um casaco de inverno. Ela me mandou guardar a jaqueta lá no armário.

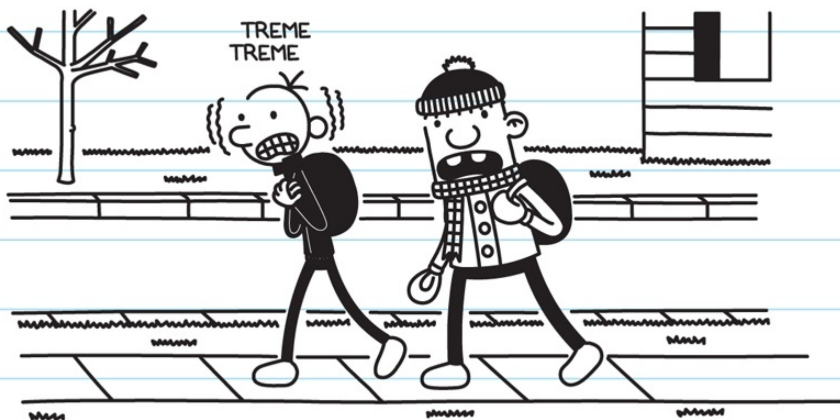
Mas aí, hoje de manhã, enquanto tomava banho, eu não conseguia parar de pensar na impressão que aquela jaqueta ia causar na escola. Com certeza, se eu saísse com ela escondido e colocasse de volta no armário quando chegasse em casa, a mamãe não ia nem perceber.

Então, enquanto ela dava o café da manhã pro Manny, eu subi, peguei a jaqueta e saí de fininho.

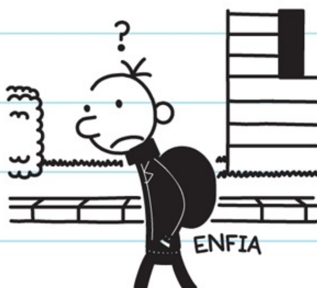


A primeira coisa que eu preciso dizer é que a mamãe estava certa sobre o frio.

Aquela jaqueta não tinha forro, e no caminho pra escola já comecei a me arrepender da minha decisão.

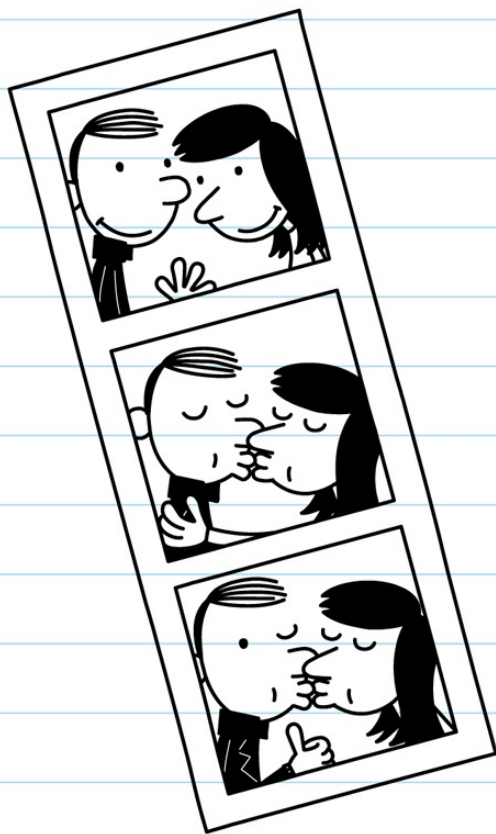


As minhas luvas tinham ficado no meu casaco de inverno lá em casa, e as minhas mãos estavam CONGELANDO. Quando fui pôr as mãos no bolso da jaqueta, senti que tinha alguma coisa lá dentro.



Tinha um par de óculos escuros bem bacana num dos bolsos, o que eu considerei um belo bônus. E no outro tinha uns daqueles retratos três por quatro que a gente tira naquelas cabines de fotos.

De cara eu não reconheci as pessoas nas fotos, mas depois percebi que eram a mamãe e o papai.



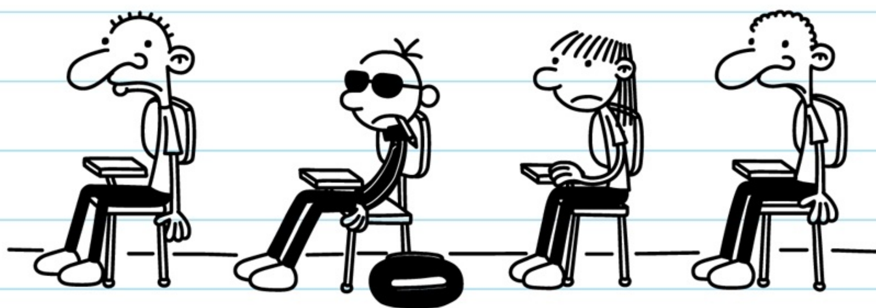
Não era exatamente o tipo de coisa que eu queria ter visto logo depois do café da manhã.



Na escola, todo mundo começou a me olhar quando eu passava pelo corredor.

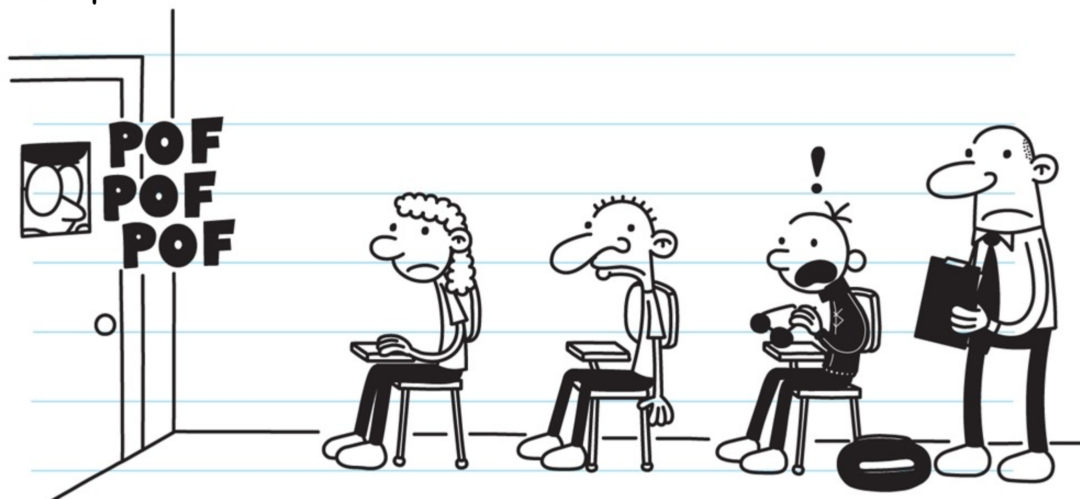


Chamei tanta atenção que resolvi não tirar mais a jaqueta pelo resto do dia. Parecia que eu era um aluno novo na classe.

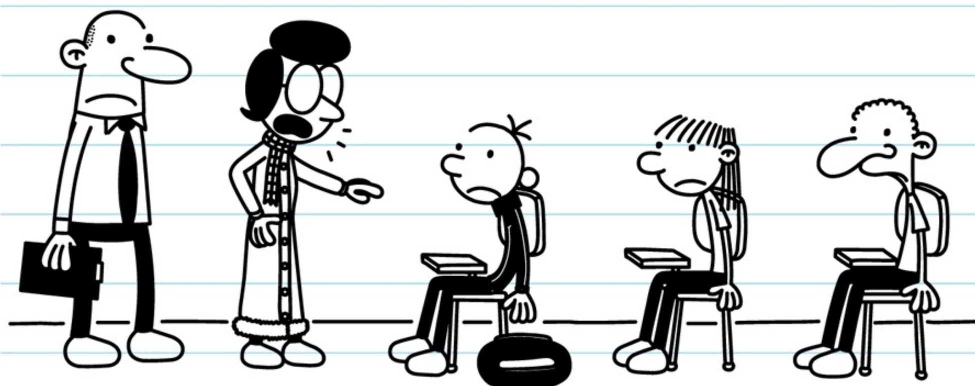


Só que, um pouquinho antes de tocar o sinal da primeira aula, ouvi umas batidas desesperadas na janelinha da porta.

Pensei que fosse ter um ataque do coração quando vi quem era.

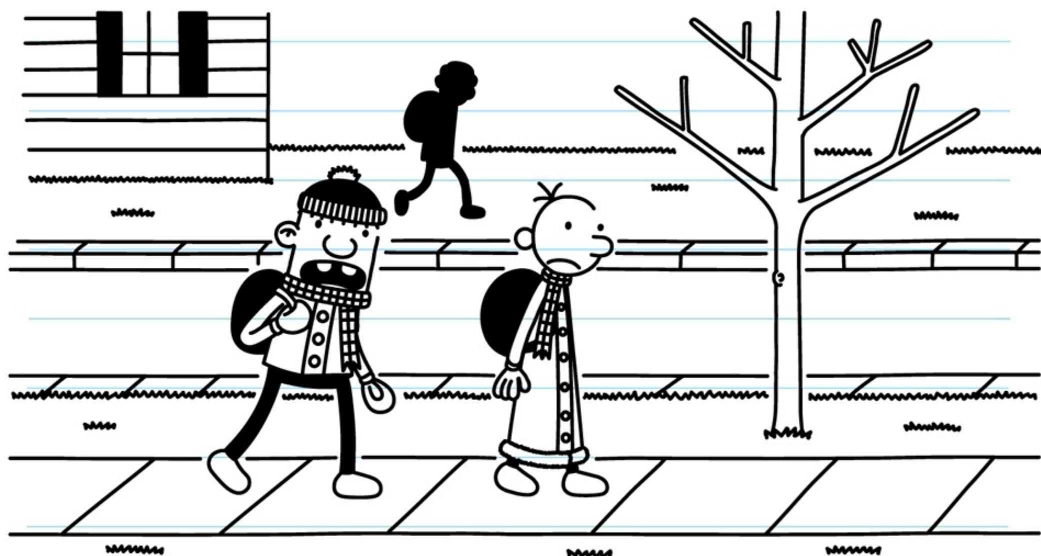


Quando a professora abriu a porta, a mamãe foi direto até a minha carteira e me fez devolver a jaqueta de couro do papai na frente de todo mundo.



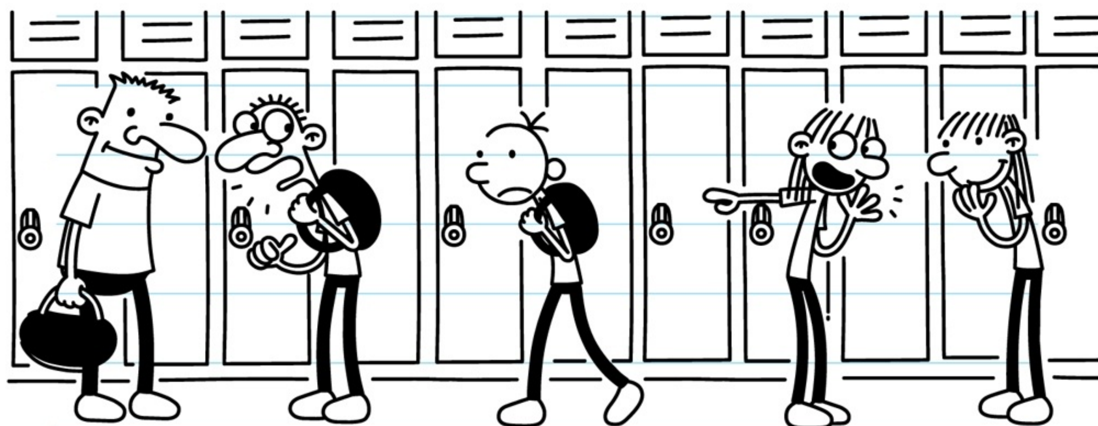
Tentei argumentar que estava frio demais pra ficar sem blusa, então a mamãe me deu o casaco DELA pra eu usar.

Não fiquei muito feliz com aquela situação, mas pelo menos não morri de frio no caminho de casa.



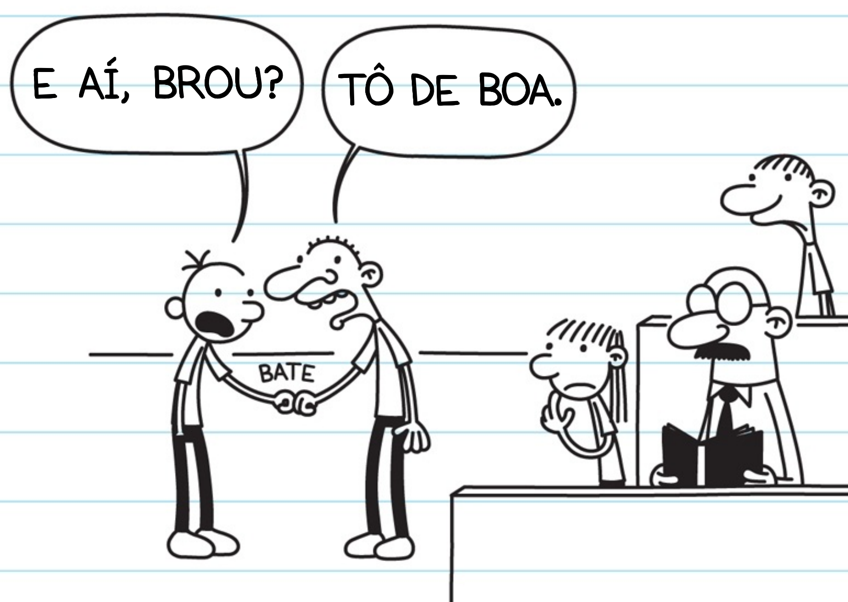
Quarta-feira

Todo mundo lá na escola já sabe que eu sou o cara que andava pela rua usando o casaco da mãe. Agora vai ser ainda mais difícil conseguir alguém pra levar ao baile.



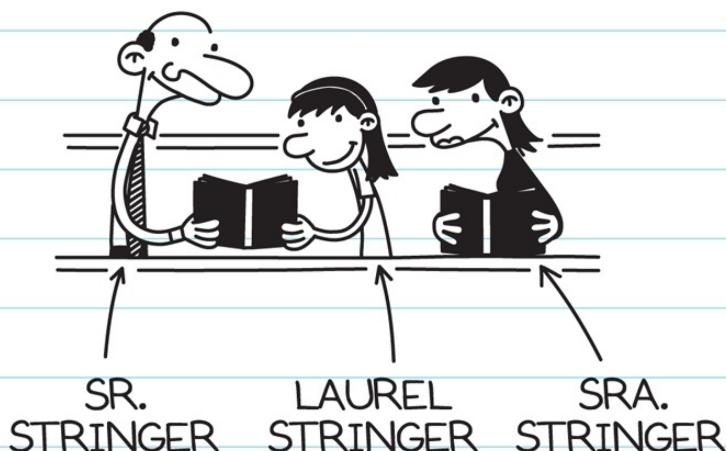
Por isso eu decidi que o melhor a fazer é convidar alguém que NÃO SEJA da minha escola. E acho que tenho o lugar ideal pra encontrar essa pessoa: a igreja.

Ouvi dizer que o pessoal das escolas religiosas acha que os alunos da escola pública são o máximo. Então, quando encontro algum amigo da escola lá na igreja, sempre tento botar banca de malandro.



Um tempo atrás, a mamãe ficou amiga da sra. Stringer lá da igreja, porque as duas fazem parte do Comitê da Festa de Outono.

Os Stringer têm dois filhos que frequentam a escola da igreja, um garoto chamado Wesley e uma menina chamada Laurel. O Wesley eu nunca vi, então acho que ele fica lá no porão com as outras crianças na hora do culto.



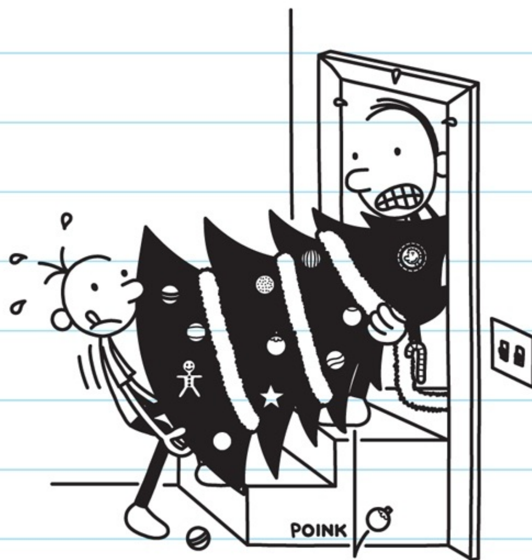
A mamãe convidou a família toda pra jantar na nossa casa na sexta-feira. Acho que ela tem a esperança de que o Manny e o Wesley se deem bem e que o Manny tenha um amigo de verdade pela primeira vez na vida.

Mas isso também é uma grande oportunidade pra MIM. A Laurel tem a minha idade e é mais bonita que a maioria das garotas da minha classe. Ou seja, esse jantar pode ser uma chance de melhorar pra valer as coisas pro meu lado.

Sexta-feira

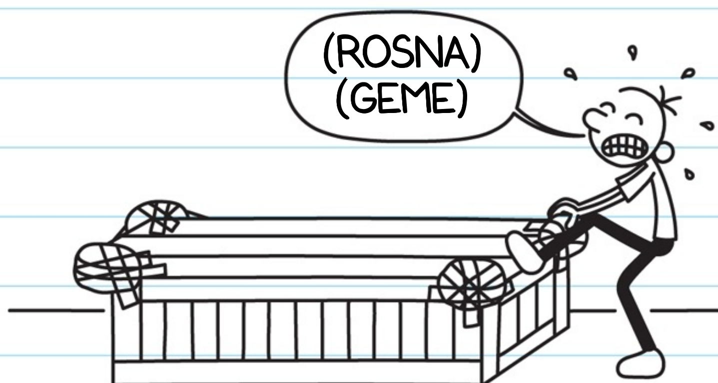
A mamãe ficou um tempão arrumando a casa pra visita dos Stringer e, quando dei uma olhada ao redor, decidi que era melhor dar uma força pra ela.

Tinha bagunça pra tudo quanto era lado. Pra começar, a árvore de Natal ainda estava montada na sala. Era uma árvore difícil de desmontar, então eu e o papai levamos lá pra garagem do jeito que estava.

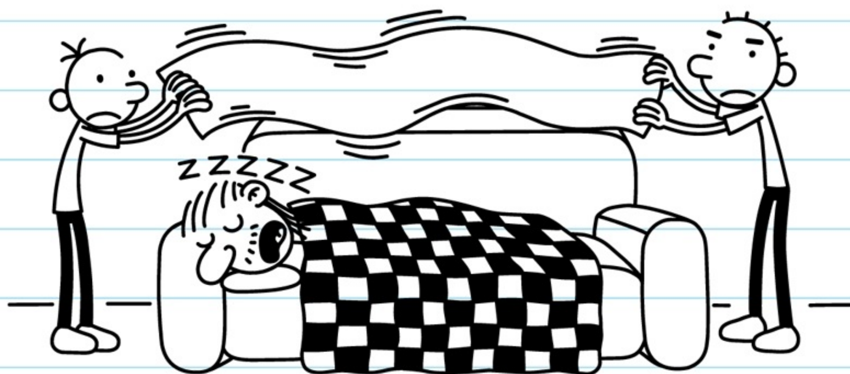


Ainda tinha fraldas descartáveis coladas nos cantos de todos os móveis da sala, porque a mamãe queria que a casa ficasse segura quando o Manny começou a engatinhar.

Ela usou uma fita poderosa pra grudar aquelas fraldas, então não foi NADA fácil tirar.

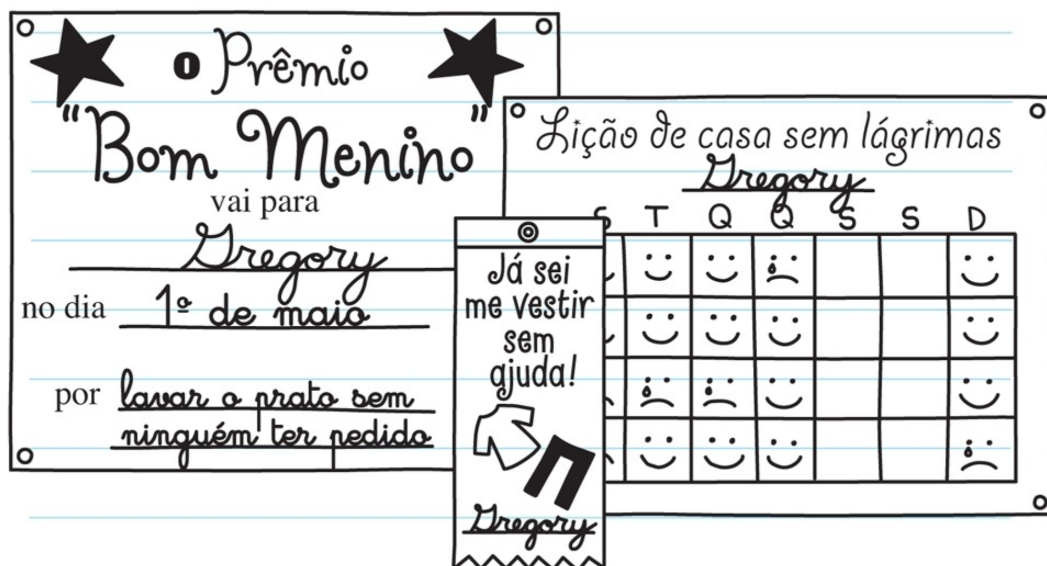


O tio Gary ainda estava dormindo no sofá da sala, então jogamos um lençol por cima dele e torcemos pra ninguém querer sentar ali.

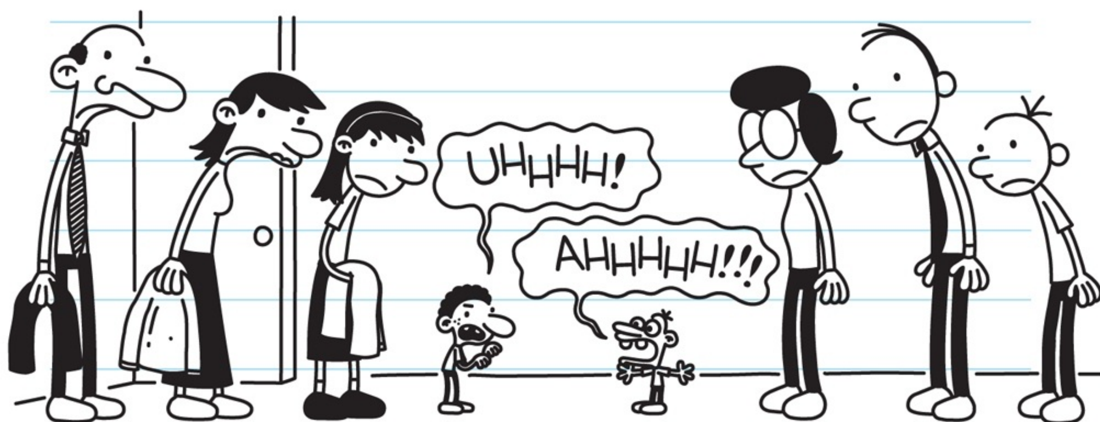


E ainda faltava a cozinha. Lá tem um quadro na parede com todos os prêmios e certificados que a mamãe deu pra gente ao longo da vida.

Todas as coisas com o meu nome eram vergonhosas, então eu tirei tudo do quadro e escondi na despensa.



Quando os Stringer chegaram, a maior parte da bagunça tinha sido arrumada. Só que a visita não começou nada bem. Lembra que eu contei que o Manny tinha medo de um moleque da igreja que fingia ser vampiro? Pois é, esse moleque era o Wesley Stringer.



Ou seja, a mamãe logo perdeu a esperança de que o Manny fizesse um amiguinho. Ele não quis nem jantar e passou o resto da noite escondido no quarto. Eu me arrependi de não ter feito o mesmo, porque a mamãe tinha feito uma comida cheia de frescura pra impressionar as visitas.

Era um creme de frango com cogumelos decorado com aspargos. Eu sei que aspargo é uma coisa saudável, mas pra mim funciona como kriptonita.

Mas eu também não queria dar uma de simplório na frente da Laurel, então decidi fechar os olhos, tapar o nariz e mandar ver.

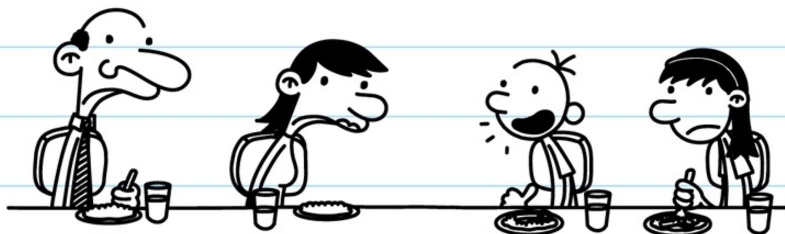


Os adultos estavam conversando só sobre política e outras coisas chatas. Eu e a Laurel ficamos lá sentados só ouvindo.

A mamãe contou pra sra. Stringer sobre o restaurante chique que ia com o papai quando saíam sozinhos, e a sra. Stringer comentou que ela e o marido nunca podiam sair sozinhos, porque a Laurel estava sempre fora com as amigas, e eles não tinham ninguém de confiança para ficar de babá do Wesley.



Eu falei pra sra. Stringer que, quando isso acontecesse, ela podia ligar pra MIM.



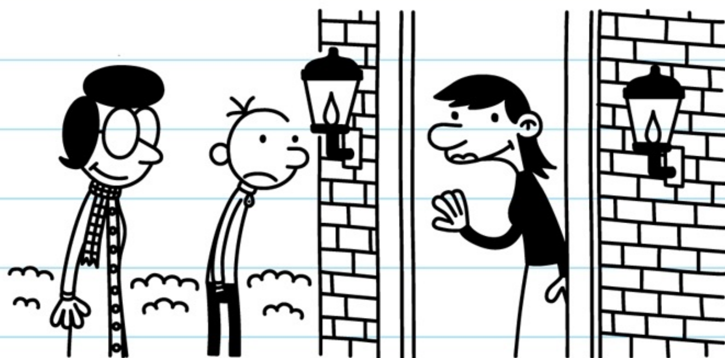
Achei que seria uma boa forma de impressionar os Stringer e ainda ganhar um dinheirinho. A mamãe gostou da ideia, disse que cuidar de uma criança seria uma boa experiência pra mim. A sra. Stringer ficou bem animada e perguntou se eu estava livre amanhã à noite, e eu respondi que sim.

Não quero parecer exagerado, mas tenho certeza de que algum dia vou jantar com os Stringer no Dia de Ação de Graças e todos nós vamos rir bastante lembrando da época em que eu dava uma de babá pro meu cunhado, o Wesley, nos tempos de colégio.



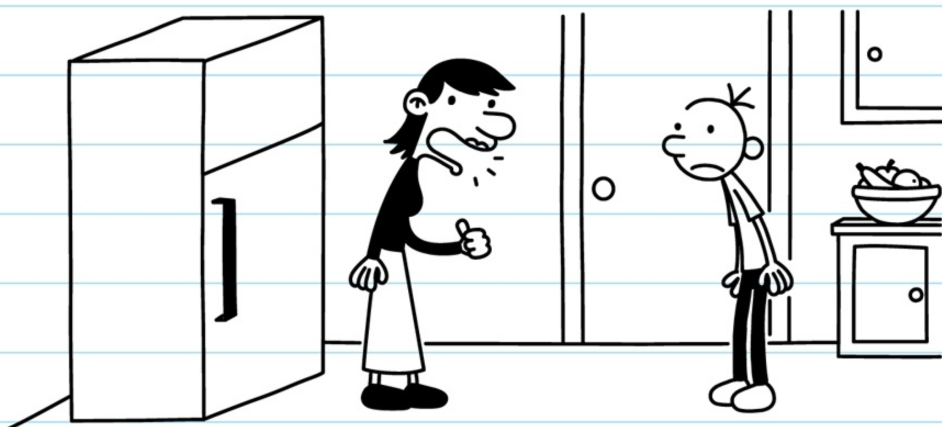
Sábado

A mamãe me deixou lá na casa dos Stringer às 6:30 da tarde.

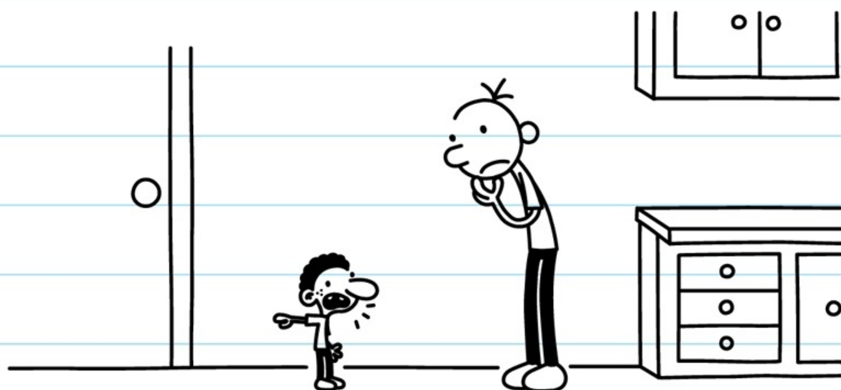


A sra. Stringer disse que a Laurel tinha ido pra casa de uma amiga, o que não era muito legal, porque eu achava que ia ter uns minutinhos com ela pra falar sobre o baile.

A sra. Stringer me mandou pôr o Wesley na cama às 8:00 e disse que eles estariam de volta às 9:00. Ela falou que eu podia ver TV enquanto esperava e pegar o que quisesse na geladeira.

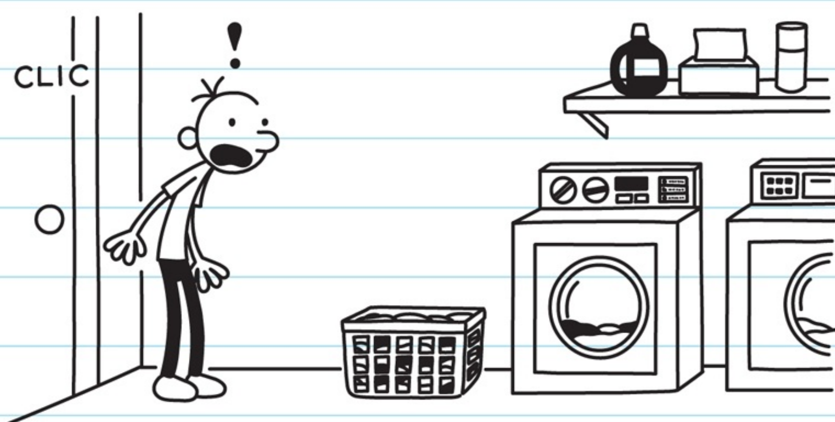


Depois que o sr. e a sra. Stringer saíram, sobramos só eu e o Wesley. Perguntei se ele queria pegar algum jogo ou coisa do tipo, mas o Wesley falou que preferia ir até a garagem pegar o triciclo.



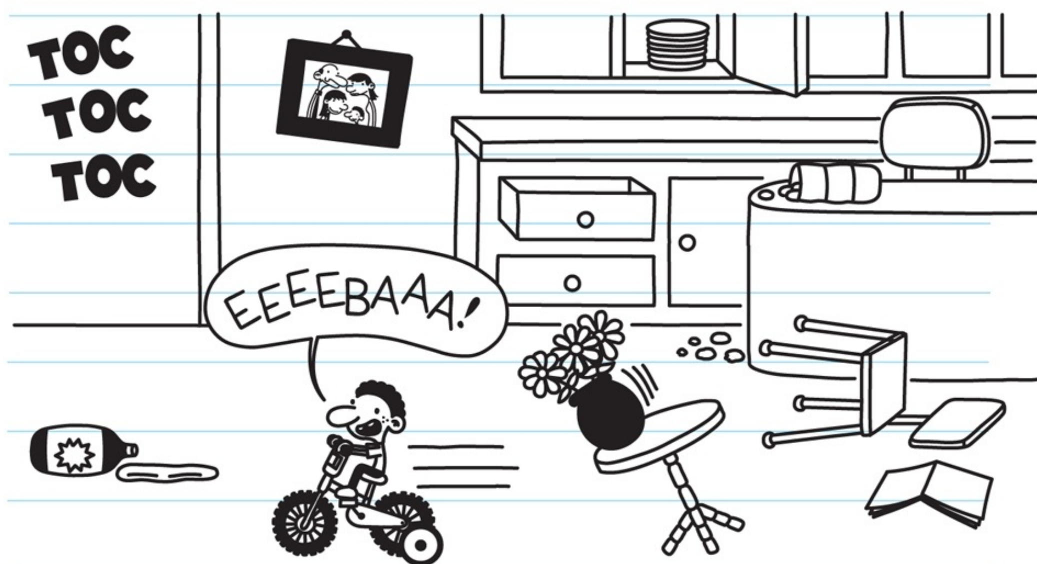
Eu disse que estava frio demais pra brincar lá fora, e ele respondeu que queria andar de triciclo LÁ DENTRO. A casa dos Stringer era muito bonita, e com certeza eles não iam querer que o Wesley riscasse todo o piso de madeira. Então falei pra ele que a gente precisava arrumar outra coisa pra fazer.

O Wesley deu um tremendo chilique e, depois que se acalmou, disse que queria brincar de colorir. Perguntei onde ficavam os lápis e os papéis, e ele disse que era na lavanderia. Só que, quando entrei lá, ele trancou a porta por fora.

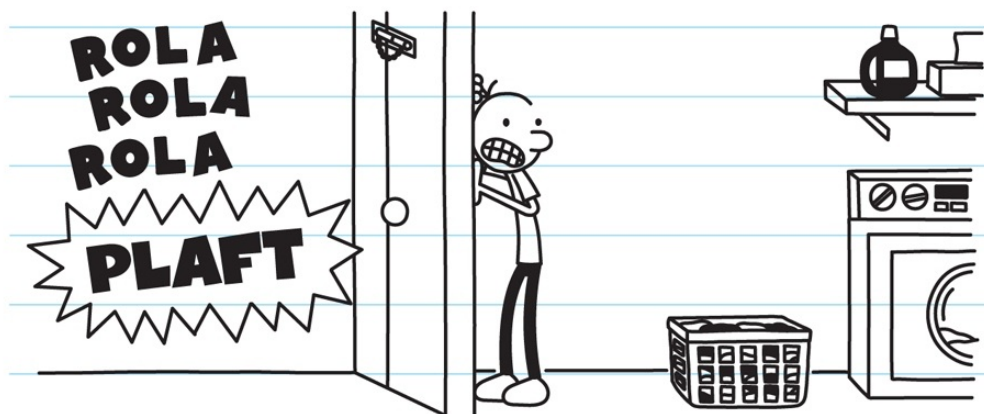


Depois ouvi o barulho da porta da garagem e quando fui entender o que estava acontecendo, o Wesley já estava andando de triciclo no meio da cozinha.

Fiquei batendo na porta pra ele me deixar sair, mas não adiantou nada.

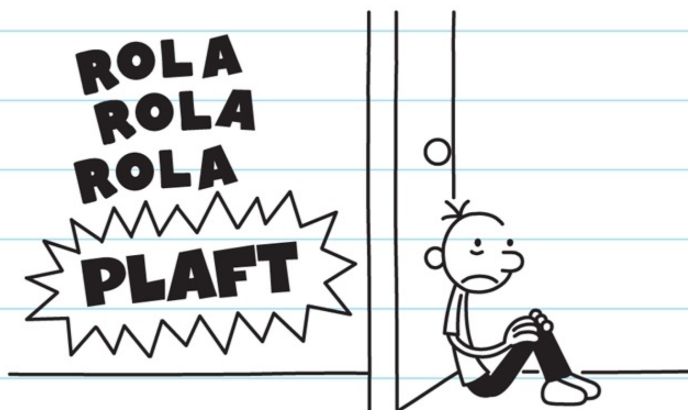


Ouvi a porta do porão sendo aberta e depois o som de alguém rolando escada abaixo seguido de uma TREMENDA pancada. Dava pra escutar o Wesley chorando lá embaixo. Aí eu comecei a entrar em pânico, porque ele parecia ter se machucado de verdade.



Mas aí o Wesley se acalmou e deu pra ouvir que ele estava levando o triciclo lá pra cima. E depois rolou a escada e se espatifou lá embaixo DE NOVO, e ainda chorou MAIS um pouquinho.

Sem exagero, ele continuou fazendo a mesma coisa por mais uma hora e meia. Pensei que o Wesley ia acabar se cansando, mas que nada. Lembrei que os Stringer tinham dito que não conseguiam encontrar ninguém pra tomar conta do Wesley, e agora entendia por quê.

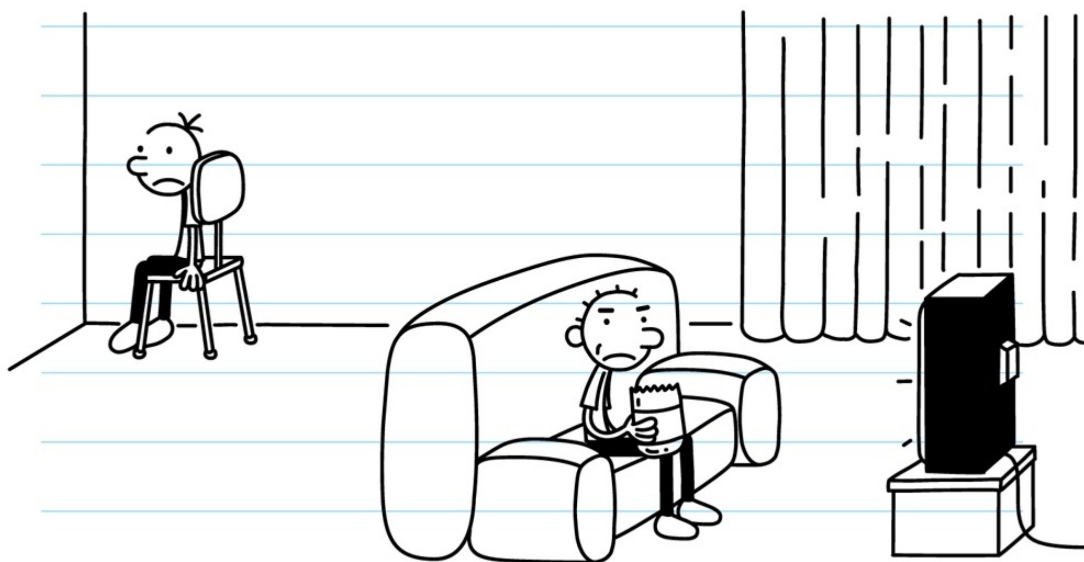


Imaginei que ia precisar pôr o Wesley de castigo por ter me trancado na lavanderia quando saísse de lá. O que ele MERECIA mesmo eram umas boas palmadas, mas isso não ia pegar muito bem com os Stringer.

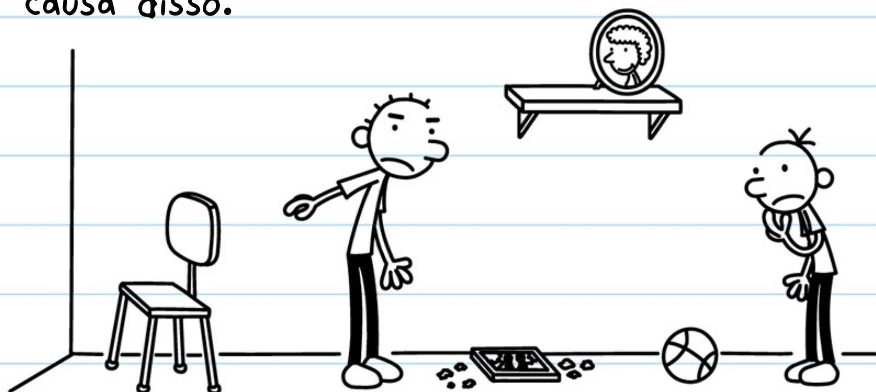
Decidi que ia deixar o Wesley sentado num canto uns minutinhos. Era isso o que os meus pais faziam quando eu me comportava mal. Até o RODRICK me deixava de castigo quando eu era pequeno.



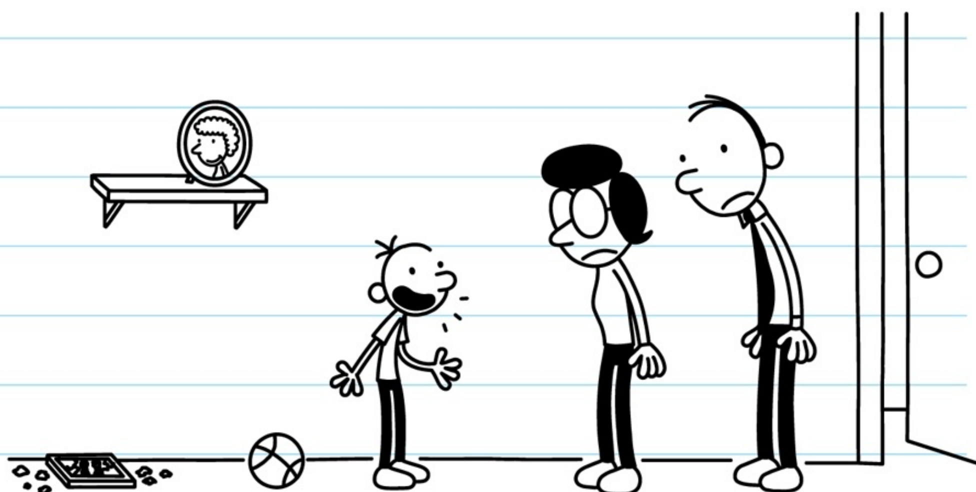
O problema era que eu não fazia a menor ideia de que o Rodrick não tinha AUTORIDADE pra me deixar de castigo. Até perdi as contas de quantas horas devo ter ficado sentado virado pra parede enquanto o Rodrick tomava conta de mim.



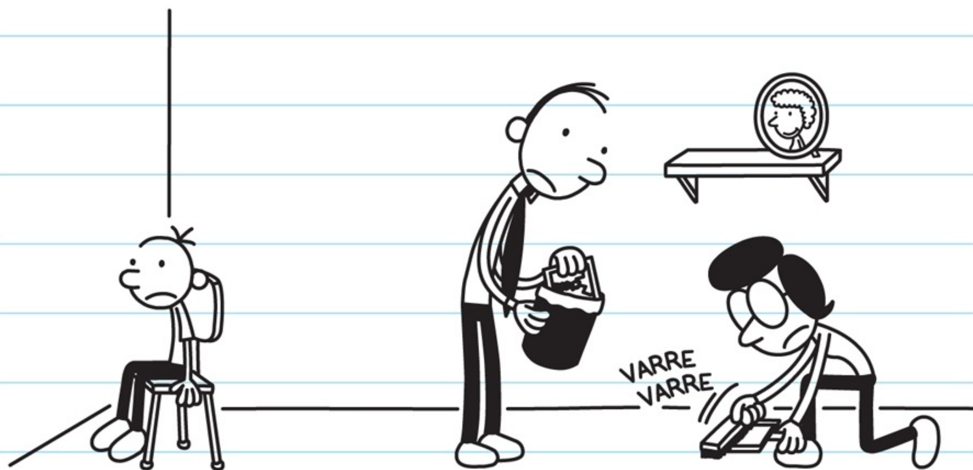
Uma vez, jogando bola em casa com o Rodrick, acabei derrubando sem querer um porta-retratos com uma foto do casamento da mamãe e do papai. O Rodrick me deixou de castigo por MEIA HORA por causa disso.



Quando a mamãe e o papai chegaram em casa, eles viram o porta-retratos quebrado e perguntaram quem tinha feito aquilo. Eu me acusei, mas falei que não precisava ser punido, porque o RODRICK já tinha me deixado de castigo.

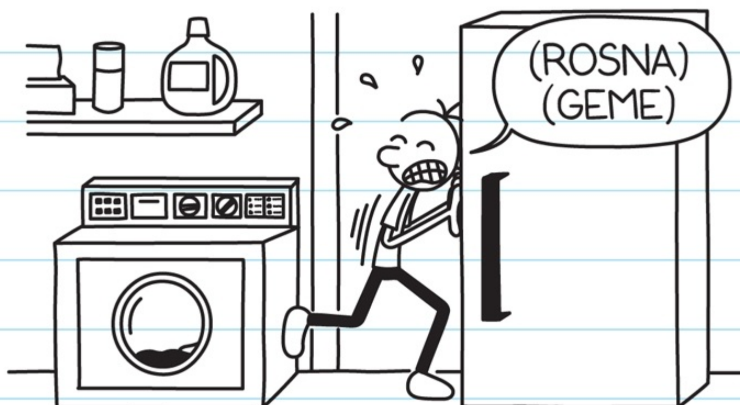


Só que aí a mamãe falou que as únicas pessoas que podiam me deixar de castigo eram ela e o papai, então acabei sendo punido DUAS VEZES por quebrar aquele porta-retratos.



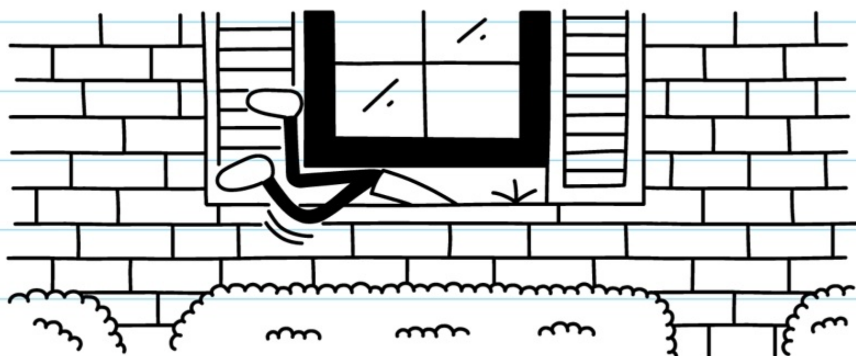
Eu achava que o Wesley merecia ser punido até TRÊS VEZES por me trancar na lavanderia. Mas estava ficando tarde, e eu sabia que não ia ser nada bom se os Stringer chegassem e me encontrassem lá trancado.

Então eu comecei a procurar outra saída. Tinha um freezer bloqueando a porta que dava pro quintal. Empurrando com toda a minha força, consegui abrir uma brechinha e me espremer pela porta.

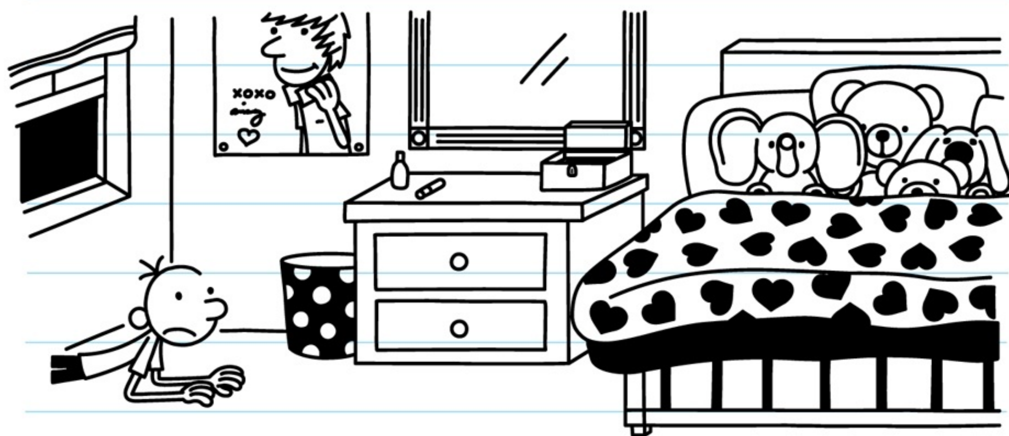


Lá fora estava um gelo, e eu estava só de calça e camiseta. Tentei abrir a porta da frente, mas estava trancada.

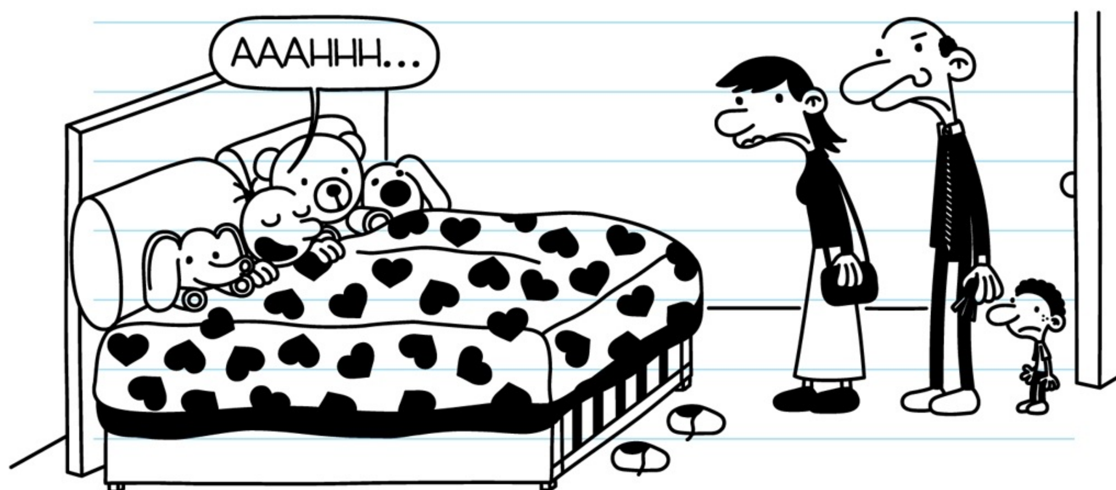
Eu pensei que, se quisesse pegar o Wesley desprevenido, o fator surpresa precisaria estar do meu lado. Contornei a casa e fui tentando abrir janela por janela até encontrar alguma que estivesse destrancada. Eu abri uma e pulei lá pra dentro.



Caí de cabeça no quarto de alguém. Depois de dar uma olhada ao redor, percebi que era o da Laurel.



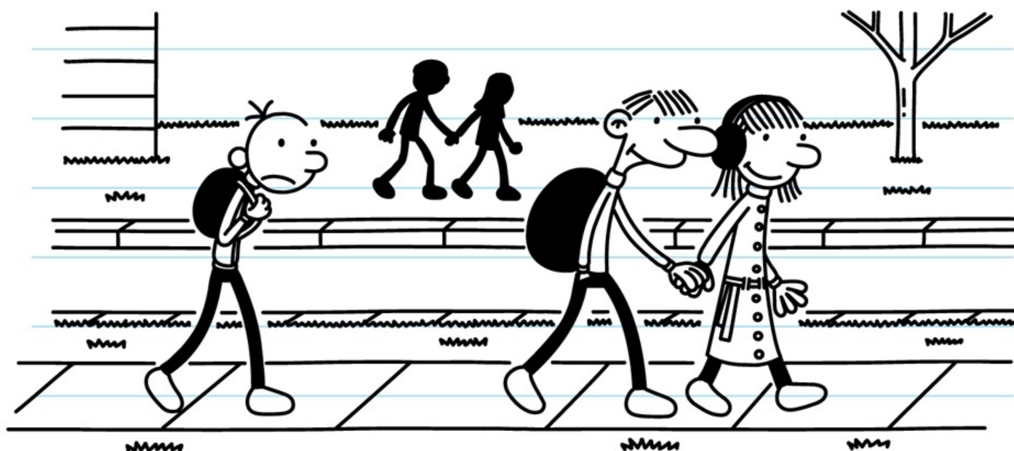
Como eu falei, estava morrendo de frio, então precisava me esquentar um pouco antes de ir atrás do Wesley. Mas acabei me arrependendo de fazer isso, porque, enquanto eu estava no quarto da Laurel, o sr. e a sra. Stringer chegaram.



Tomara que isso também acabe virando uma história engraçada pra contar no Dia de Ação de Graças. Mas acho que ainda vai demorar um pouco pro sr. Stringer conseguir dar risada de tudo isso.

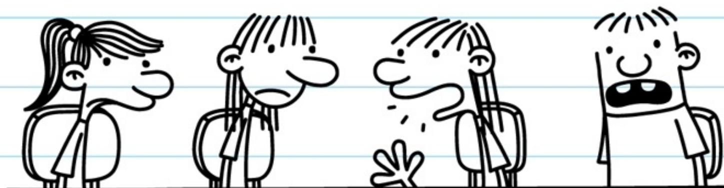
Quarta-feira

Depois de arruinar as minhas chances com a Laurel Stringer, desisti de encontrar alguém pra levar ao baile. Faltam apenas três dias, e a esta altura do campeonato todo mundo já tem um par. Então o meu plano B era passar a noite de sábado jogando videogame sozinho no quarto.



Só que ontem, depois da reunião do Comitê de Baile, o Rowley me deu uma notícia que mudou TUDO.

Ele contou que a Abigail Brown estava chateada durante a reunião, porque o garoto com quem ia ao baile, o Michael Sampson, tinha um compromisso familiar e não ia mais. Ou seja, agora a Abigail tinha um vestido novo e não ia poder usar.

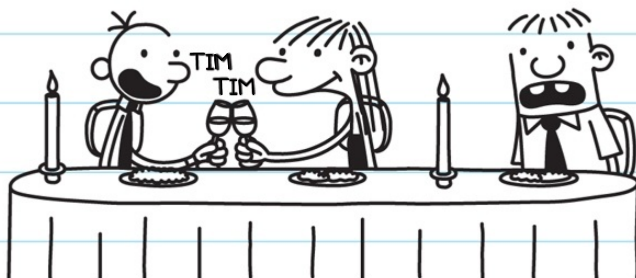


O cenário estava armado pra eu aparecer como o herói. Falei pro Rowley que era uma grande chance pra ele ser meu escada e fazer o meio-campo com a Abigail pra mim.

Porque a verdade é que a Abigail não me conhece, e eu duvido que ela aceitaria ir ao baile com um desconhecido. Então eu pedi pro Rowley dizer pra Abigail que nós três podíamos ir ao baile JUNTOS, como um "grupo de amigos".

O Rowley pareceu ter gostado da ideia, porque tinha gastado um tempão trabalhando no Comitê de Baile e também não tinha um par.

A ideia era que a gente saísse pra jantar, e lá no restaurante a Abigail ia ver que eu era um cara legal. Quando a gente fosse pro baile, já ia chegar lá como um casal.

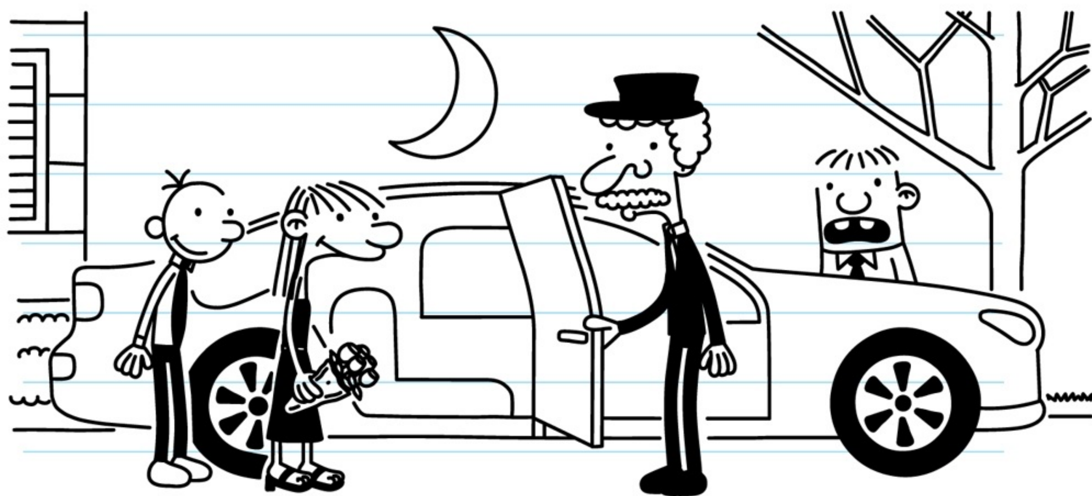


O problema era que a gente ia precisar de uma CARONA. Eu não queria pedir pra mamãe, porque os assentos do nosso carro estão todos sujos de salgadinho e sabe-se lá mais o quê. Além disso, apresentar uma garota pra mamãe seria um desastre.



Eu sabia que, se quisesse impressionar de verdade a Abigail, ia precisar alugar uma limusine, mas isso custa uma FORTUNA. Foi quando tive uma ideia.

O pai do Rowley tinha um carro de luxo, então imaginei que ELE podia levar a gente. A Abigail não ia nem saber que o sr. Jefferson era o pai do Rowley. Se a gente ficasse quieto, ela podia imaginar que ele era um chofer. De repente eu até arrumo um quepe pra ele, pra reforçar a impressão.



Só que, claro, o SR. JEFFERSON também não podia ficar sabendo disso. Nós não temos um histórico muito positivo e com certeza ele não ia topar fazer um favor pra mim.

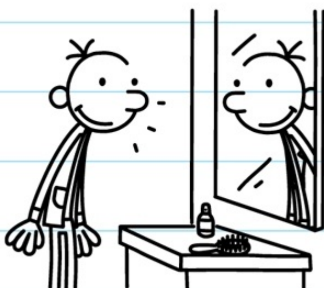
Hoje as coisas começaram a entrar nos eixos. O Rowley conversou com a Abigail, e ela gostou da ideia do "grupo de amigos". E, além disso, o sr. Jefferson concordou em levar a gente pro baile.

Agora estou cruzando os dedos pra que nada aconteça entre hoje e sábado pra estragar os nossos planos.

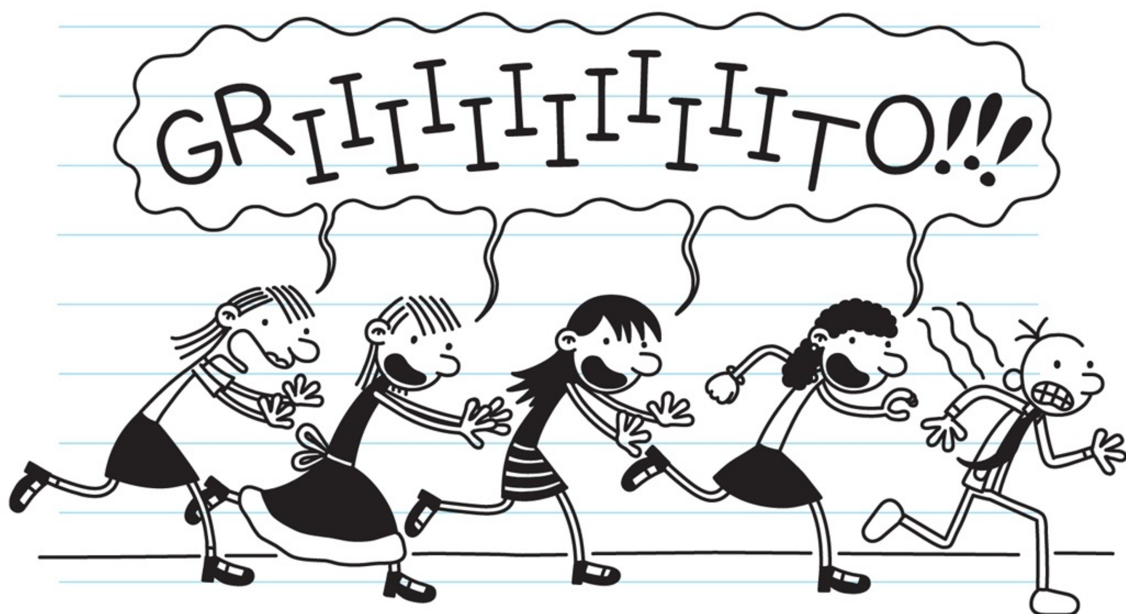
Sexta-feira

Contei pro tio Gary sobre o baile, e ele ficou mais empolgado do que eu. Queria saber todos os detalhes, tipo quantas pessoas iam e se tinham contratado um DJ. Eu não sabia responder às perguntas, porque quem fazia parte do Comitê de Baile era o Rowley, e essas coisas eram problema dele.

Eu estava mais preocupado em arrumar alguma coisa pra VESTIR. O tio Gary falou que, se eu quisesse causar uma boa impressão, ia ter que usar um terno. Fui até o armário do Rodrick e encontrei o terno que ele usou num dos casamentos do tio Gary.



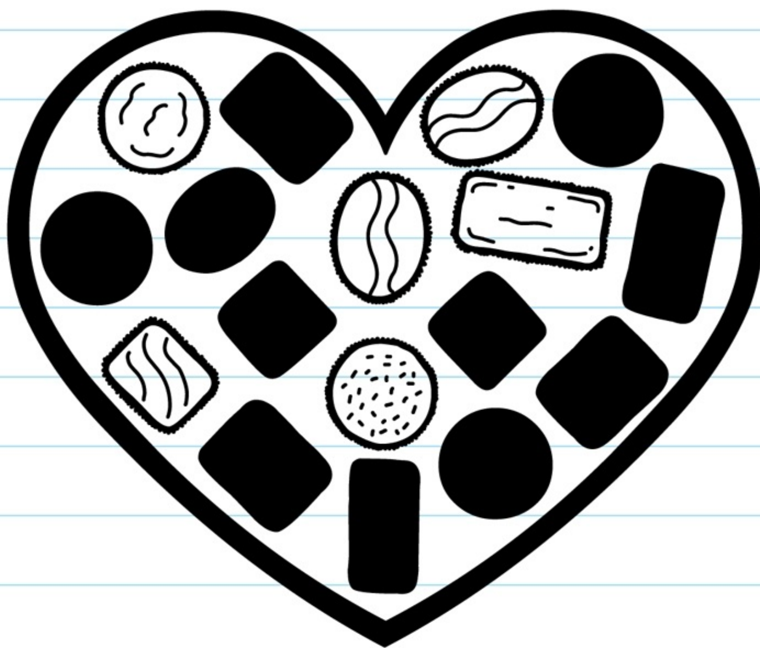
Não achei nenhum perfume no meio das tranqueiras do Rodrick, só aquele desodorante que anunciam na TV. Não sei se é uma boa ideia usar isso, porque, se esse negócio funcionar como dizem no anúncio, a minha noite pode acabar virando um pesadelo.



O meu tio-avô Bruce morreu uns anos atrás, e eu sabia que tinha uma caixa com as coisas dele lá na garagem. Encontrei um vidro de perfume e passei um pouco no pulso.

Acabei ficando com o mesmo cheiro do meu tio-avô Bruce, mas imagino que deva ser mais seguro do que usar o tal desodorante.

Até pedi pro papai me levar até o mercado pra comprar uma caixa de bombons em forma de coração pra Abigail. Eu só não deveria ter tirado o celofane que envolve a caixa, porque acabei beliscando alguns bombons de doce de leite, amendoim e caramelo.

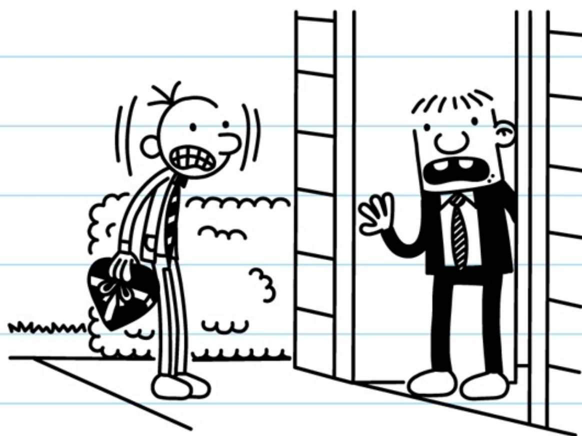


Espero que a Abigail goste de bombons de coco e daqueles outros com gosto de pasta de dente, porque isso é tudo o que ela vai ganhar.

Sábado

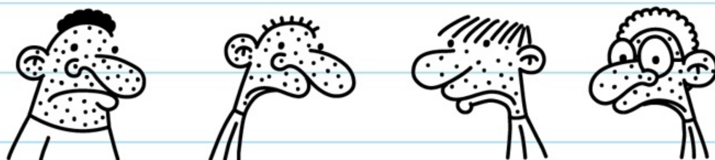
Hoje rolou o grande baile do Dia dos Namorados, e a noite não começou NADA bem.

Quando eu fui pra casa do Rowley pra gente sair, percebi que ele estava com umas manchas vermelhas no rosto. Só mais tarde eu me dei conta do que eram aquelas manchas: CATAPORA.



Desde que o Evan Whitehead apareceu lá na escola com catapora, algumas semanas atrás, a coisa se espalhou entre os alunos como fogo em mato seco.

Nesta semana mesmo, uns garotos foram parar na enfermaria e tiveram que ir pra casa. Tenho certeza de que um deles era o Abaixador Maluco, porque desde terça ninguém mais abaixou as calças de ninguém.



Ouvi dizer que a catapora é MUITO contagiosa e que, quando alguém pega essa doença, precisa ficar uma semana sem ir à escola. Mas o Rowley não podia ficar de molho nem por uma NOITE.
O Rowley era a minha carona pro baile e, se ele não pudesse ir, eu também ia acabar ficando em casa.

Falei pro Rowley que ele estava com catapora, mas devia ter preparado melhor o terreno antes em vez de dar a notícia assim de supetão.



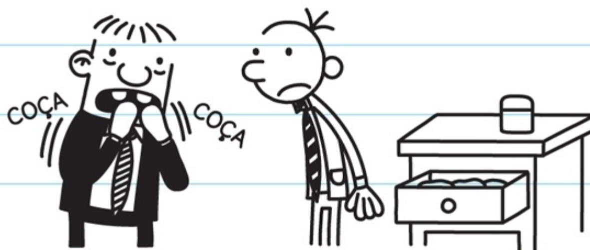
O Rowley estava prestes a descer correndo a escada e contar tudo pros pais dele, mas eu pedi pra ele se acalmar e pensar um pouco mais no que fazer.

Eu disse que, se ele esperasse pra contar só no dia seguinte, teria a minha gratidão pelo resto da vida. Era só cobrir as manchas de catapora e ficar de bico calado. A gente ia ao baile pra se divertir e ninguém precisava ficar sabendo.

Mas o Rowley estava assustado demais pra pensar direito, e eu precisei dar dois bombons de coco pra ele se acalmar.

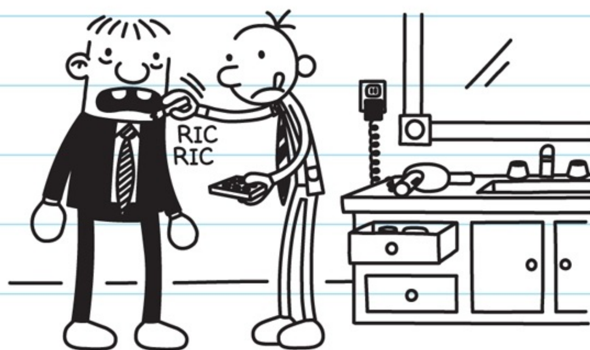


Agora que o Rowley estava sabendo que tinha catapora, estava MORRENDO de coceira. Então eu peguei umas meias na gaveta e pus nas mãos dele.



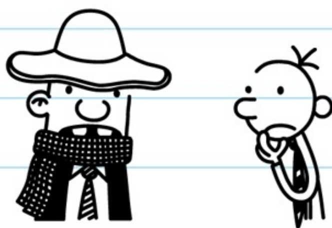
Eu imaginava que os pais do Rowley iam saber reconhecer alguém com catapora, então precisava arrumar um jeito de cobrir aquelas marcas. A gente foi até o banheiro e fuçou no estojo de maquiagem da mãe dele pra ver se encontrava alguma coisa. Achei um negócio chamado "corretivo", que parecia ser exatamente o que a gente precisava.

Usei um pincelzinho que encontrei numa gaveta e tentei cobrir as partes mais problemáticas do rosto do Rowley.

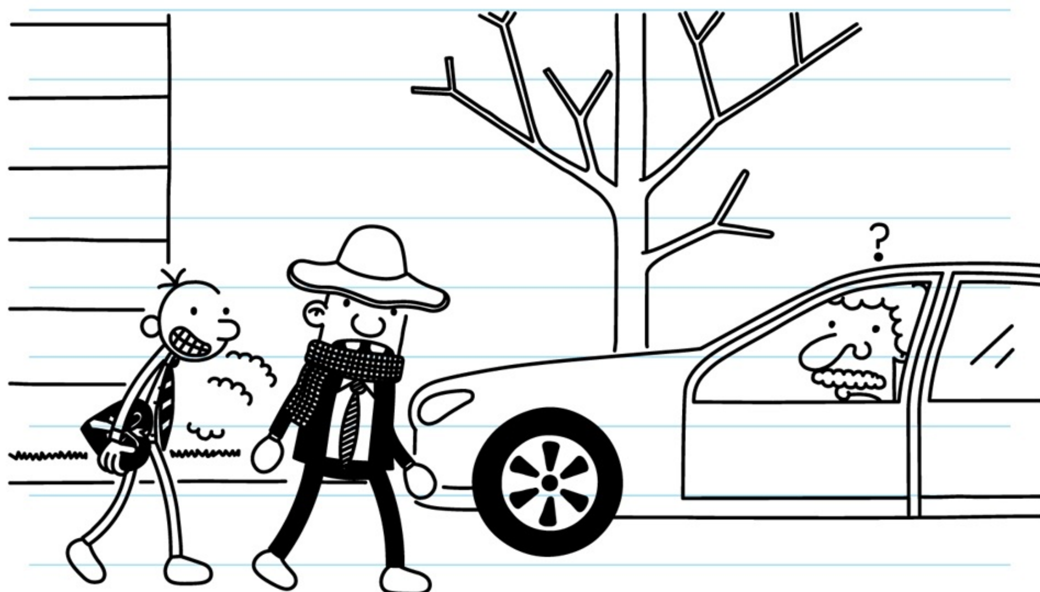


Mesmo assim era óbvio que o Rowley estava usando maquiagem. Então eu peguei uma echarpe de seda na gaveta da sra. Jefferson e disse para o Rowley cobrir a boca com ela. Aí eu percebi que tinha manchas na TESTA dele também, então eu achei um chapéu de praia no armário da mãe dele e pedi pra ele pôr.

O Rowley não estava com uma aparência normal, mas pelo menos dava para esconder a catapora.



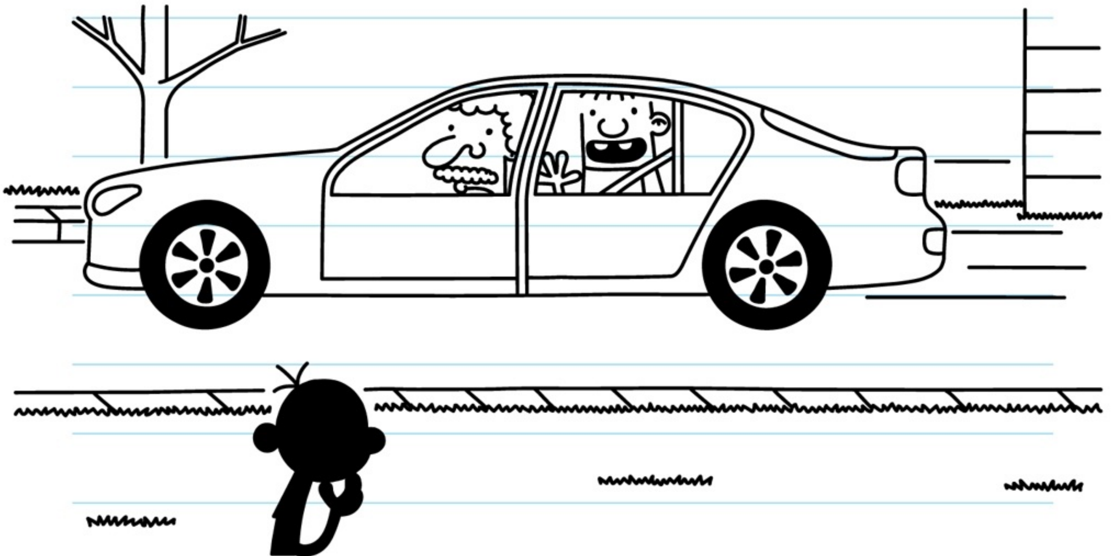
Eu meio que prendi a respiração quando entrei no carro, mas acho que sr. Jefferson deve ter achado que aquilo era alguma moda entre a garotada e não disse nada.



Quando abri a porta pra entrar no carro, levei um susto ao ver a cadeirinha que o Rowley usava quando criança ocupando um dos assentos.



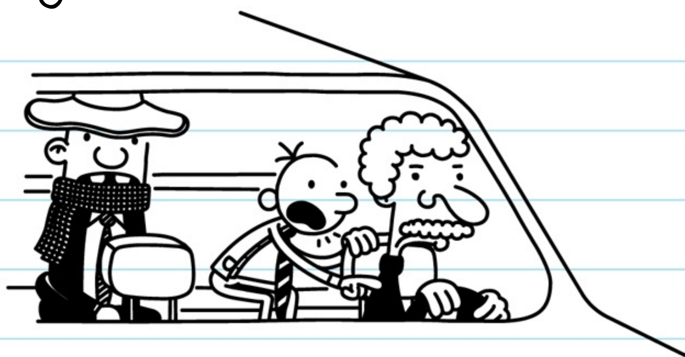
Perguntei se o Rowley ainda usava a cadeirinha quando saía com o pai, e ele respondeu que não, mas que ninguém tinha se dado ao trabalho de tirar aquilo do carro depois que ele cresceu. Só que, pensando bem, sempre achei que o Rowley parecia mais alto quando passava de carro com a família.



Eu precisava me livrar daquilo antes de pegarmos a Abigail, porque nenhuma empresa de aluguel de limusines tinha cadeirinhas pra crianças em seus carros.

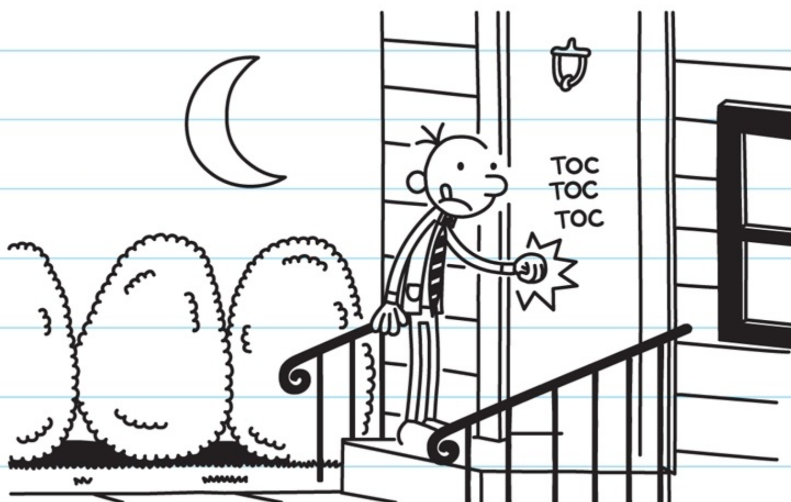
Só que o sujeito precisa ser meio engenheiro pra entender como desmontar aquela coisa. Como a gente já estava atrasado pra buscar a Abigail, a cadeirinha teve que ficar onde estava mesmo.

Quando paramos na frente da casa da Abigail, pedi para o sr. Jefferson buzinar para avisá-la de que tínhamos chegado.

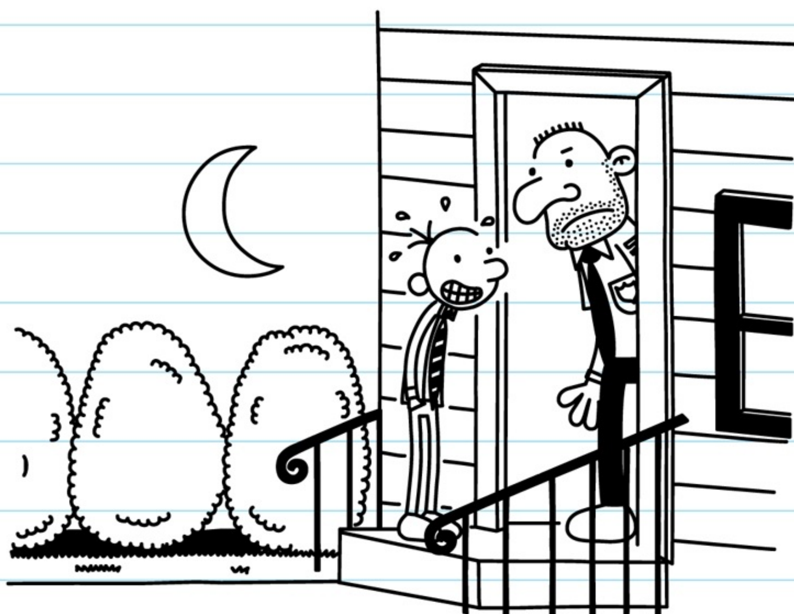


Mas o sr. Jefferson se recusou a buzinar, porque não era assim que se tratava uma "dama". Ele falou que um de nós ia ter que descer e "acompanhá-la" até o carro.

O Rowley se ofereceu pra fazer isso, mas aí eu percebi que aquela era a ocasião perfeita pra causar uma boa impressão na Abigail. Então fui até lá eu mesmo e bati na porta.

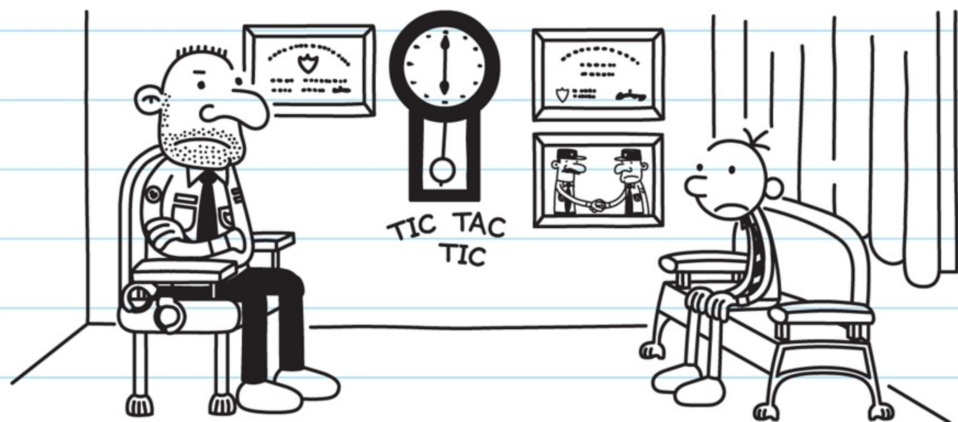


Mas quem apareceu não foi a Abigail, e sim o PAI dela. Ao que tudo indica, o sr. Brown é um policial ou gosta de se vestir como um.

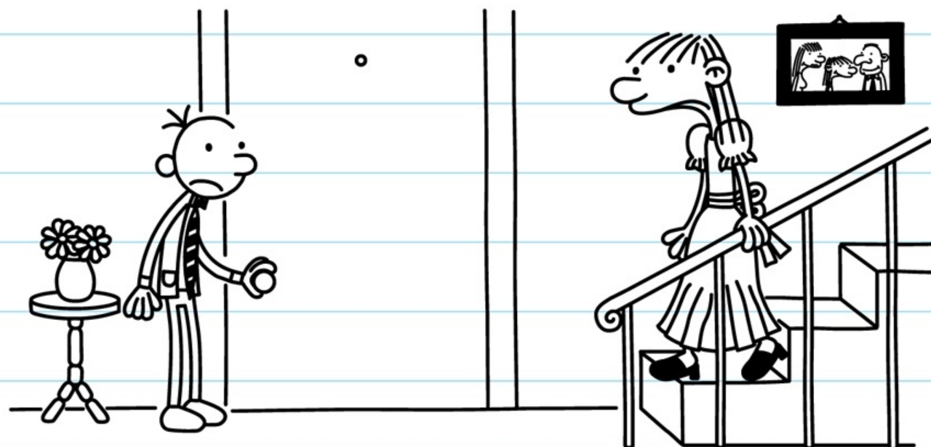


O sr. Brown disse que a Abigail estava no quarto se arrumando e ia descer num minuto.

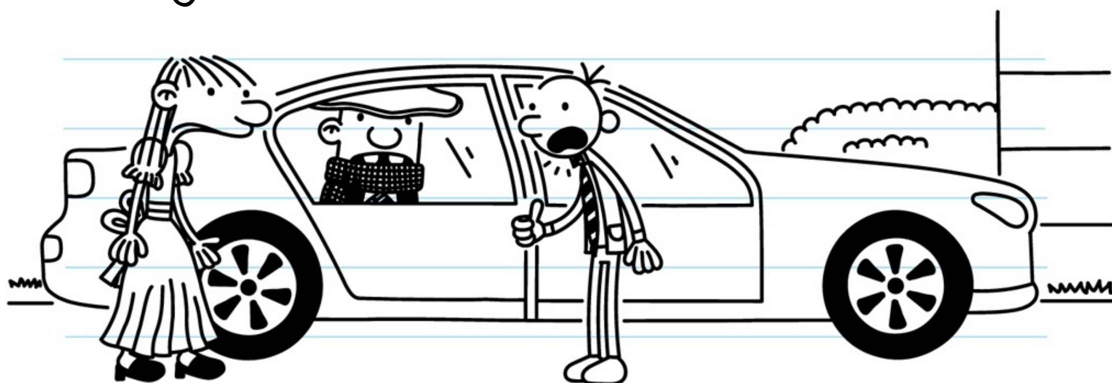
Ele me disse para entrar, puxar uma cadeira e esperar. Minha sensação era a de estar esperando a Abigail mais de UMA HORA, e eu não conseguia parar de olhar pro par de algemas pendurado na cinta do sr. Brown.



No fim cheguei à conclusão de que aquilo era estresse demais pra um simples baile de Dia dos Namorados e estava prestes a ir embora. Mas, no momento em que eu ia me levantar, a Abigail desceu.



A primeira coisa que eu percebi foi que a Abigail estava usando um vestido bufante e que não ia caber todo mundo no banco de trás do carro do sr. Jefferson. Eu é que não ia sentar na cadeirinha do Rowley, então me ofereci para ir no banco da frente. Além disso, eu sabia que aquele carro tinha bancos dianteiros aquecidos, o que era uma vantagem e tanto.



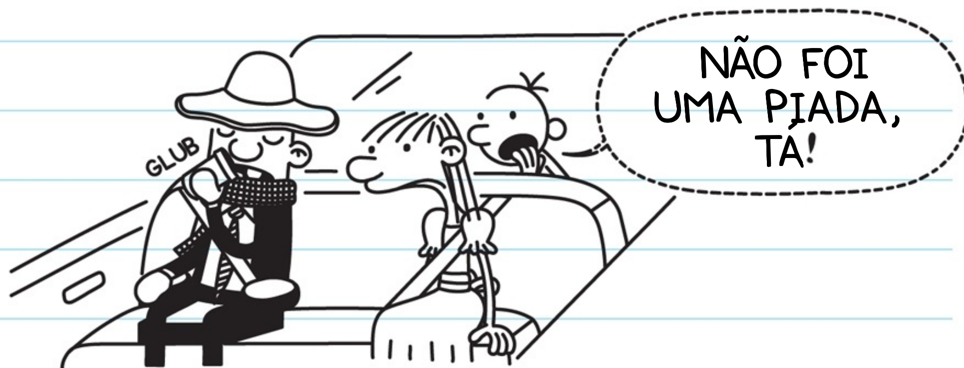
O problema era que o sr. Jefferson estava com uma pilha de papéis no banco do passageiro, porque acho que ele ia fazer a declaração de imposto de renda ou coisa do tipo enquanto esperava pra levar a gente pra casa.

Ia dar muito trabalho tirar toda aquela papelada de lá, então eu decidi sentar no porta-malas mesmo, pra gente não perder mais tempo.

A Abigail não ligou muito pro fato de o Rowley estar sentado na cadeirinha, deve ter achado que era alguma espécie de palhaçada dele.



Mas o humor é o MEU ponto forte, e eu não estava nem um pouco a fim de deixar o Rowley atrapalhar os meus planos.



Ninguém estava falando uma palavra dentro do carro, então eu pedi pro sr. Jefferson ligar o rádio. Mas, em vez de colocar uma música, ele pôs numa estação de notícias, e a gente ficou ouvindo aquela chatice o caminho todo.



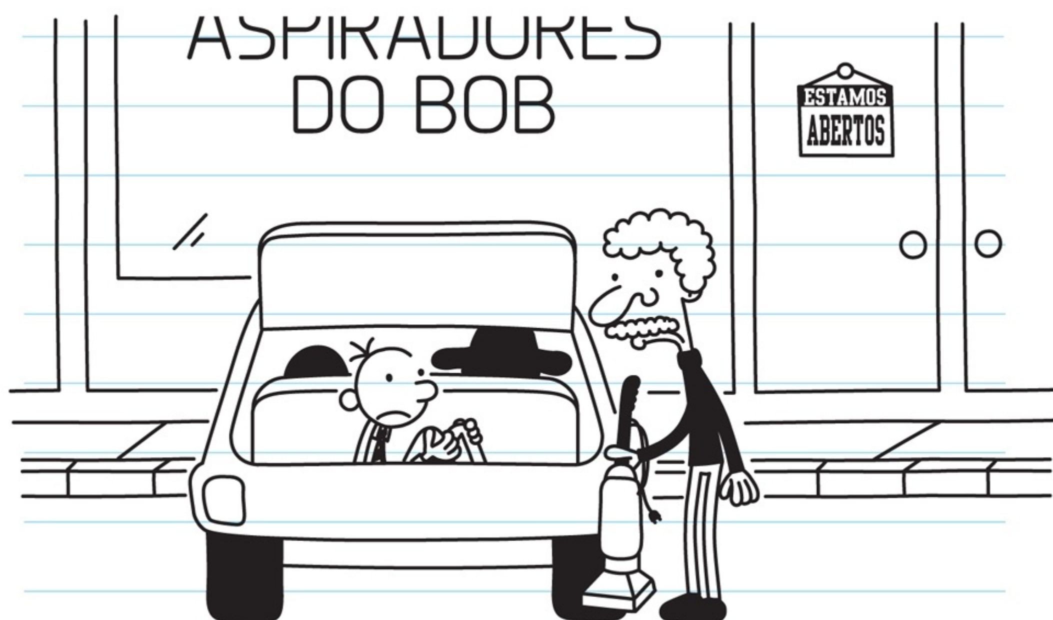
Tenho certeza de que ele fez isso porque ficou bravo quando o chamei de "motorista".

O Rowley e a Abigail começaram a papear. Eu estava muito perto dos alto-falantes e não consegui ouvir nada.



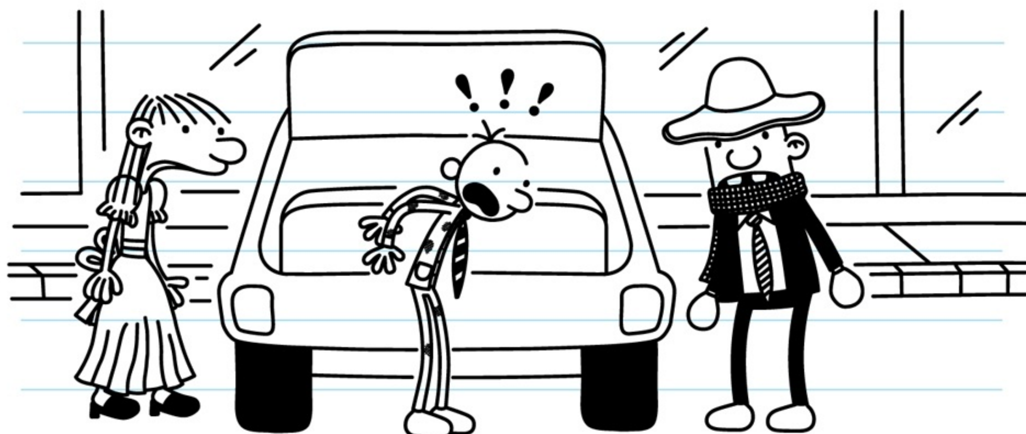
Quando o sr. Jefferson parou o carro, pensei que tínhamos chegado ao restaurante. Mas ele só tinha parado para pegar o aspirador que estava no conserto.

Naquela hora desejei ter arrumado dinheiro para alugar uma limusine, pois um motorista profissional jamais faria esse pinga-pinga.

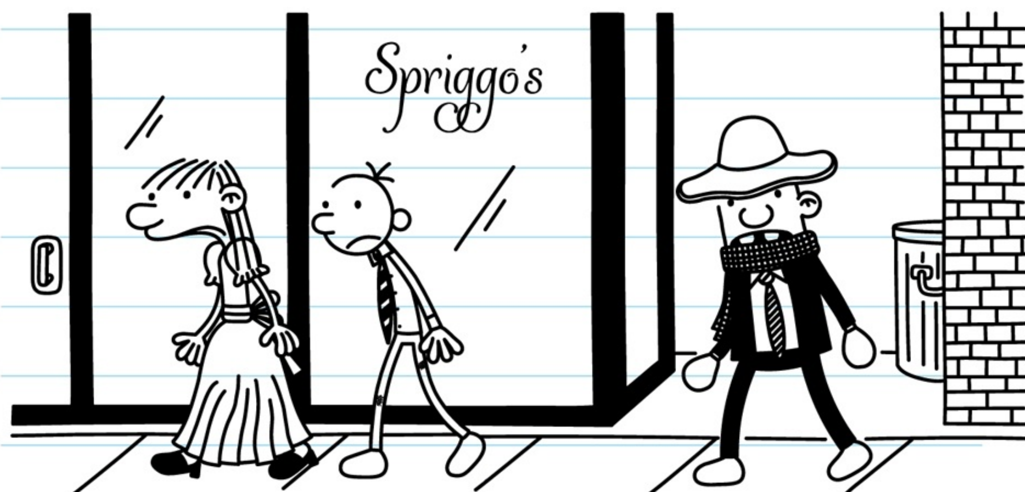


Tinha feito uma reserva no Spriggo's, o restaurante chique do qual a mamãe e o papai viviam falando. Sabia que ia ser caro, mas tinha economizado um bom dinheiro das tarefas e queria mesmo impressionar a Abigail.

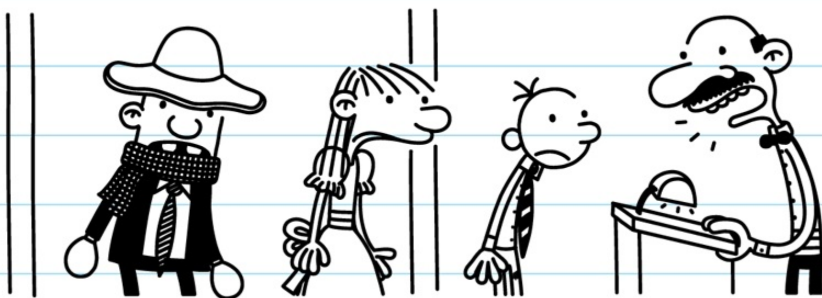
No estacionamento, o sr. Jefferson abriu o porta-malas pra mim. Quando saí, vi que a minha roupa estava toda suja de graxa do aspirador de pó.



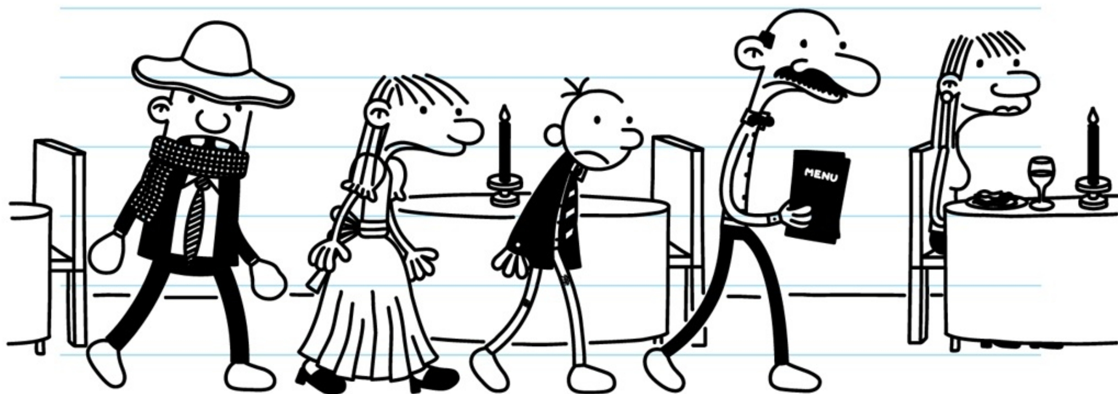
Eu não queria parecer um molambento, então deixei o paletó no carro e entrei junto com a Abigail no restaurante. Achei que o Rowley ia sacar a minha jogada e ficar no carro com o pai dele, mas ele veio logo atrás.



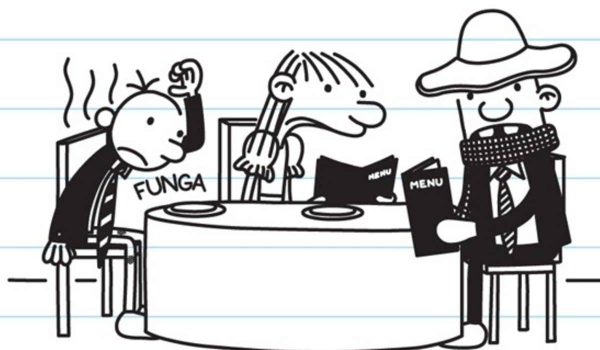
O Spriggo's era MUITO mais chique do que eu imaginava. Quando a gente entrou, o garçom falou que aquele era um "estabelecimento fino" e que os cavalheiros só podiam entrar usando paletó.



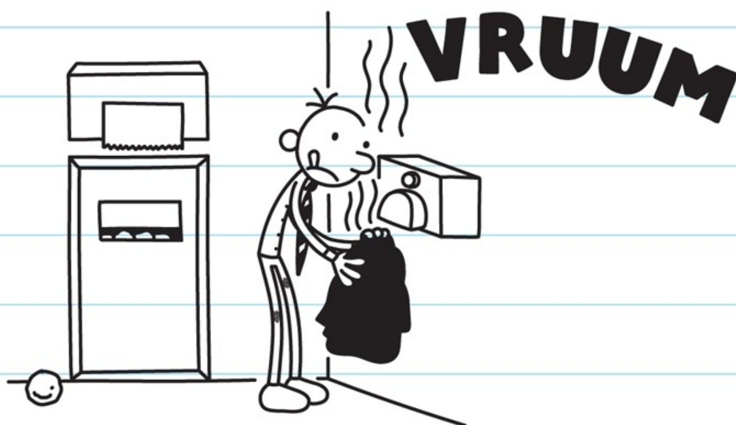
Eu não queria vestir aquele paletó imundo, então pedi pra ele abrir uma exceção daquela vez. O garçom respondeu que não era possível, mas que eles tinham uns paletós e que podiam me emprestar um. O que ele me deu era meio grande, mas eu vesti mesmo assim.



Quando a gente sentou, eu senti um cheiro horrível e tentei descobrir de onde vinha. Aí percebi que quem estava fedendo era EU. Aquele paletó emprestado já devia ter sido usado por umas cem pessoas sem nunca ter chegado perto de uma lavagem.

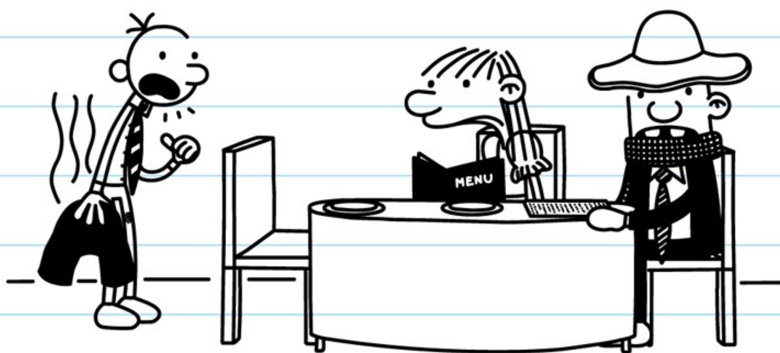


Eu não queria ficar sentindo o cheiro do suor dos outros enquanto comia, então pedi licença, fui até o banheiro, dei uma esfregadinha com água e sabão no paletó, na região dos sovacos, e sequei no secador de mãos.

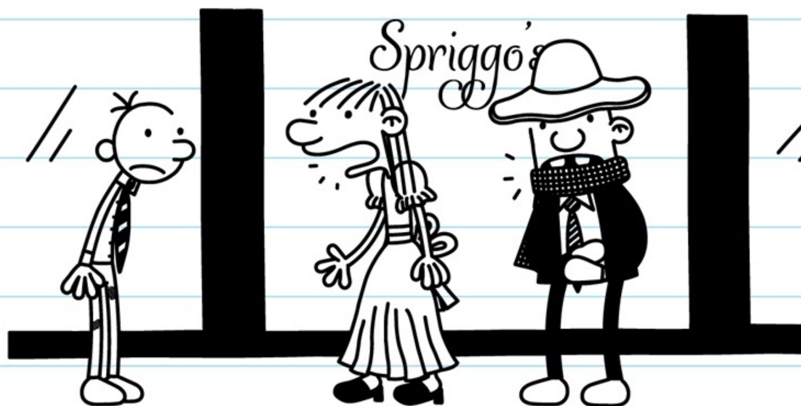


Bom, isso só PIOROU as coisas, porque o calor reativou o CC e fez com que o cheiro se espalhasse.

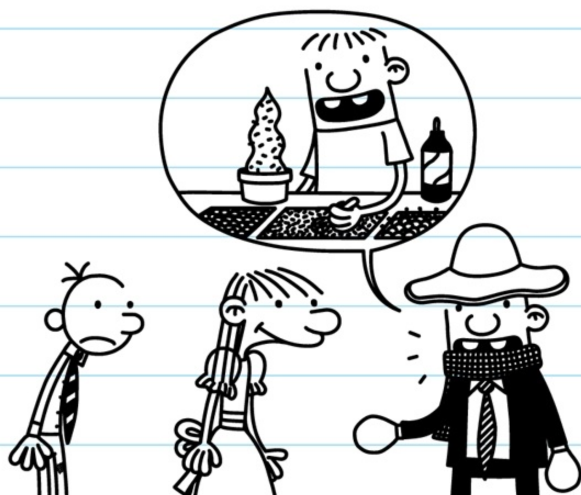
Era a gota d'água. Falei pra Abigail e pro Rowley que aquele lugar era muito metido a besta, e que a gente deveria ir embora.



Deixei o paletó com o garçom e a gente saiu.
Eu falei para esquecermos o jantar e irmos direto pro baile, mas a Abigail estava morrendo de fome, e o Rowley também.



O restaurante mais próximo dali era o Corny, e eu falei que para aquele lugar não ia de jeito NENHUM. Mas aí o Rowley disse que adorava o bufê de sobremesa do Corny, e a Abigail gostou da ideia.



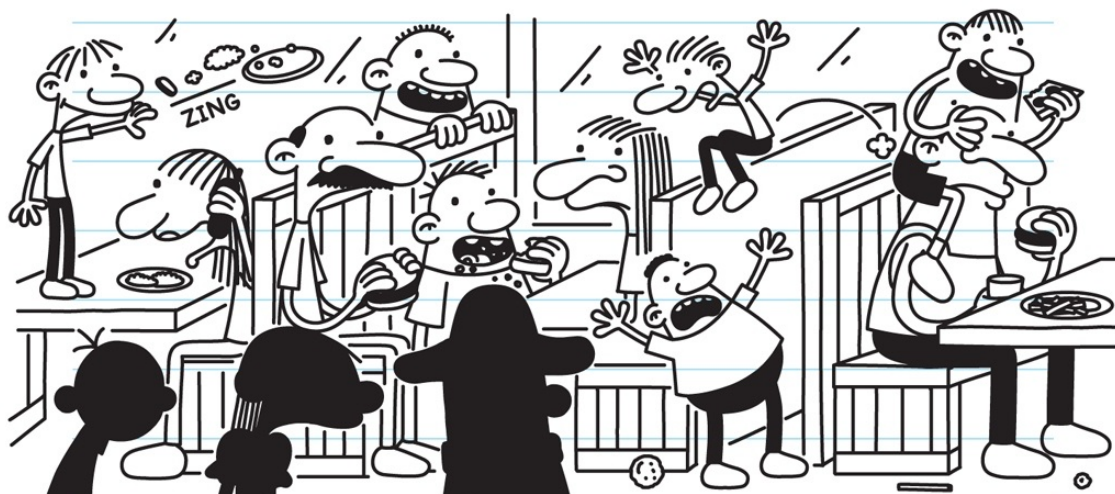
Já estava me arrependendo de ter levado o Rowley junto comigo porque, se ele ficasse sempre do lado da Abigail, nada ia sair do jeito que eu queria. Mas, como não queria saber de encrenca com o meu par pro baile, fechei a boca e andei em silêncio por três quarteirões até chegarmos ao Corny.

Por sorte, eu lembrei do lance da gravata antes de entrarmos e enfiei a minha no bolso de trás da calça rapidinho.

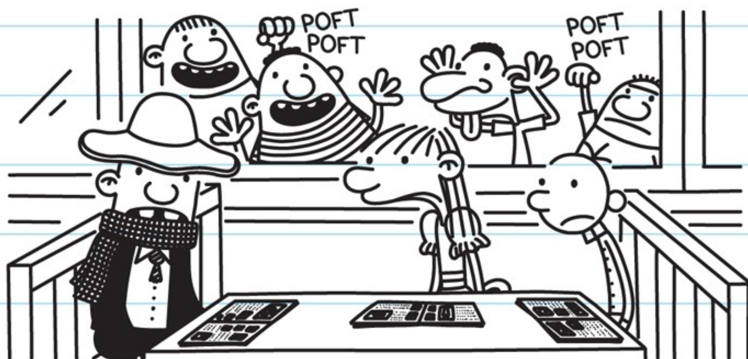
Só não deu tempo de avisar o Rowley. Agora a gravata dele faz parte da Parede da Vergonha.



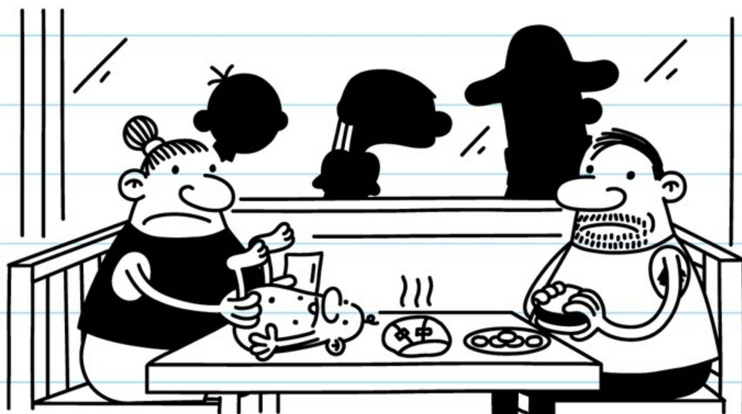
O Corny estava parecendo um HOSPÍCIO. A gente costuma ir lá durante a semana, mas de sábado a coisa fica ainda pior.



A boa notícia era que a gente não ia precisar sentar no Beco das Crianças. Só que a seção de "adultos" do Corny também não era lá grande coisa. A única coisa que separa as duas partes é uma janela de vidro, e a gente pegou uma mesa bem ao lado de uma família com um montão de crianças.



Pedi pra garçonete mudar a gente de lugar, e ela fez uma cara feia antes de levar as coisas pra outra mesa. Antes eu tivesse ficado quieto, porque a outra mesa que ela arrumou não representou uma melhora de jeito nenhum.



Pedir pra garçonete mudar a gente de lugar DE NOVO não era uma boa ideia, porque a última coisa que eu queria era irritar a pessoa que ia servir a minha comida. O que eu fiz foi pôr uns cardápios na frente da janela pra bloquear aquela visão desagradável.

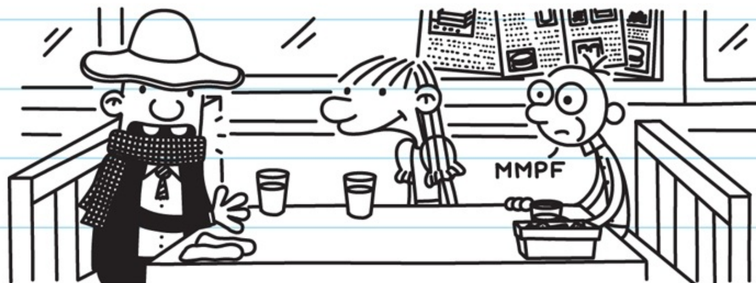


A garçonete trouxe uns salgadinhos, e o Rowley tirou as meias das mãos pra comer. Não era uma boa ideia dividir uma porção de salgadinhos com alguém com catapora, então eu mantive a cestinha sempre perto de mim.

Quando o Rowley levantava a mão pra pegar um, eu empurrava pra ele com um canudinho.



Eu não conseguia lembrar se a catapora era transmitida pelo ar, então prendia a respiração sempre que o Rowley falava, só pra garantir.



Numa hora em que ele contou uma história bem comprida sobre uma coisa que tinha acontecido nas férias, eu quase desmaiei.



Eu disse pra Abigail e pro Rowley que ia pagar o jantar, que eles podiam comer o que quisessem. Na verdade estava querendo me exibir pra Abigail, mostrar que tinha dinheiro.

Mas quando a garçonete voltou, a Abigail pediu DUAS entradinhas, e o Rowley também.

A garçonete não entendeu o que o Rowley pediu, por causa da echarpe, e ele tirou pra falar. Só que, quando fez isso, uma gotinha de cuspe saiu voando pelo ar e foi parar bem no meu lábio inferior.



Deixei a boca totalmente aberta pra impedir que a gotinha de baba entrasse. Tentei parecer calmo, mas por dentro eu estava em desespero absoluto.



Queria limpar a boca com o guardanapo, mas ele tinha caído no chão e eu não estava conseguindo alcançar. Então esperei até a Abigail se distrair e me limpei na manga do vestido dela.

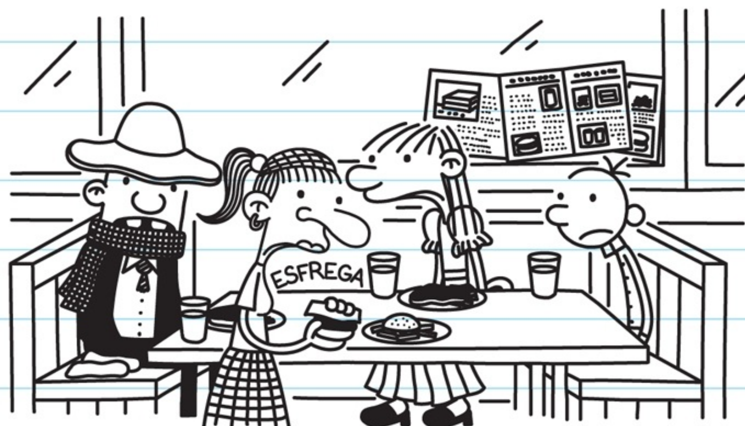


A gente, enfim, se decidiu. Eu pedi um hambúrguer simples, pra economizar um pouco. A Abigail pediu um filé mignon com osso, que era o prato mais caro do cardápio, e o Rowley também pediu, apesar de eu ter feito um sinal pra ele escolher alguma coisa mais barata.

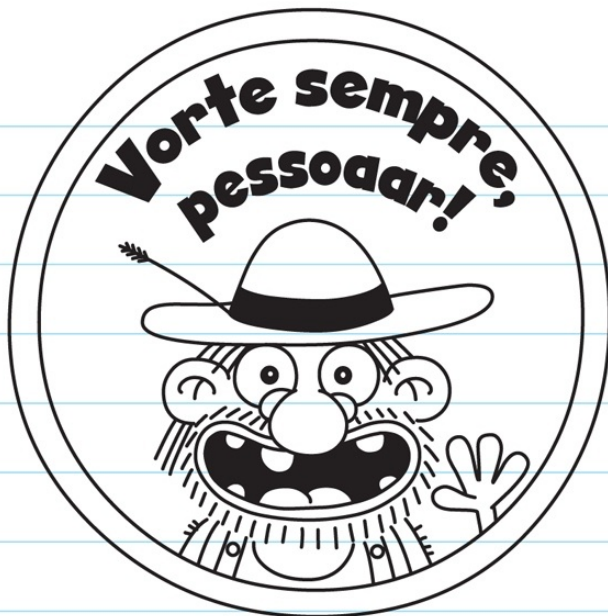


Quando trouxeram a comida, o meu hambúrguer veio com alface e tomate, porque no Corny eles NUNCA acertam o nosso pedido. Tive que tirar a alface e o tomate, e mesmo assim ainda tinha maionese no meu sanduíche.

Quando a garçonete passou por lá de novo, eu falei que tinha pedido um hambúrguer sem nada. Então ela pegou um guardanapo e simplesmente tirou a maionese e largou o guardanapo sujo em cima da mesa.



Perdi o apetite depois disso. E, mesmo se ESTIVESSE com fome, eu provavelmente não ia comer tudo. No fundo dos pratos do Corny tem um desenho que eu não gosto nem um pouquinho de ver.



Fiquei lá só esperando a Abigail e o Rowley comerem seus filés e, quando eles finalmente terminaram, fiz um sinal pra garçonete pedindo a conta.

Mas aí o Rowley e a Abigail disseram que queriam sobremesa. A gente só foi até o Corny por causa do bufê de sobremesas, que está incluído no preço da refeição. Só que, logicamente, o Rowley e a Abigail escolheram uma sobremesa ESPECIAL, que era paga à parte.



Levantei e fui atrás da garçonete pra dizer que era aniversário do Rowley, porque eu sabia que os aniversariantes ganhavam uma sobremesa. Minutos depois, todos os garçons apareceram pra cantar parabéns pro Rowley e servir o bolo.

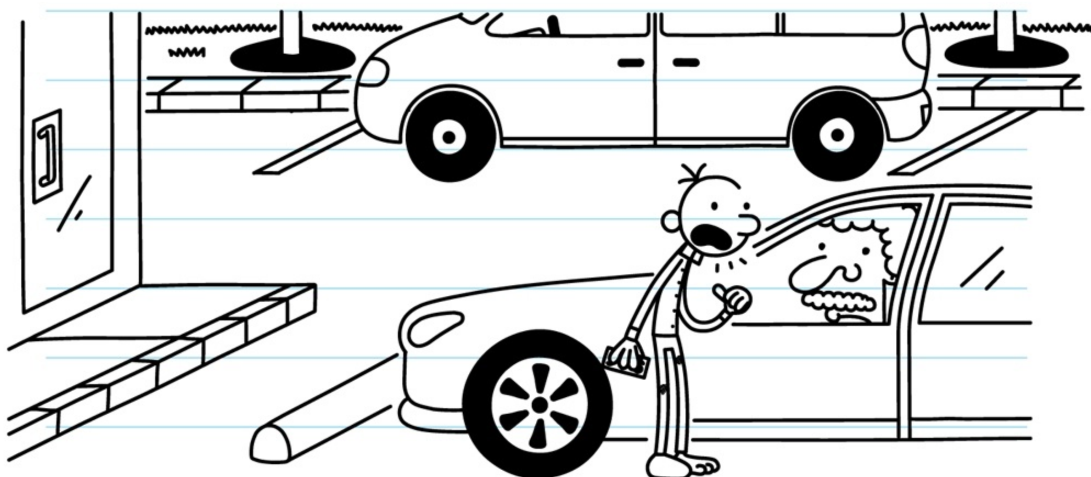


A Abigail, mesmo assim, pediu um cheesecake de chocolate gigante e deixou quase tudo no prato.

Quando a conta chegou, eu mal podia ACREDITAR. Aquilo me custou tudo o que eu tinha na carteira e ainda precisei apelar pras cinco pratas que estava guardando na meia pra alguma emergência.



A garçonete não quis aceitar a nota que eu tirei da meia porque estava meio molhada, então tive que ir até o carro pra ver se o sr. Jefferson tinha uma nota de cinco pra trocar.



Quando voltei pra mesa, o Rowley e a Abigail estavam no maior papo, e achei que estavam mais perto um do outro do que quando eu saí.

Pensei em avisar a Abigail pra manter distância do Rowley, mas fiquei com medo de que ela desistisse de ir ao baile com a gente se soubesse que ele estava com catapora.



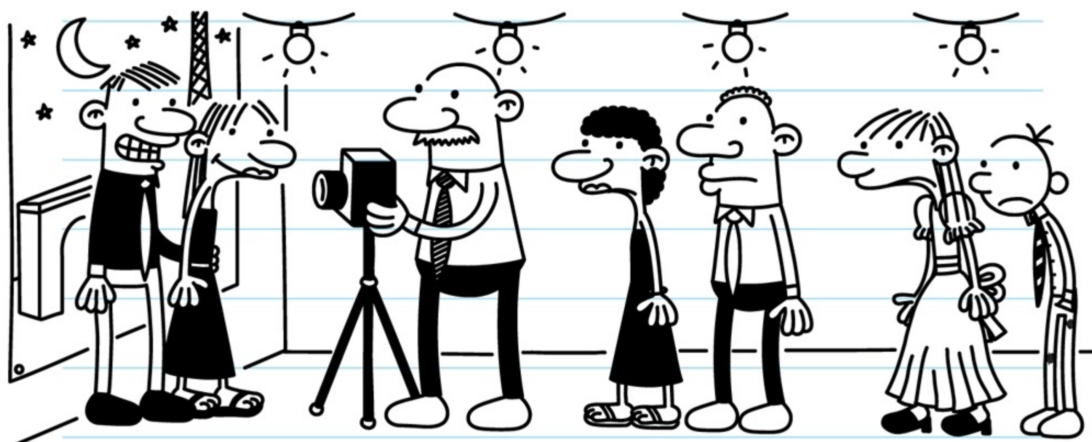
Voltamos os três pro carro, e o sr. Jefferson deixou a gente na porta da escola. Ele deu o maior abração no Rowley, o que deve ter parecido meio estranho pra Abigail caso ela tivesse pensado mesmo que o carro era alugado.



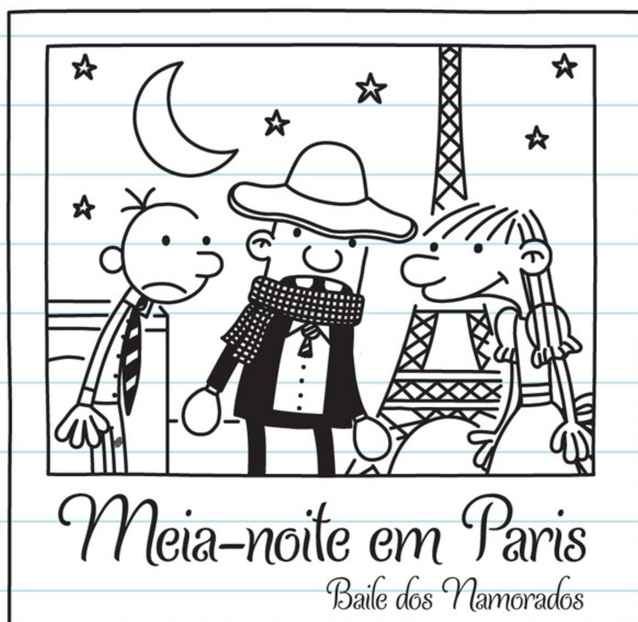
O tema do baile era "Meia-noite em Paris", e sou obrigado a admitir que o Comitê de Baile fez um ótimo trabalho. O ginásio foi decorado pra ficar parecido com uma ruazinha francesa. Tinha uma mesa enorme com ponche e salgadinhos, e até uma fonte de chocolate com morangos.



Entregamos os nossos ingressos e entramos na fila pra tirar foto. Cada casal tinha direito a um retrato na frente de um cenário com a imagem de Paris.



Quando chegou a nossa vez, fiquei lá de pé com a Abigail, e o fotógrafo tirou o nosso retrato. Só não imaginava que o Rowley iria aparecer TAMBÉM, senão teria preferido pular essa parte.



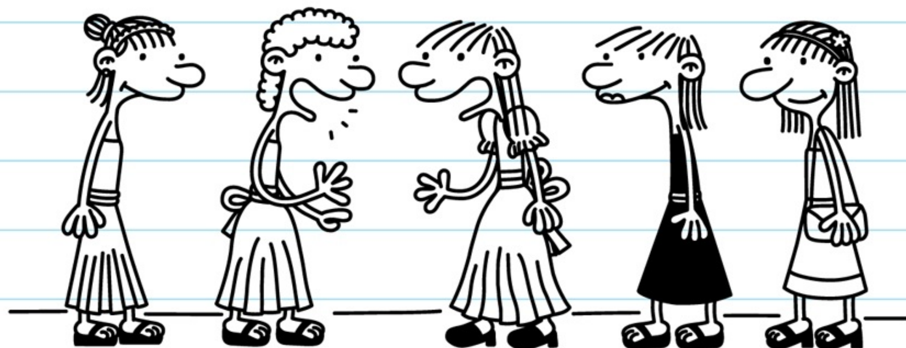
O DJ da festa me parecia bem familiar e, quando cheguei perto, percebi que era o tio Gary. Nem me pergunte como ELE conseguiu esse trabalho.



O tio Gary deve ter visto aquilo como uma grande oportunidade pra se livrar das camisetas encalhadas. Estava bem escuro lá no ginásio, então o pessoal não deve ter percebido que estava sendo enganado.



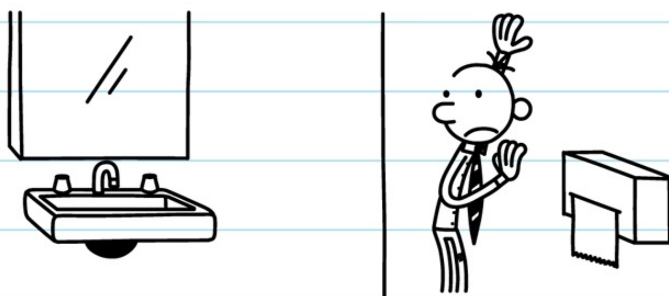
Num minuto a Abigail estava comigo, mas foi só eu virar as costas que ela sumiu. Quando vi, ela estava do outro lado do ginásio conversando com as amigas.



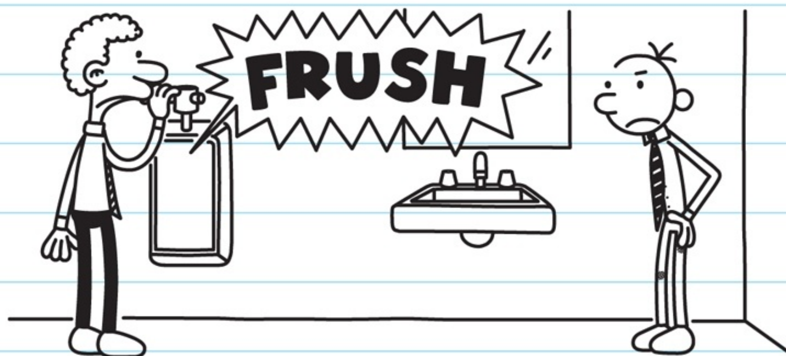
Fui andando na direção delas, mas antes que eu chegasse perto, elas foram todas juntas pro banheiro.

Não tenho ideia do que as meninas fazem todas juntas no banheiro, mas o fato de elas terem ido exatamente NAQUELE MOMENTO me deixou meio preocupado.

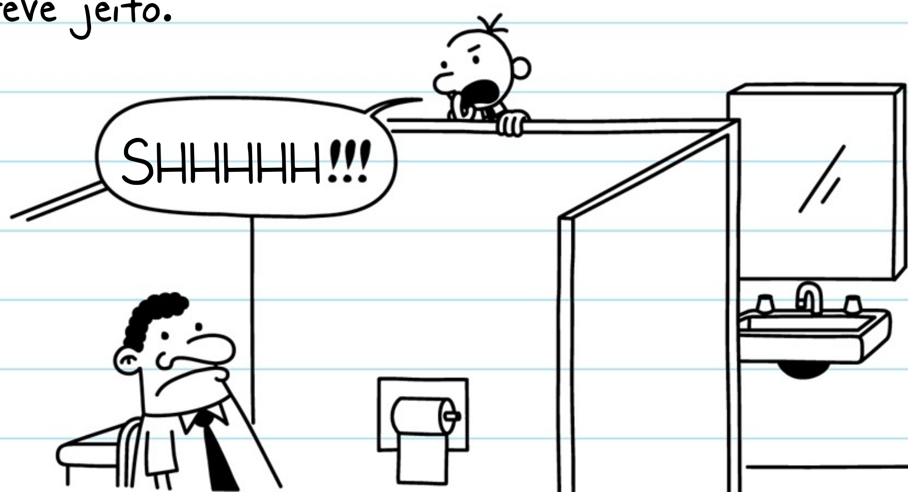
Eu não sabia o que a Abigail tinha achado de mim, e ela devia estar falando sobre isso com as amigas. O banheiro masculino fica bem ao lado do feminino, então fui até lá e colei a orelha na parede.



Consegui ouvir um monte de risadinhas, mas nem uma palavra do que elas estavam falando, porque o banheiro dos meninos era um lugar bem barulhento.



Eu tentei fazer o pessoal ficar quieto, mas não teve jeito.



A conversa do outro lado da parede tinha terminado, então eu voltei pro ginásio e vi que a Abigail e as amigas estavam tomando ponche.

Às 7:50 da noite, o tio Gary aumentou o som, e parecia que o baile ia começar pra valer. Mas bem nessa hora um pessoal aparentando ter a idade da minha avó começou a chegar.



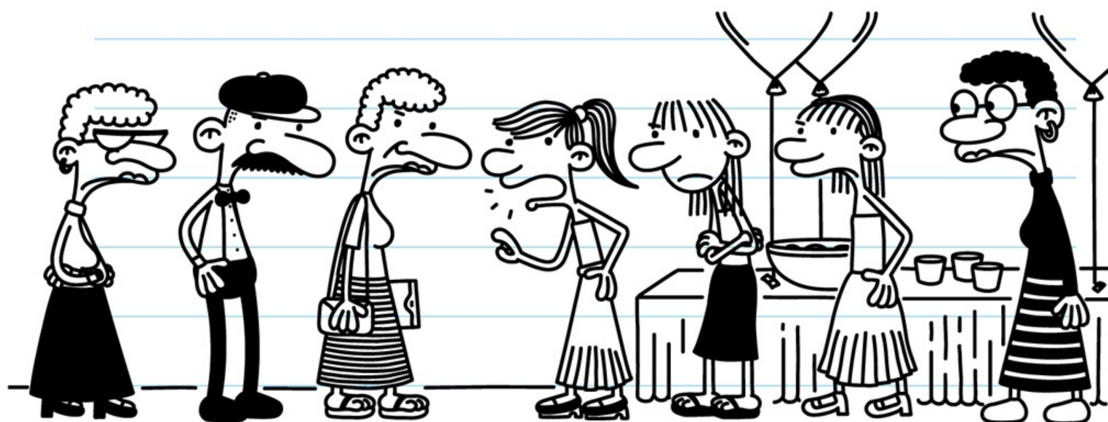
Às 8:00, uns cem velhinhos se amontoaram na entrada. Parecia estar tendo um bafafá entre uma professora e o pessoal da terceira idade, então fui até lá pra ver o que estava acontecendo.

Os velhinhos estavam dizendo que iam usar o ginásio pra uma reunião com a prefeitura sobre a construção do novo Centro de Convivência da Terceira Idade. Aí a sra. Sheer falou que tinha reservado o ginásio pro baile duas semanas antes.

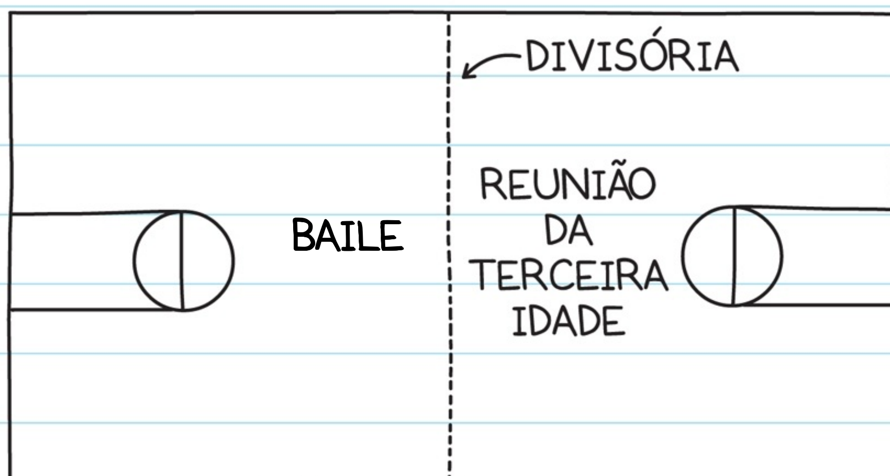
Só que os velhinhos disseram que o ginásio já estava reservado pra eles fazia dois MESES e tinham toda a papelada pra provar. O pessoal do Centro de Convivência falou que a gente ia ter que esvaziar o ginásio pra que a reunião deles pudesse acontecer.



Mas aí umas meninas que faziam parte do Comitê de Baile entraram na discussão, e a coisa ameaçou ficar bem feia.



Quando tudo indicava que a confusão ia ser inevitável, a sra. Sheer propôs uma solução. Ela falou que a gente podia pôr uma divisória no meio do ginásio. A reunião dos velhinhos seria de um lado e o baile, do outro.

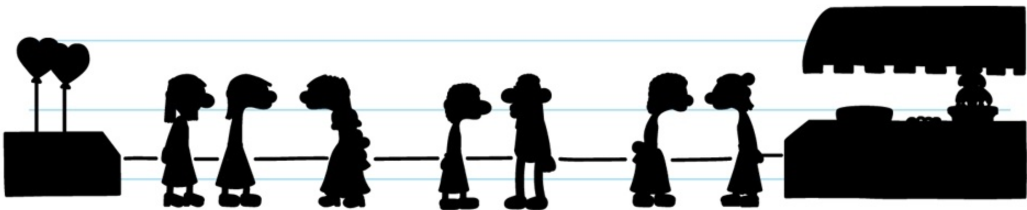


Todo mundo pareceu concordar com a ideia, e o zelador providenciou a divisória.



Perder metade da quadra foi ruim, mas o que acabou mesmo com a festa foram as LUZES. O ginásio só tinha um interruptor para todas as luzes, não tinha como deixar algumas acesas e outras apagadas. O pessoal da terceira idade precisava das luzes acesas pra reunião, e isso matou o clima de "Meia-noite em Paris" do outro lado da quadra.

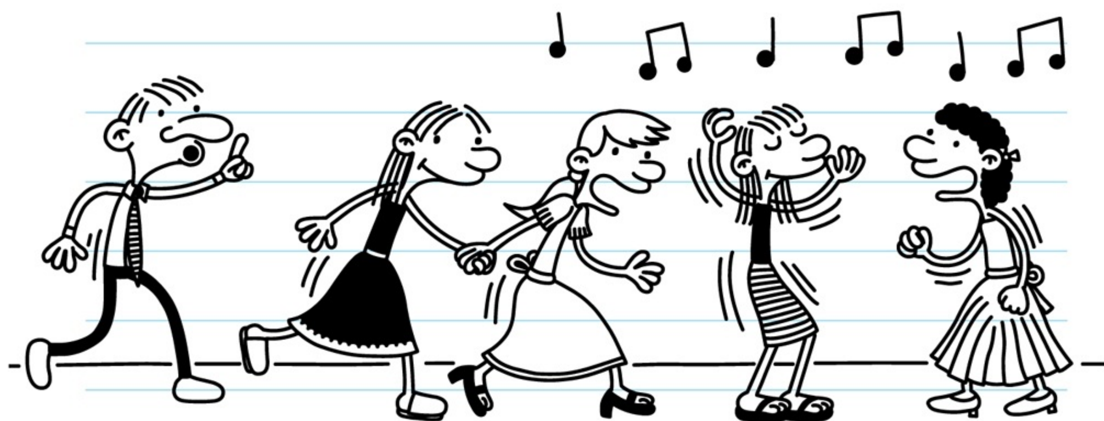




As luzes acesas também atrapalharam os negócios do tio Gary, porque quem comprou as camisetas dele percebeu que tinha sido enganado e começou a pedir o dinheiro de volta.



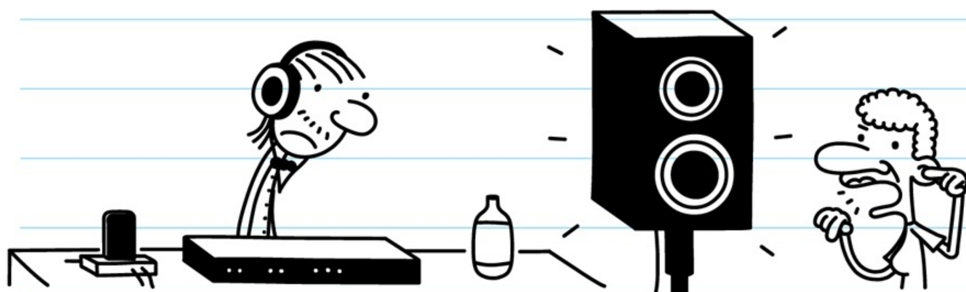
O tio Gary tentou distrair o pessoal aumentando o volume da música, e um monte de gente foi pra pista dançar.



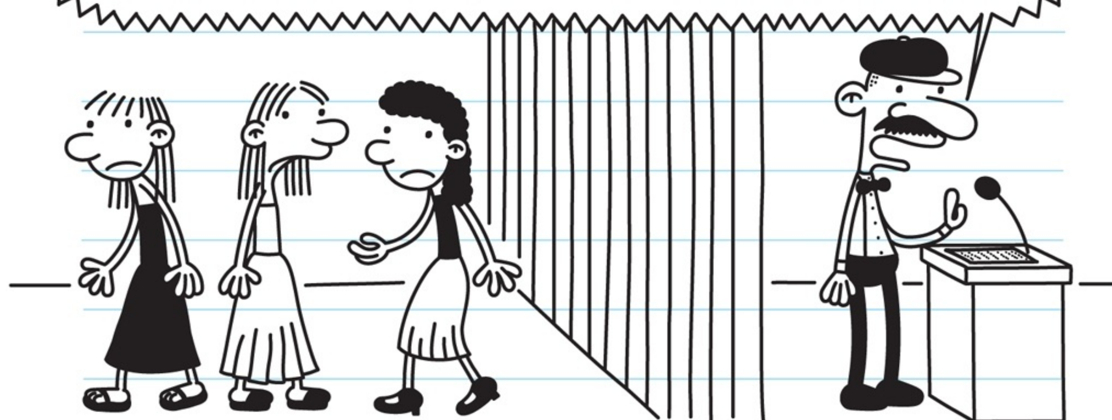
As meninas estavam dançando todas juntas no meio da quadra. De vez em quando, um garoto tentava entrar no meio da rodinha, mas elas tinham formado uma espécie de barreira pra manter os moleques à distância. Eu só percebi isso quando tentei entrar e fui totalmente bloqueado.



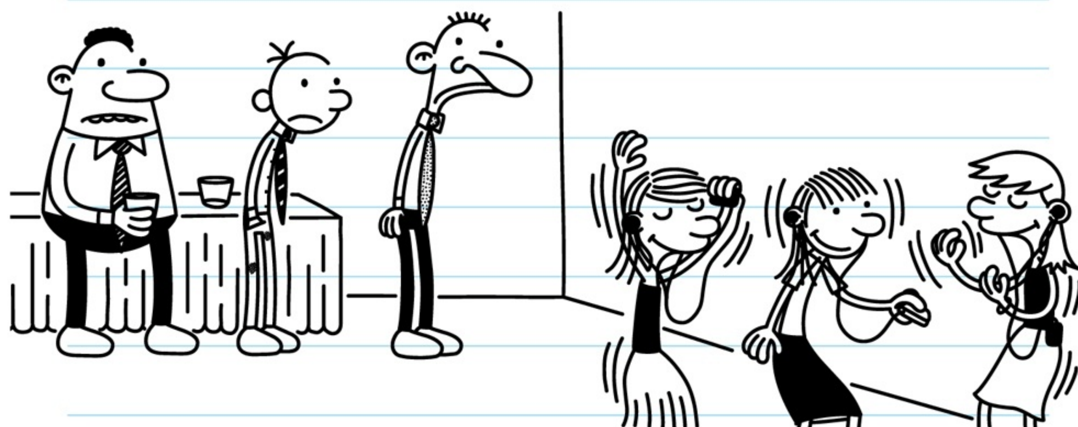
Um dos velhinhos veio até o nosso lado da quadra e reclamou que a música estava alta demais, que eles não estavam conseguindo conversar.



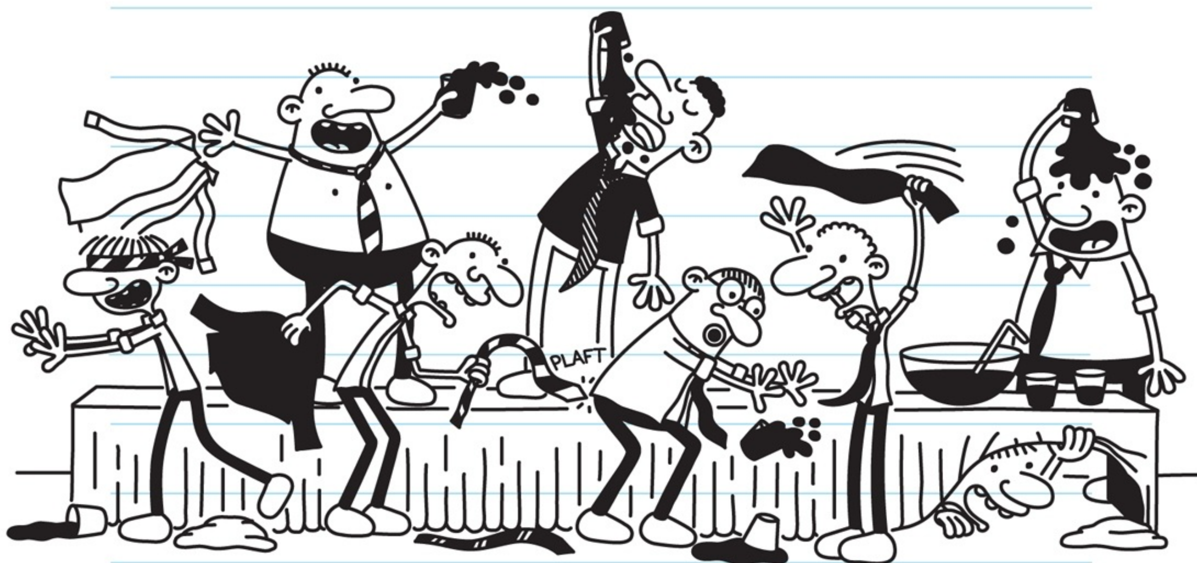
O tio Gary abaixou o volume em uns 80%, só que aí a gente começou a ouvir tudo o que estavam dizendo na reunião da terceira idade.



Mas isso não pareceu incomodar as garotas. Várias delas tinham levado seus tocadores de MP3 e continuaram dançando do mesmo jeito.

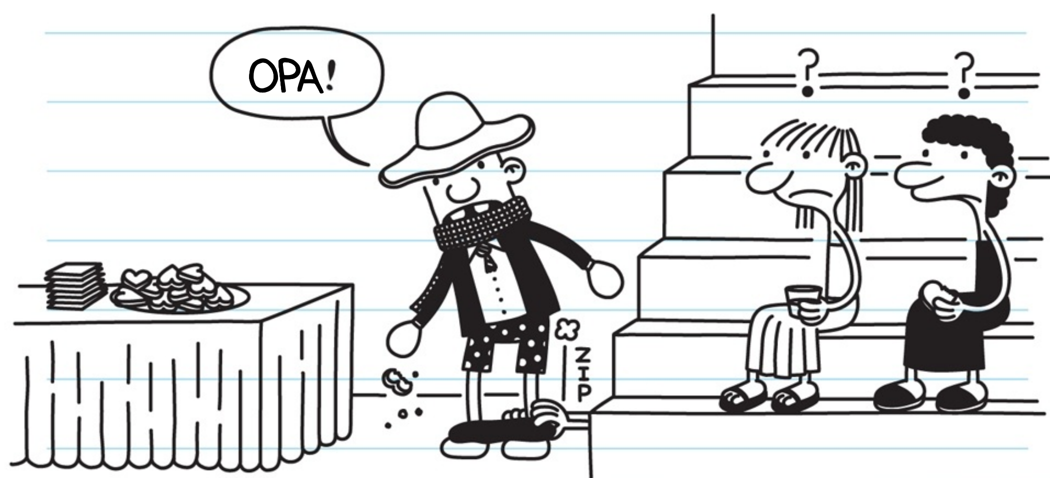


Foi nesse momento que a molecada se descontrolou de vez. Depois de tanto tempo se comportando bem na frente das meninas a troco de nada, um monte de gente resolveu chutar o balde.

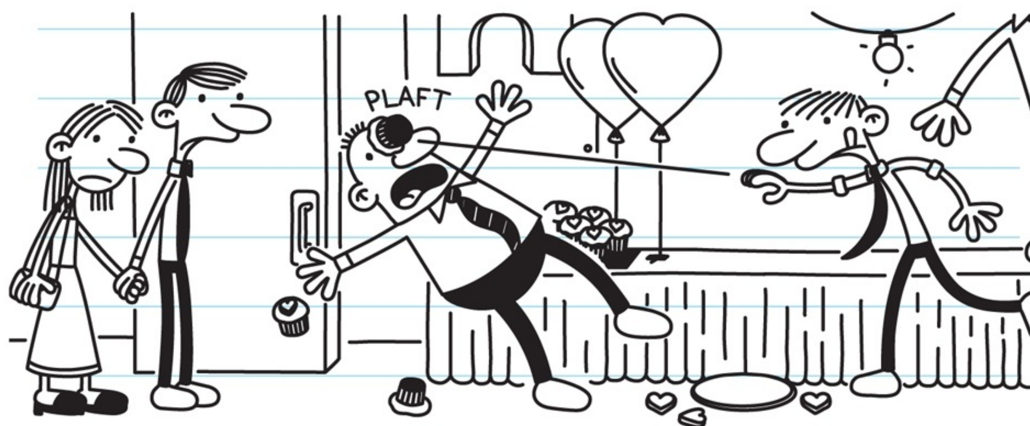


A sra. Sheer e os outros adultos tentaram controlar os garotos mais exaltados, mas não teve jeito. A situação não demorou muito pra ficar caótica e até meio perigosa.

Pensei em ir até a arquibancada e ficar vendo tudo de longe, mas bem nesse momento o Abaixador Maluco atacou de novo, e eu achei melhor não sair de onde estava.

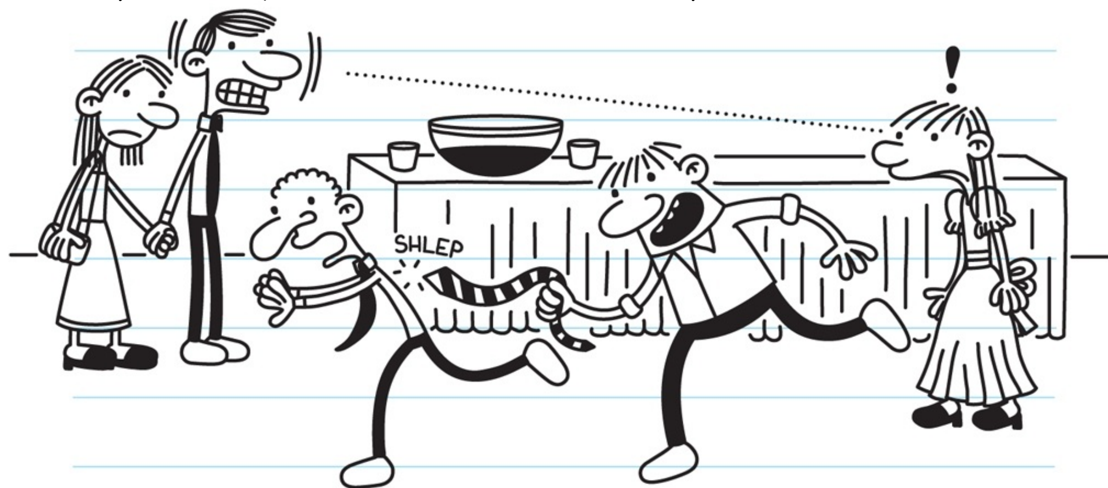


De tempos em tempos, alguns retardatários chegavam, mas davam meia-volta depois de ver o que estava acontecendo no baile. E aí, lá pelas 9:00, o Michael Sampson apareceu no ginásio de mão dada com a Cherie Bellanger.



O Michael era o cara com quem a Abigail DEVERIA ter ido ao baile, mas pelo jeito o tal "compromisso familiar" era só um pretexto pra se livrar dela.

E, pela cara que fez, acho que ele também não esperava que a Abigail estivesse por lá.



Depois disso, a coisa virou um dramalhão total. O Michael deu no pé e deixou a menina com quem tinha ido ao baile por lá mesmo, e a Abigail passou meia hora chorando num canto do ginásio.

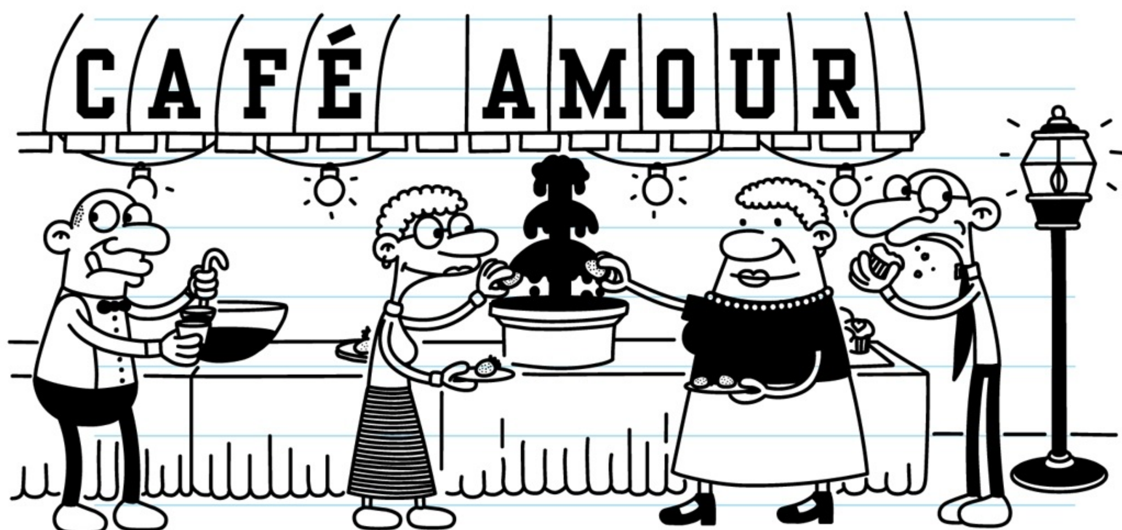


Fiz o que podia pra ajudar a Abigail a se sentir melhor, mas, como ela estava cercada por uma multidão, nem sei se ela reparou nisso.

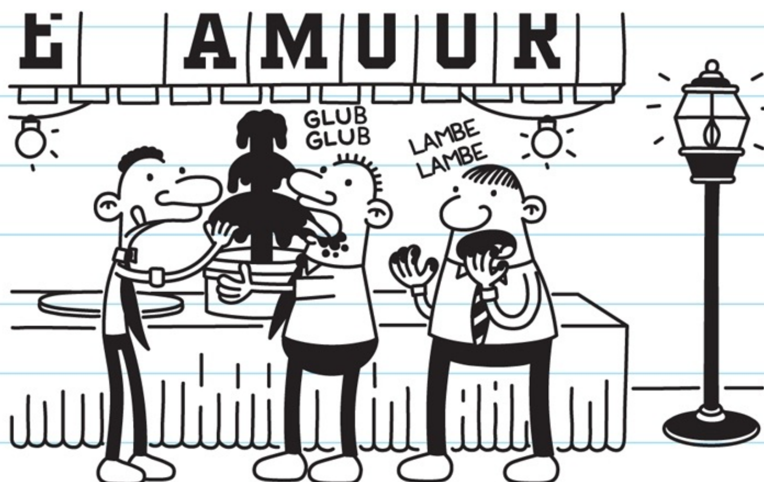


Bem nessa hora, a reunião da terceira idade com a prefeitura terminou, e alguns velhinhos foram até o nosso lado da quadra pra comer e beber.

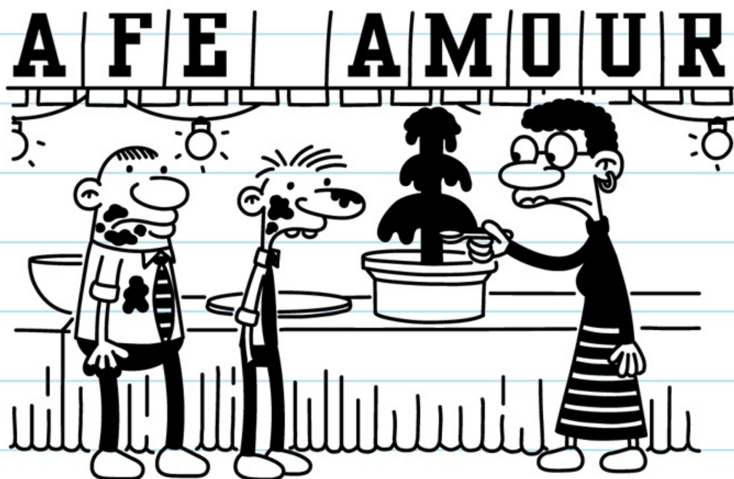
Eles acabaram com todos os morangos num instante e não tinha mais nada pra mergulhar na fonte de chocolate.



Aí o pessoal começou a enfiar o dedo no chocolate, e de repente parecia que eu estava no Corny de novo.



Alguém perdeu a lente de contato no meio do chocolate, e a sra. Sheer fez todo mundo se afastar pra ver se conseguia pescar o negócio.

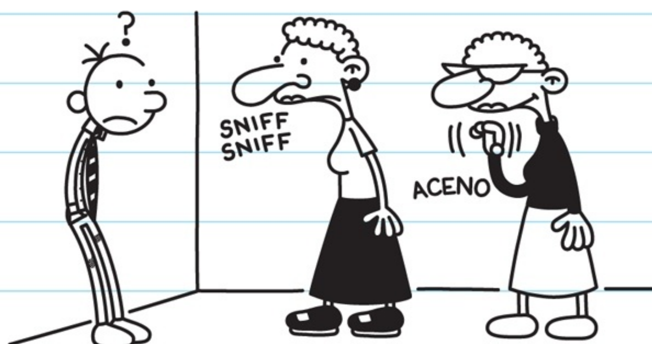


Como a reunião já tinha acabado, o tio Gary aumentou o som outra vez.

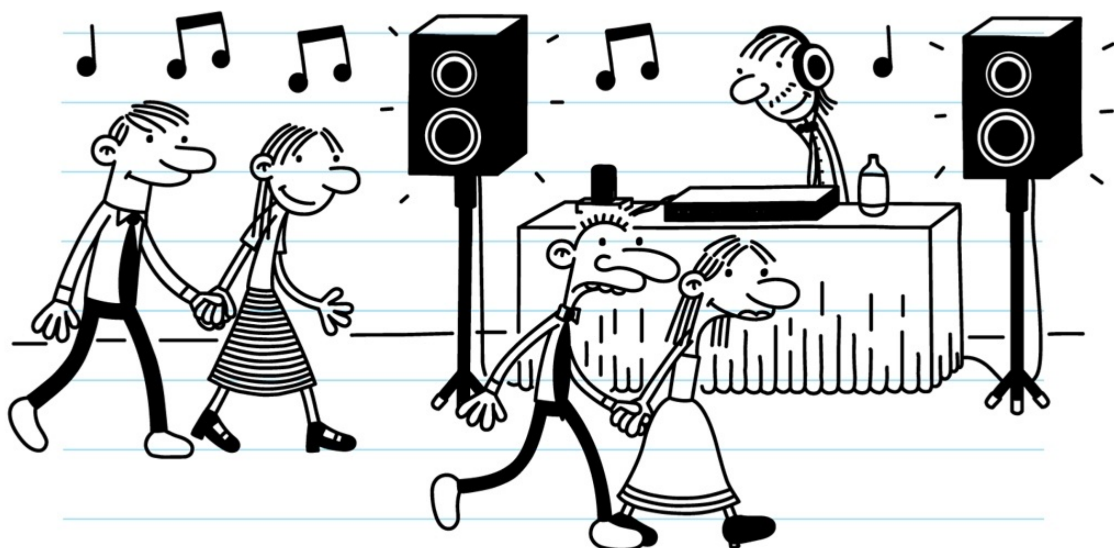
Mas aí os velhinhos começaram a pedir música e, quando a gente viu, a festa de Dia dos Namorados já tinha se transformado num Baile da Saudade.



Eu fiquei vendo tudo do meu canto, encostado na parede e me perguntando o que tinha ido fazer naquele baile. Também estava começando a me arrepender de não ter usado o desodorante que achei na gaveta do Rodrick, porque o perfume do meu tio-avô Bruce estava atraindo um pessoal que não era exatamente da minha faixa etária.

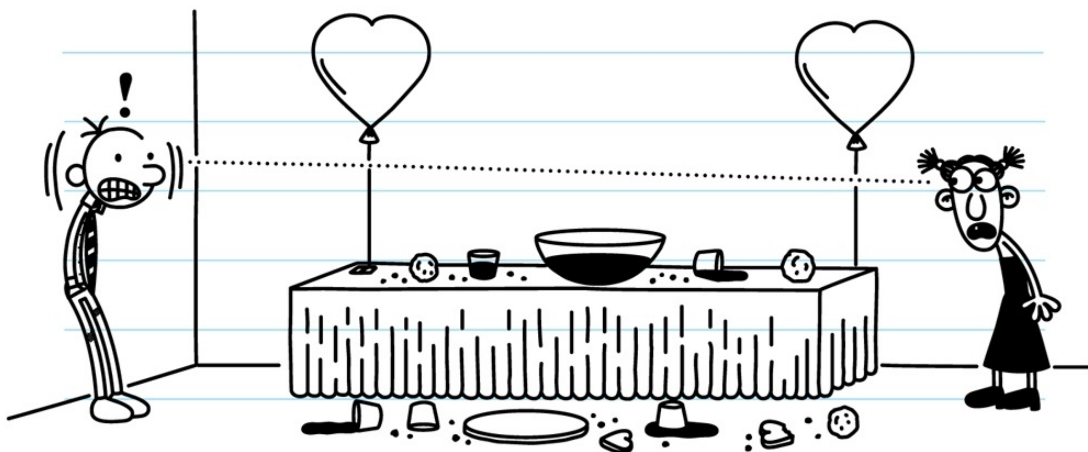


Eram quase 10:00 e o tio Gary anunciou que a música seguinte seria a última da noite. Quando começou a tocar, alguns casais se formaram e foram para a pista. Foi a primeira e única vez que isso aconteceu durante todo o baile.



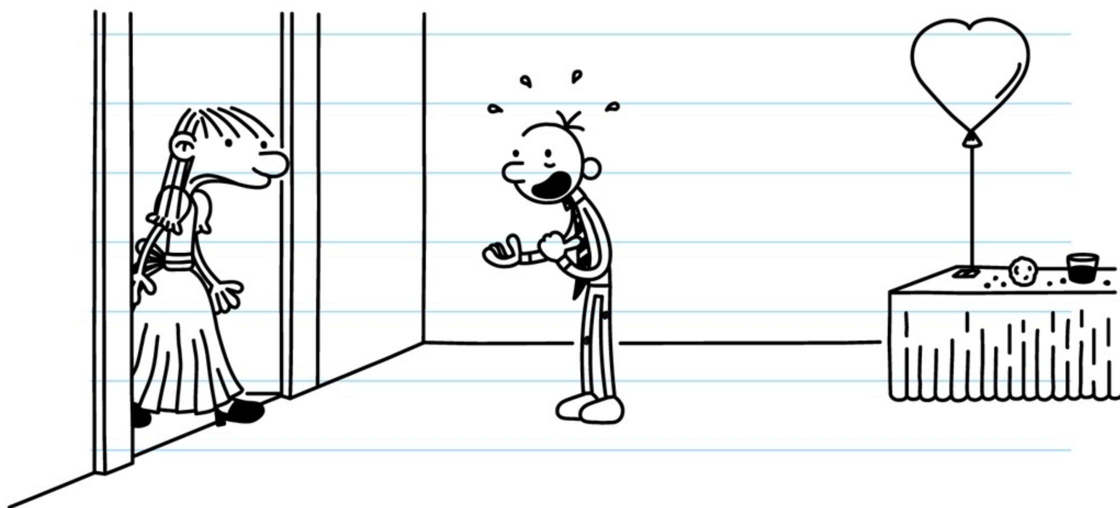
Fiquei torcendo pra música terminar logo, porque aquele baile tinha sido um desastre e eu só queria ir pra casa, jogar um pouco de videogame e apagar aquela experiência do meu cérebro.

E, justamente quando eu achava que as coisas não podiam ficar piores, vi a Ruby Bird vindo bem na minha direção.



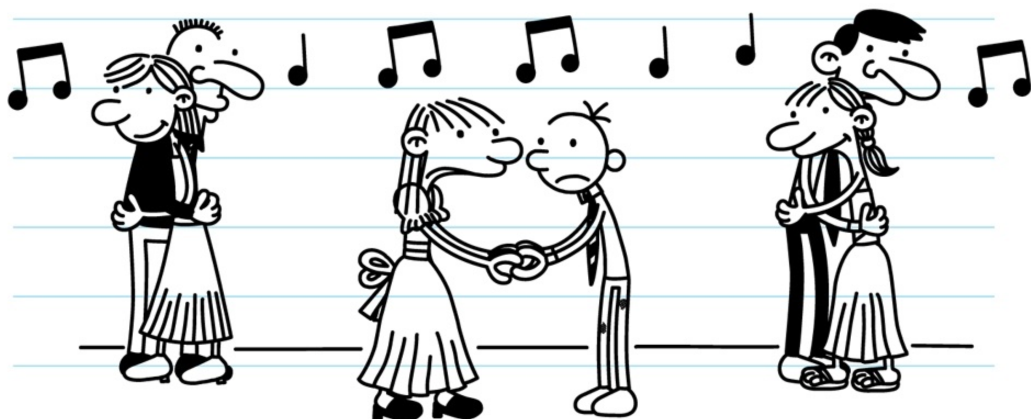
Não sei se ela ia me tirar pra dançar ou se estava irritada comigo por algum motivo, mas eu é que não queria acabar sendo mordido no meio de uma festa da escola.

Procurei algum jeito de escapar, mas estava cercado. Por sorte, a Abigail estava saindo do banheiro naquele exato momento, e eu corri pra pegar a mão dela antes que a Ruby me alcançasse.



A maquiagem da Abigail estava toda borrada por causa da choradeira, mas pra mim não fazia diferença. Eu estava feliz por ter arrumado um pretexto pra me livrar da Ruby. E, sendo bem sincero, acho que a Abigail gostou de ter sido tirada pra dançar, e a gente foi direto pra pista.

Eu nunca tinha dançado música lenta com uma garota, então não sabia onde pôr as mãos. A Abigail apoiou as mãos dela nos meus ombros, e eu enfiei as minhas nos bolsos, mas depois me senti meio idiota. Então a gente encontrou um meio-termo que pra mim parecia o ideal.



Foi aí que eu reparei no queixo da Abigail. Tinha uma manchinha vermelha EXATAMENTE igual às do Rowley.

Agora, antes de contar o que aconteceu em seguida, preciso explicar, em minha defesa, que eu já estava ficando maluco com essa história de catapora.

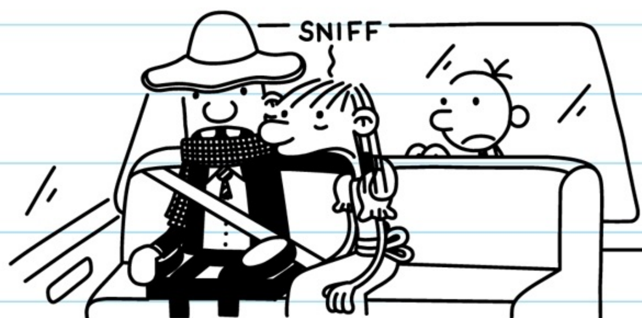
Mas confesso que exagerei um POUQUINHO.



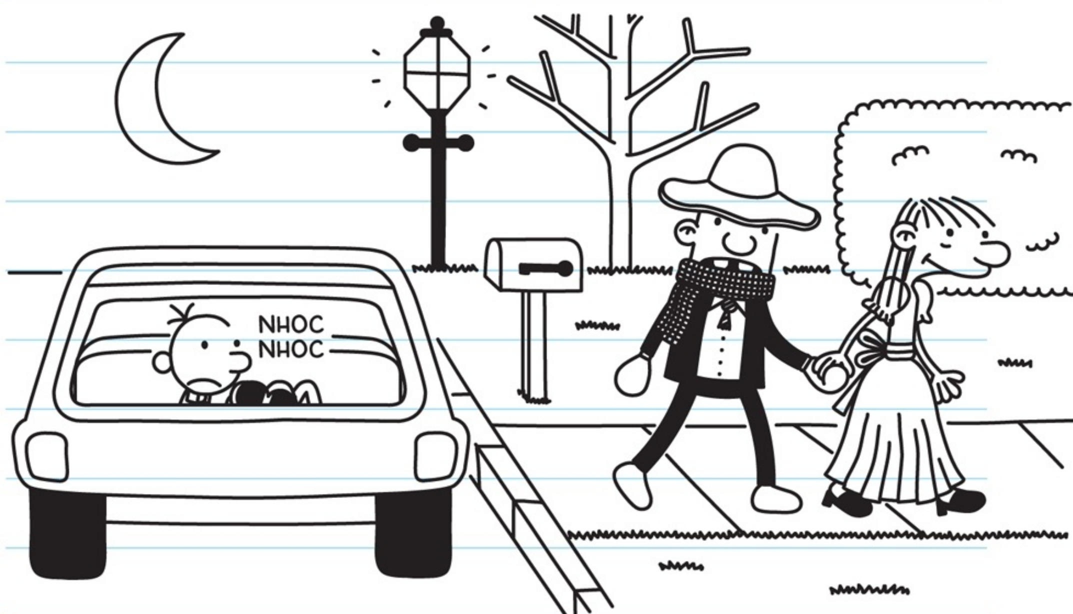
E no fim NEM ERA catapora. Era só uma espinha. Quando a Abigail chorou, o corretivo que ela tinha passado no queixo deve ter saído.

Enfim, eu sei disso AGORA, mas na hora qualquer um no meu lugar teria reagido do mesmo jeito.

Mas acho que a Abigail não pensa assim, porque na volta ela não quis saber de falar comigo.



Quando a gente chegou, foi o Rowley que acompanhou a Abigail até a porta. Pra ser sincero, eu nem liguei, porque assim tive a chance de comer o resto dos bombons. Depois de uma noite como aquela, eu estava simplesmente MORRENDO de fome.



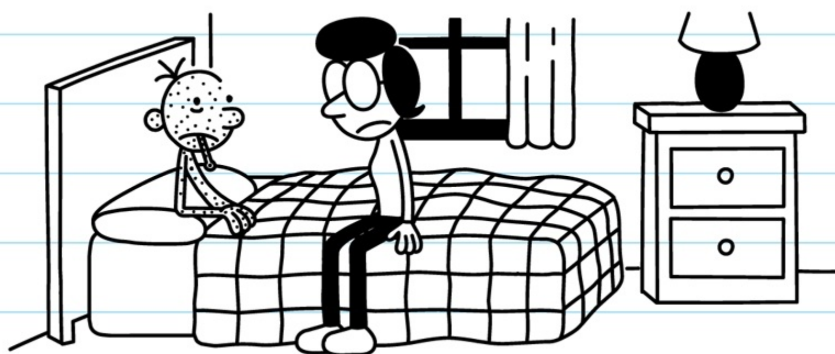
Quarta-feira

Um monte de coisa aconteceu desde o baile.

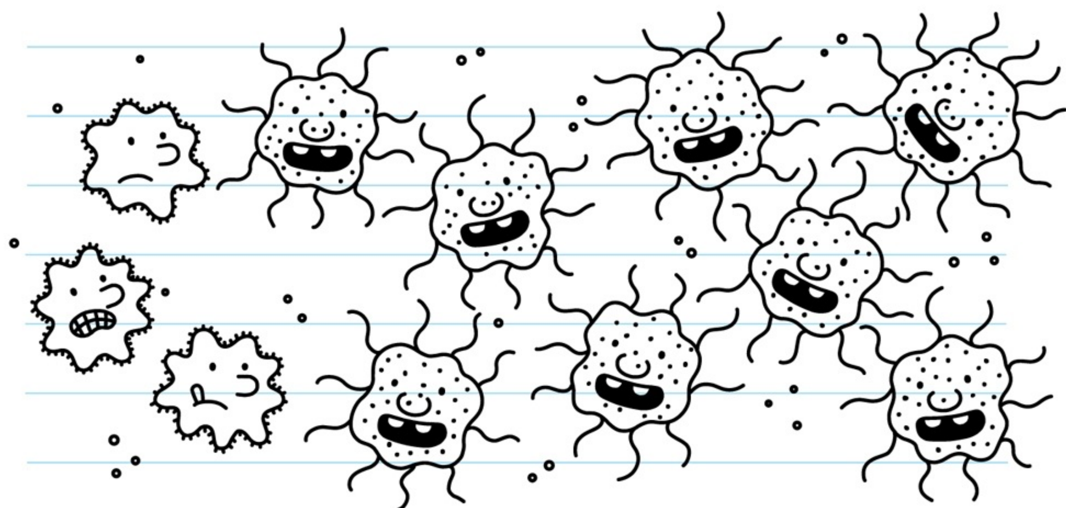
Uns dias atrás o tio Gary comprou um monte de bilhetes de raspadinha com o dinheiro das camisetas, e um deles tinha um prêmio de quarenta e cinco mil pratas. Ele pagou o que devia pro meu pai, me desejou boa sorte com a "mulherada" e foi embora da nossa casa.



O outro grande acontecimento foi que eu peguei catapora, e a doença veio com força total.



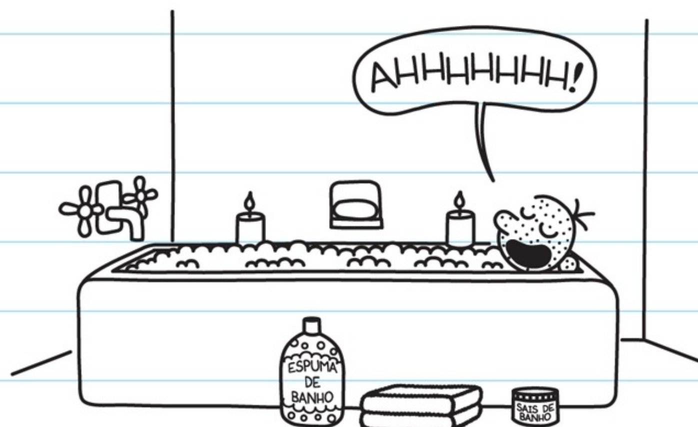
Não sei exatamente como peguei, mas espero de verdade que não tenha sido do Rowley, porque não gosto muito da ideia de ter um monte de vírus dele atacando o meu sistema imunológico.



Mas tenho quase certeza de que NÃO FOI do Rowley que eu peguei catapora. Ele passou por aqui a caminho da escola um dia desses e, pelo que deu pra reparar, ainda estava usando maquiagem no queixo. Então eu acho que aquelas manchas deviam ser só espinhas, que nem no caso da Abigail.

E, por falar no Rowley e na Abigail, ouvi dizer que eles estão namorando. Só o que eu tenho a dizer é que, se isso for verdade, o Rowley é o pior escada de todos os tempos.

Acho que vou ter que ficar sem ir à escola por pelo menos uma semana. A boa notícia é que, ficando sozinho em casa, posso relaxar na banheira o tempo que quiser sem ninguém me atrapalhar.



Mas admito que ficar boiando não é tão legal como nas minhas lembranças, porque, depois de uma hora, a pele fica toda enrugada. Então nem me pergunte como vivi assim por meses dentro da minha mãe.

Além disso, estou começando a me sentir meio sozinho. Mas talvez eu NÃO ESTEJA sozinho. Hoje deixei uma toalha limpa do lado da banheira, mas, quando abri os olhos, ela não estava mais lá.

Acho que tem alguém me sacaneando ou o Johnny Cheddar andou atacando novamente.

AGRADECIMENTOS

Obrigado à minha família maravilhosa pelo incentivo e pelas risadas. Muitas histórias nossas são contadas nestes livros e está sendo muito divertido compartilhar essas aventuras com todos vocês.

Agradeço a todos da Abrams por publicar esta série e por trabalharem tanto para que cada volume possa ser sempre o melhor possível. Obrigado a Charlie Kochman, por tratar cada livro como se fosse o primeiro. Agradeço a Michael Jacobs, por fazer tudo o que fez para que Greg Heffley atingisse todo seu potencial. Obrigado a Jason Wells, Veronica Wasserman, Scott Auerbach, Chad W. Beckerman e Susan Van Metre por todo seu empenho e companheirismo. Tivemos muitos bons momentos juntos e mais ainda estão por vir.

Meu muito obrigado a todo mundo que trabalha comigo — Jess Brallier e toda a equipe da Poptropica — pelo apoio, a camaradagem e a dedicação para criar histórias tão legais para as crianças.

Agradeço a Sylvie Rabineau, minha fantástica agente, pelo incentivo e os conselhos. E a Elizabeth Gabler, Carla Hacken, Nick D'Angelo, Nina Jacobson, Brad Simpson e David Bowers por levar Greg Heffley e sua família às telas de cinema.

E meu muito obrigado a Shaelyn Germain por ter feito com que tudo corresse bem nos bastidores e por ter me ajudado também de tantas outras maneiras.

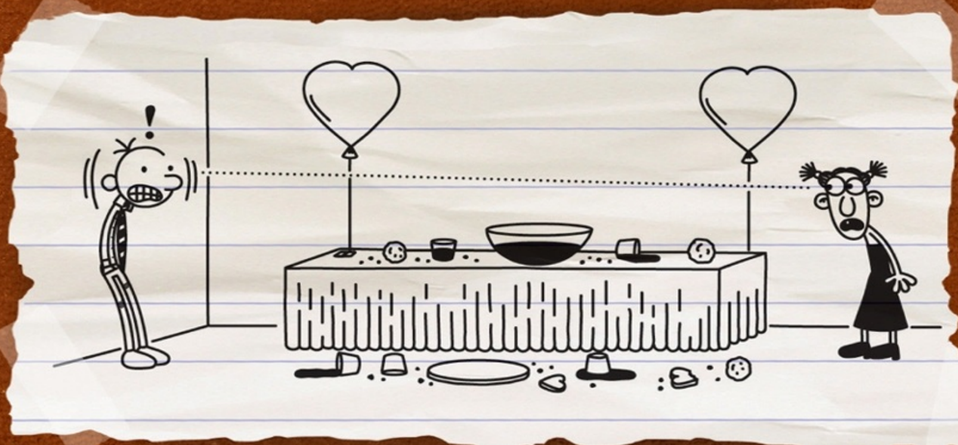
SOBRE O AUTOR

Jeff Kinney começou sua carreira desenvolvendo e projetando jogos online. Em 2007, lançou a série *Diário de um Banana*, que chegou a liderar a lista de livros mais vendidos do *New York Times*. Dois anos depois, a revista *Time* indicou Jeff como uma das 100 Pessoas Mais Influentes do mundo. É o criador do site de jogos online Poptropica. Passou sua infância na região de Washington, D.C. e, em 1995, mudou-se para New England. Hoje, Jeff mora no sul do estado de Massachusetts com a mulher e os dois filhos.

O Dia dos Namorados está chegando e Greg Heffley continua sozinho. Mas um baile organizado pela escola pode mudar tudo. Ele precisa encontrar uma garota urgentemente. Para isso, conta com a ajuda de outro "solteirão", Rowley, seu melhor amigo.



A ideia de Greg é usar Rowley como isca para atrair as meninas, uma espécie de coadjuvante de luxo que auxilia o ator principal a brilhar. Será que esse plano vai dar certo? Ou será que a flecha do cupido vai tomar um rumo inesperado?



A série *Diário de um Banana* já vendeu milhões de exemplares no mundo todo e também virou sucesso nos cinemas. Um dos maiores fenômenos da literatura infantojuvenil de todos os tempos.

www.wimpykid.com
www.diariodeumbanana.com.br

V&R
EDITORAS